

proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação.
gratuita a cópia xerox

A citação deve ser textual, com indicação de fonte.

VAS, ZEFERINO. ZEFERINO VAS (depoimento, 1977). Rio, FGV/CPDOC - História Oral, 1986 (História da Ciência - Convênio FINEP/CPDOC).

ENTREVISTA COM O PROFESSOR ZEFERINO VAS

(anexo texto de Zeferino Vas sobre a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto (USP))

ENTREVISTADORES:

TIERCE FRANZEN

RICARDO GUEDES

19.12.1977

- T.F. - Então o senhor poderia começar a contar...
- R.V. - Quando analiso o meu passado e os fatores que condicionaram o meu caminho na ciência, com todas as suas conseqüências, quer como cientista, quer como dirigente e criador de instituições científicas, fico convencido de que o primeiro fator foi ter nascido de um lar feliz, de pais que se amavam, pais que todas as noites jogavam biscoitos, os dois aos dois, de oito às dez da noite. Não gostavam de receber visitas à noite - as visitas eram para tarde, à tarde, no chá. Mas à noite, de oito às dez - ainda tenho presente na minha mente - aquele casal brigava e discutia jogando a leite de pau, com um barulho de que eles já comburiam todas as cartas, mas divertiam-se à grande, roubavam macandolosamente um do outro...
- R.G. - Isso foi onde professor?
- R.V. - Aqui em São Paulo, na cidade de São Paulo.
- R.G. - O senhor nasceu em que ano?
- R.V. - Em 1898. Papai era um stocodista de sucesso muito bem sucedido. E eu dos fundadores da Cooperativa Agrícola da Ubatuba e da colheita de cereais. Chegava às dez da noite, eles paravam de jogar e iam dormir, porque às seis horas papai levantava e ia lá para o seu arroção de stocodista de cereais. Essa lembrança, essa vivência de momentos do casal... Papai morreu muito jovem, com 49 anos, de um derrame cerebral. Ao tempo eu sofri muito. Eu estava passando do primeiro para o segundo ano de Medicina. Foi em 1926, hoje eu me pergunto se não foi melhor a solução da morte, de um do

mas que era um touro de forte, possente e poderoso, a ficar hemiplégico, arrastando uma perna e dependente. Mas o fato é que ele morreu em 16 e minha mãe foi chorando e desmaiando, de amor, de saudade.

Em 11, morreu. Morreu de saudade, desmaiando lentamente. Mas nasci, de um laç íntis. Considere como fator também decisivo de um aparente sucesso da minha carreira científica, o fato de ter sido educado pelos padres salesianos, homens realmente excepcionais como educadores. Porque eu era um menino de figura de gente, com uma atividade impressionante, uma vitalidade brutal. Conservei até hoje esse ânimo. Sou brilhante como um desceçado, como todo balatino com esse complexo. Eu era um bambuí excitado, brigava por tudo. Mas era estudioso. E esses padres nunca me prejudicaram nas notas de aplicação por causa do meu comportamento. Eles compreendiam este jovem brutalmente ativo, mas que estava, que tinha a hora certa de estudar e tirava primeiro lugar sempre, sem prejuízo de brigar. Mas eles buscavam em controlar esta agressividade em sentido construtivo.

Os padres salesianos foram os primeiros a fazer uma piscina nesse país. Falar em piscina naquele então, pôr-se lá, era um pouco escândalo. E padre! Num colégio de padre! E eu fui o primeiro que dei um salto na piscina deles - com um bar badar.

Isso em Sant'Anna, na cidade que eles mantinham para o período do férias dos estudantes. Eu era aluno externo e eles tinham alunos internos, muitos dos quais eu vinha saber por certo que eram alunos que estudavam de graça, não tinham recursos, mas nenhum de nós sabia distinguir quem pagava e quem não pagava. De deles eu posso dizer hoje. E o Visconde Freitas Borges - foi Prefeito de Fundação do Colégio

nia, Ministro do Tribunal de Contas de Goiás, Presidente do Tribunal de Contas e até hoje está vivo e ativo. E assim uma série de outros.

Estes educadores, não só ensinavam todos os jogos, futebol... Eu atirava a bola no padre, apunhava para descarregar a agressividade, dava chute no padre, e eles admitiam. Na hora do recreio eles admitiam tudo. Barra Bandeira - não sei se vocês conhecem - é uma corrida tremenda de pega. Claro que ninguém se pegava, porque eu era de uma agilidade diabólica.

E mais do que isso, liberavam-me para atuar. Foi ator de teatro nove anos - dos sete aos 16 anos, no teatro de lírica Salesiano Correção de Jesus. Teatro como qualquer teatro. Até hoje existe, com palco, com todos os requisitos, com plateia, frisas, camarões e geral. Um teatro autêntico. E nesse teatro se representava de tudo: comédias, dramas, até tragédias. Havia um número de canto, de declamação, e eu participava de praticamente tudo. Eu declamava, eu cantava no corpo coral e eu representava. Era um companheiro naquela época Rodolfo Mayer, que depois continuou naquela escola ascendendo de grande artista e chegou às Mãos de Artífices. E eu entrei pelo canto, entrei pelo caminho da música, me dediquei, do ponto de vista artístico.

Era o fato é que esta atividade teatral e mais a atividade de cinema - fui ator de cinema da Companhia Mineiros de Progresso. O diretor era o José Medina, ainda vivo, com 80 e tantos anos. Eu era uma espécie de Fabiano Calvo, que fui quando eu conheci Monteiro Sobrinho. Eu era um menino de dez para 11 anos, e estive nos filmados no filme chamado "Como Deus Castiga". Fiz toda a parte da infância e depois um

outro artista fez a parte de adulto. Não estavam filmando no Osasco, na fazenda do Salfino Corrêira, e apareceram lá o Monteiro Lobato. Apareceu porque o diretor da empresa, que era o professor Miguel Milano, grande artista, com um olhar - não do tipo de olhar profundo que declarava La Morta Civiltà, de Ferroni. Ela imaginou fazer um roteiro de um filme baseado no conto "Os Escoteiros" do Monteiro Lobato, que talvez vocês não conheçam, mas que é um conto espetacular, do livro Truques.

E o Monteiro Lobato queria saber com quem estava tratando, para dar autorização para o filme. E apareceu então num set de filmagem, em Osasco, onde fez questão de tirar uma fotografia consigo. Esta fotografia, não sei como, foi parar nas mãos de Alex Vianny que escreveu depois a história do cinema brasileiro, publicada na revista Comuna. A fotografia mostra com o Monteiro Lobato ao lado da legendar: "Esta fotografia, este jovem menino, deve ser o hoje Professor Sefecino Vas, diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto." E era.

Mas estou contando isto porque esta atividade teatral no castilhou a apostar a voz, me ensinou a usar a gesto adequada, ao mesmo a dirigir-me ao público olhando para os olhos do público. Como esse público sempre se entusiasma depois, havia pomas, por reflexo condicionado estabeleceu-se para mim que falar ao público é bom, é agradável. Então, não tenho nada, em contradição, para mim é agradável expor aos meus olhos um papel na frente, talvez a exposição seja um pouco desordenada, mas sai do dedo, com grande força de comunicação, e isto me serviu tranqüilamente para fazer o concurso de cátedra e para o sucesso aparentemente como professor, para quem os estudantes tinham pomas e sempre queriam as aulas. E eu era classificado sempre como um bom professor.

Isso tudo derivado daquela atividade teatral que eu desenvolvi durante nove anos. E mais, a mesorregião e o expediente de excogitar dentro de uma seqüência lógica para a exposição. Tudo isto deve às atividades teatrais desenvolvidas na Línea Coração de Jesus. Agora a parte do desenvolvimento físico. Sou um sujeito de uma tremenda resistência física. Foi corredor de 100m rasos no Pacífico, fiz parte de uma turma de 100m rasos, 200m rasos, e depois reversamente de 4 por 100, 4 por 200, figurando em duas turmas. Tudo isto derivado desses países salientando, que entendiam de 30 vers, que davam uma situação moderna, uma piscina. Isto em 30? Imagina uma piscina em 27, aqui? Foi a primeira feita no Brasil.

R.D. - Isso tem alguma coisa a ver com o movimento de educação no 1º. na época?

T.V. - Ah sim! Veja bem. Dom Bosco foi um professor inovador. Ele é criador de uma instituição que chama Oratório Festivo. Veja bem, pensa um pouco, oratório festivo quer dizer algo que seja festivo! Quando a religião era toda ela de obrigação, sãbia, isso tudo com uma cara fechada, era o nêta do inferno, e não disso, não daquele, ou confessa ou ali para o inferno, não foi o Oratório Festivo. Que é isso, Oratório Festivo? Nos domingos os alunos externos eram obrigados - não era obrigatório ir à tarde - por jogos que eles praticavam, por cinema - eles projetavam filmes - por atividades de teatro, por atividades oficiais. E uma vez por mês ia à Igreja, para a bênção dos Santos Sacramentos. E depois tinha um lanche feito, curaçol. Veja bem, em 1860 Dom Bosco, ele criou o Oratório Festivo em 1860/1870. O Brasil ainda nem tinha pensado em religião católica.

Não creio que ele o fizesse com objetivo de inocular opositividade perante a fé, mas que ele conseguia isto porque acreditava a fé em coisas agradáveis. Não tenho óvvida nenhuma. E eu não sou uma lebreira disso tudo. Gravou-se na minha mente.

Mas saindo do Liceu Coração de Jesus, em fins de 1925, fui exatamete direto para a Faculdade de Medicina de São Paulo. Franco, aproximadamente, 500 candidatos para 50 vagas. Fiz exame dirigitado e entrei em terceiro lugar. Isto significa que eu tinha uma boa preparação.

T.M. - Naquela época era costume ter os exames preparatórios?

L.V. - Não, não era; mas em geral o indivíduo ficava um ou dois meses estudando especificamente para o exame vestibular.

R.G. - Como era esse vestibular, na época?

L.V. - O exame vestibular, na época, consistia de uma prova escrita, de uma prova oral e de uma prova prática. Para a Faculdade de Medicina, fiz exames de Física, de Química e de História Natural. Quer dizer, Zoologia, Botânica, Geologia, Mineralogia, História Natural. E a prova escrita era corrigida uma por uma pela banca examinadora. Depois havia uma prova oral. Uma com o mesmo tema com o estudante. E uma apreciação de que é o indivíduo, quer ele se despenda. E a prova prática. E como eu tinha tido uma boa preparação, entrei em terceiro lugar.

Mas o fato não é este. O que aqui se faz comparar aquilo que eu soubo quando eu entrei para a Faculdade de Medicina e eu tenho uma memória bastante boa - com aquilo que soubo hoje um estudante que entra na Faculdade de Medicina - a eu

quero ser bom aluno na afirmação - é que os estudantes hoje têm muito mais intimação. Ele é uma terceira de com o cixentes enlatados, ele sabe uma porção de coisas, sabe muito mais coisas do que eu sabia quando entrei para a Faculdade de Medicina. Mas a diferença que eu sinto é que eu tinha adquirido os instrumentos de sculturação, eu sou. Então, eu sabia muito bem Português. Tinha lido todas as clássicas na língua. Este ensino de Português havia começado no preliminar, pela leitura, em voz alta, de trechos de grandes escritores, de antologias antigas. Cada um de nós era obrigado a ler em voz alta, pronunciando todas as palavras - isto para mim era facilitado, porque eu era ator de teatro também, então não tinha problema - mas ler trechos de Machado de Assis, de Eça de Queiroz, de Vergiliana ou de Padre Vieira despertava a curiosidade. Depois era passar a ler esses todos.

Então, eu gostei o Eça de Queiroz, como faço até hoje, quando de estudante secundária. Machado de Assis... Não li, é claro, o Bernadete, não li o Padre Vieira. Lá tempos das férias do padre Vieira, um ou outro - aquilo é chato, mas não para se estar lendo. Mas o Eça é divertidíssimo, o Machado é um encanto. São os dois escritores da língua que eu cultivo até hoje, sobretudo o Eça de Queiroz, pelo gosto e porque ele é um analista da alma humana, e o analista da alma humana é eterno, por isso é que ele é um escritor eterno. Os defeitos da alma humana são iguais na Grécia e agora, não têm diferença nenhuma.

Mas agora é Português, eu conheço o francês de falar. Talvez foi uma circunstância, mas não.

de fôlha de La Fontaine, as belezas de Chateaubriand
 Lia correntemente, sem nenhuma dificuldade. Gramática fran-
 cesa - os verbos irregulares eu sabia conjugar-lhes todos! Sa-
 bia traduzir correntemente o Inglês. Conhecia Matemática e-
 lementar: Aritmética, Álgebra, Geometria e Trigonometria. En-
 tão eu tinha como instrumento de aculturação próprio, não
 dependendo de outros, as formas de comunicação: a linguagem
 vernacular, língua estrangeiras e a linguagem matemática,
 que me permitia ler um livro de física: o *Revue de Physique*
 de Nobre. O Nobre, aquele compêndio de Física
 de Nobre. Ler a física, porque qual era a dificuldade de
 ler? Aquelas fórmulas não tinham para mim segredo, pois eu
 conhecia a Matemática elementar. Então, veja bem a diferen-
 ça: os estudantes que ingressam hoje numa faculdade, que
 vão fazer o vestibular aqui na USP ou na UNICAMP, num curso
 médico, eles sabem muito mais coisas do que eu sabia, segu-
 ramente, mas a diferença está em que eu adquirei instrumentos
 para fazer a minha própria cultura. E como você dar para
 um indivíduo o arroz, o feijão e batatinha, tudo pronto
 para ele comer, e a outro você dá o tractor para ele ...

- T.P. - Seria a diferença entre a informação e a formação?
- S.V. - É a formação. Exatamente. Essa é a diferença básica que
 eu vejo no ensino secundário do seu tempo e no ensino secund-
 ário de hoje. O fato é que eu entrei para o vestibular de
 Medicina.
- T.P. - O senhor entrou com o idêntico de seguir carreira de médico?
- S.V. - De médico, como todos nós. Clínico. Naquele tempo nem se
 pensava em ciência. Saçudo, porém - e isto é um depoimento

fundamental-que no dia 14 de março de 1926 ministrou a primeira aula de Parasitologia para a minha turma o professor Luiz Pereira Travassos, que viera de Mangueiras, contratado pela Faculdade de Medicina. O diretor Pedro Dias da Silva contratou o professor Leuro Travassos, que trazia como assistente Cesar Pinto.

Chego à primeira aula, quando está terminado, o jovem adolecente, que nel tinha 17 anos, tem o atrevimento de ir à sala do Professor Travassos, que era uma salinha minúscula, ridícula, e dizer a ele: "Professor, sei que vou fazer Parasitologia, e gostaria de saber se posso trabalhar contigo?" - Ele - aquela alface senador do fluminense -, uma simpatia personificada, olha para mim com um riso extremamente agradável - tempo isso fixado, fotografado na minha mente, e me diz: "Olhe, meu filho, vou fazer uma autópsia agora, você quer me ajudar?"

Vejam o que é o educador valorizando o educando. Eu que poderia eu ajudá-lo? Um homem como Leuro Travassos que já era considerado uma das maiores figuras vivas do conhecimento. Havia saído recentemente o livro de York and Angleton de Oxford, que é um tratado de Nematóides. A introdução, a filosofia de Nematologia era quase toda de Travassos. Dificulta pontos de vista dos outros mas ... "Veja na obra de Leuro Travassos". "As Janelas das pedras antigas". Uma na introdução, na bibliografia, mais de um centena de trabalhos de Travassos citados.

Daião vejam o que é o autêntico cientista e educador, que nunca havia aprendido pedagogia. É intuitivo o que diz aquele jovem adolescente que ele conheceu ali, no primeiro dia, "Você quer me ajudar na autópsia que eu vou fazer?"

"Isso eu quero sim". "Então vai vestir o avental." E a partir daí, durante três anos consecutivos - 26, 27 e 28 não nunca disseme até amanhã, porque nunca saíam do laboratório antes de duas horas da manhã. Para o adolescente que ingressara numa faculdade com uma vitalidade tremenda e se não fora dirigido para uma atividade construtiva, e não destrutiva, seria um gangorra de primeira qualidade... Pode ser certo que nem mesmo indivíduos que se dedicou à ciência, se não dedicasse ao crime, não tenha dúvida, seria um sucesso tremendo, pela coragem, pela brutalidade de atividade e pela rapidez de raciocínio.

Três anos maravilhosos, em que ele, pouco ensinava. Vejam bem, ele não dava problemas para resolver, cada vez mais complexos, ele não dava desafios, se orientava na busca de bibliografia, se orientava nos técnicos. Com clareza um mensúrio, como curar um transistido, como obter a boca de um mensúrio extremamente pequeno para cima de microscópio, que não é fácil, para depois, se câmara clara desenhava, usar a câmara clara. Mas sobretudo ele ensinou a necessidade fundamental de ser honesto na bibliografia científica, ler tudo o que se publica sobre a especialidade, para não estar descobrindo a América do novo, para ser honesto em valorizar aquilo que já foi feito e por quem foi feito. Mas como eu tinha facilidade no Inglês, no Francês, aprendi um pouco de Alemão, fui aprender um pouco de Russo, o Italiano e o Espanhol não tinha dificuldades... Recobria desse homem esse aspecto contínuo de seriedade brutal na direção. Aprendi com ele, por exemplo, a nunca satisfazer-se com a citação de um autor que está num livro de texto, que cita 14 o autor e dá a opinião do autor num livro de texto, não se abor, você tem que ir ao original, porque o aferra de votos

em que o pensamento do autor é deturpação, ou por não tradu-
ção, ou por não ter sido compreendido adequadamente - porque
em geral os que escrevem livros didáticos ou científicos são
um pouco apressados, falam pouco, em poucos, critérios básicos.

Nas toda a minha vida foi sempre a da busca da fonte origi-
nal, e é por isso que fui aprender a traduzir pouco com Clá-
udio Pereira, que quando conheci e trabalhar com a tradução
estava voltado para Química com Hilvert, aqui na Faculdade
de Medicina. E isto agora é uma coisa *off the record* - eu
não acreditava no Hilvert, e não acreditava porque a Química
de Hilvert ia até o Moisson, Frery e Gutier, até 1930, até
Augusto Costa. Ele era um positivista ferrenho. Tudo o que
se fez depois era secundário, e ele não falava. Não começou
casual que tivesse usado com tanto habilidade a técnica do
Conselheiro Adolfo de não abrir a boca para não dizer nada.
Não era o conselheiro Adolfo, era aquela figura eterna do
Viz de Oliveira que não abria a boca para nada. Ele não abria
a boca, então passava por um sábio, e ele tinha conhecimentos
clássicos - tinha sido educado no carapaz. Então tudo aquilo
que ia em matéria de Química até o Gutier, o Moisson e Frery,
que eram os grandes tradutores da época, era Química. O res-
to não.

E eu sentava que isto não era boa ciência. Eu habitava com o
Travaços, com essa crítica contínua e busca do ... logo o
cientista: "não perca o seu tempo aí fazendo sua preparação -
zinhas de bicromato, de não sei o quê. Vamos fazer, vamos ter
banho". E o Clemente foi, por sorte minha, e passamos o ter-
ceiro banho juntos. Também ele ia dia e noite conosco no laborató-
rio, e o professor Paulo Artigas também, e Júlio Puentes de
Magalhães, porque o Travaços tinha essa qualidade exemplar -
mais estrita.

Estou bem convencido de que se ele fosse para a ilha do Xu ranel, junto com os índios Xavantes, ao cabo de dez dias ti na de os índios interessados em fazer parasitologia. Porque onde ele foi... Daqui de São Paulo ele esteve na Bahia, em uma depois na Universidade rural do Rio de Janeiro, para onde ele sempre justava discipulos, sem falar no Instituto Os valdo Cruz, onde ele justou aquela equipe formidável de 12 vezes. Era uma figura... E que não ensinava, veja bem, não ficava ministrando lições. Ele punha desafios, ele fazia ju vez exercitar a sua capacidade de excitar.

Lucien Ijón, que é de Ribeirão Preto, e é o fundador da Hig toquímica, deu uma definição de ciência que achei formidá vel: "Ciência é a arte de se viver". É realmente bem expre sivo. É um indivíduo exercitar a insatisfação contínua dá ante do conhecimento adquirido, a tenacidade de perseguir o objetivo, não se deixar vencer por dificuldades aparentes. Quando problemas ou levava nesses para resolver lá, não fi cava ali feito um buldogue, teimando ali até levar a solu ção para ele. Ali ele dava a língua, ficava relaxt. Hum em te homem era cria do Oswaldo, do Instituto Oswaldo Cruz. Xu rão, com um neto do Instituto Oswaldo Cruz. Em 1920, public ou o seu primeiro trabalho - estava no 49 ano de Medicina - nos Comptes Rendus da Société de Biologie de Paris. Mandei o trabalho para o Brumpt, e ele publicou, agregando à so ciência e publicou. Depois publicou outras, do sorte que em 1929 ...

T.F. - O Brumpt tinha estado aqui, não é?

X.V. - Tinha estado em 1913, na Faculdade de Medicina de São Paulo.

T.P. - Mantinha sempre contato com o meio brasileiro?

S.V. - Mantinha. Comedia boa e respeitosa o Travassos - claro. Tinha por ele um profundo respeito. Mas, em fins de 1928, o Travassos foi convidado pelo Tropic Institute de Hamburgo. O Filler Born era o diretor do Instituto. Em 1928, o Filler Born passou pelo laboratório aqui de São Paulo - um laboratório modestíssimo - onde não publicávamos o *Arztliche Zeitschrift*, uma revista científica do laboratório de Travassos. Tenho aqui a coleção, se você quiseres posso dar uma.

T.P. - Esse Boletim foi de quando a quando?

S.V. - Esse Boletim foi depois continuado, um pouco, no Laboratório de Souza Campos, aqui na Faculdade de Medicina.

T.P. - Direto de Souza Campos?

S.V. - É. E depois foi se extinguindo.

Em 1928, então, ele foi para a Alemanha para ministrar cursos de pós-graduação, de especialização em Parasitologia no Tropic Institute de Hamburgo, e lá ficou dois anos. Foi um sucesso tremendo, é claro. E não passamos, então, a trabalhar no laboratório de Souza Campos. O laboratório de Parasitologia ficou fechado, porque a cadeira de Parasitologia, que estava no IV ano, foi transferida para o 3º ano do curso médico. Então, ficou fechado.

T.P. - Durante dois anos?

3.V. - Durante três anos, Al. e Clemente e o Zeferino foram para o laboratório de Souza Campos, que nos obrigou. Lá estava o Flávio da Fonseca irmão do Olímpio, como 1º assistente de Microbiologia - um excelente professor de Microbiologia - e lá conhecemos o Floriano de Almeida, que foi o sujeito que demonstrou que a blastocitose brasileira era diferente da americana. Paratuberculose Brasileira era diferente de *Coccidiosis Intest.* Admitia-se que fossem a mesma espécie. Vi nascer esses trabalhos do Floriano, que era um clínico que tinha vindo do interior e que não sabia nada de nomenclatura, mal sabia microscopia. E eu me lembro bem das primeiras preparações que ele fez, levado pelo Souza Campos para a Santa Casa.

Ele estudava fontes de blastocitose. Era muito comum. Fazia uma série de biópsias, depois trazia para o laboratório e estudava. Ele mostrava, então. Chamava a mim e o Clemente e dizia: "Olha aqui. Um caso é uma endosporulação, no outro é uma exocorporação. Será a mesma espécie? Não, não pode ser. Tem que ser diferente." Mas essa espécie já fora descrita aqui pelo Esplendori em 1909, III, uma *noiva asiática*, não tenho bem idéia da data, com o nome de *Elmouza Brasiliense*. Simons era um gênero que incluía, todo quanto é espécie de *noiva*. Era assim como uma espécie de *Sacalis* em Helminthologia. Então, ele criou um gênero novo, mostrou a que o Esplendori já havia descrito e criou o gênero *Taxococcidiosis*. Foi um estudo científico. Isso nós vimos nascer no laboratório de Souza Campos, no começo de 1929.

Estávamos trabalhando no laboratório de Souza Campos, comi apanha e publicar o *Boletim Biológico*, que ficou sob o nome

so embargo - do Clemente, mas o do Flávio da Fonseca. Em agosto ou setembro de 19 recebeu um convite do Instituto Biológico, que acabava de ser fundado pelo Artur Heilvo - esse grande brasileiro, careca, baiano de gênio, cida do Oswaldo também, homem extremamente interessante, porque tinha uma inteligência brilhante. Mas do que ele mais se vangloriava era da força física. Realmente era um homem de forte. Ele tinha sido um brigador ferido, ao tempo de estudante de Medicina. Era um sujeito que se sabia que no favela tal havia um valente, ele ia lá saber se era mais valente que ele. Um sujeito que raspava um baralho assim. A mulher dele é que o endireitou, tentou pô-lo na linha, numa linha...

T.P. - É descendente de alemães, não é?

L.V. - É e casou com a mulher.

O Arthur Heilvo chefiava aqui em São Paulo o serviço sanitário quando veio a broca do café, que ditou a lavoura da febre, que era toda a base de sustentação econômica do Brasil. Ele foi nomeado com o Costa Lima para uma comissão para investigação da praga do café. E, como consequência desses estudos, surgiu a idéia de se fazer um instituto que estudasse Patologia vegetal e Patologia animal, que era um talento despercebido, não era cuidada. E aí ele teve o apoio de Fernando Costa. E teve um apoio mais ou menos concreto - hoje não é mais, evidentemente - mas muito importante do filho de Desquita Filho do S. Parada de S. Paulo. Na redação de S. Estado de S. Paulo. Isso foi em 27, 28.

Então, as planas do Instituto Biológico foram estabelecidas

cutidos no laboratório de Travassos, quando ele ainda estava aqui. Estou voltando um pouco atrás porque, além da influência de Travassos e de César Pinto, que o Clemente e o Leferino recebiam na sua formação, o laboratório de Travassos atraiu grandes figuras: era o Costa Lima, era o Agostinho de Almeida, era o Rodolfo von Ihering - grande zoólogo -, era o André Dreyfus, que veio do Rio de Janeiro contratado para a cadeira de Histologia.

Lebro-me bem das discussões. Naquela época eu tinha uma formação lamarckiana, era um evolucionista lamarckiano, e não a o desmoronar das espécies espolgava, era uma coisa que a teoria para a lógica humana, e o Dreyfus já tinha adquirido todos os conhecimentos das mutações, os trabalhos todos de Morgan de mutações. Então, eu tinha discussões travadas com o Dreyfus. Até hoje olho para este retrato de Dreyfus envergonhado. Como é que eu tinha atrevidamente de discutir e ele escitava a discussão de um jovem que tinha, 17, 18 anos. Ele, um homem feito, nunca usou um argumento de autoridade. Nunca disse: "Maninho, você não sabe nada, está a boca, não vem discutir comigo." Nunca! Ao contrário, buscava rebater com dados concretos, científicos. Fazia a crítica de todas as provas do evolucionismo clássico, as provas embriológicas, as provas anatômicas, o conceito de que as embriões são o sujeito desde todo o caminho da evolução, desde o protoplasmático até o adulto.

De vez em quando vinha o Álvaro Góes, muito amigo de Travassos. O Miguel Góes aparecia lá também. O Tenry, diretor do Museu Paulista, historiador. Era um grupo de homens excepcionais, e eu aprendia um pouco mais de cada, mas recebendo as influências das discussões abertas, fran-

mas, de homens de espírito largo, que queriam a critica, queriam ser criticados, queriam a discussão, a polémica e intercâmbio de idéias. E via esboçar-se o Instituto Biológico ali, com uma visão ampla, não uma visão estreita, limitada, não de uma Patologia restrita, mas de uma Patologia comparativa, em que entrava a humana, a vegetal e a animal. Enfim, a Patologia de todos os seres vivos, porque os fundamentos são os mesmos.

Outro dado importante na minha formação. O Rodolfo Von Ihering, como todo bom filho de alemão, era tocador de violoncelo, e aconteceu que a senhora dele, dona Isabel Von Ihering, era uma pianista maravilhosa. Aquelle grupo de, que tinha como figuras fundamentais Antonieta Pudge, a Madalena Taelisferro, Guionar Novena. A dona Isabel era do grupo, mas ella casou com o Von Ihering, então passou a ser a senhora Von Ihering, mas continuava a tocar. As quintas-feiras havia uma reunião na casa do Rodolfo Von Ihering. E a essas reuniões participava quem? Francisco Mignone, até hoje vivo; Camargo Guarnieri, ao músico erudito vamos dizer assim; aparecia o Heitor Tavares, que foi o criador de música folclórica erudita. Vivia um senhor pequeno.

2.2. - Não, mas todos usavam eu torção.

2.3. - Não, como poetas apreciavam Guilherme de Almeida. Heitor de Pina, até hoje vive - está com 80 e já vai pedrada - e Cláudio Carpes, poetas que levaram as primeiras das suas composições, como Mignone e Camargo Guarnieri levavam para dona Isabel. Elle levava os originais e dona Isabel, então, tocava e sugeria acordes, mudanças e tal. E eu do

clonava muitas dessas coisas que eles levavam lá, porque era bom declarador. pintava o Wain Vieira, que ia lá, participante de 1922 e criador da cartolina artística do Brasil. Katão, influências artísticas e científicas simultâneas.

(FINAL DA FITA 1-A)

- E.G. - O senhor falava das influências artísticas e científicas,
- T.P. - Que não configuravam homens...
- E.V. - ... de visão estreita, nos homens que queriam ver, tinham uma visão angular de 360 graus. Não falava tanto em ecologia, como se fosse uma coisa nova. O Rodolfo Von Ihering só falava em ecologia, um naturalista antigo, era um ecólogo, porque ele não era um zoólogo que apenas ficava pegando bichinhos. Não, ele queria saber em que condições vivia esse bicho, que condições de terreno, que condições vegetais, que condições de temperatura, de umidade. Não se falava em eco-sistema, não falava-se em ... O nicho ecológico, que foi criado posteriormente pelo Su-trovitsk, que eu conheci na Rússia. Mas eram ecólogos que tinham uma visão angular de 360 graus, buscando ver que parâmetros, no fenômeno biológico - que é ultra complicado - interferem na produção de um certo fenômeno. E isto, gente, veja bem, influenciando sobre um adolescente que estava aliadoando em 19 anos de idade, numa fase de impregnação, impregnação da mente e da alma. Em 19, em tão, nós fomos - Clemente e eu - convidados para ir para o Instituto Biológico, para resolver um problema - que se punha no Instituto. Era uma episcopia de cabras

em Carpininha. Carpininha é uma fazenda do Estado, agut na região do Mogi-Mirim. O Fernando Costa havia importado algumas centenas de cabras tugenburg da Suíça. Elas chegaram aqui na primavera. Quando veio o verão, águas, clima quente, úmido, as cabras começaram a morrer de uma broncopneumonia. Tosses, tosse, emagrecimento contínuo e tal, morte. O diagnóstico anatopatológico: cor broncopneumonia.

Então, eles lá no biológico buscavam vírus e bactérias, a qual é? Seria a Pasteurera, a qual seria a Salmonella, a qual seria a Proteusella, capaz de produzir o vírus? E nada. Foi quando o Rodolfo Von Iberius lembrou a possibilidade de ser uma helmíntose. Acertou que os helmintologistas, com a saída de Travassos, eram o Ruffino e o Clemente. Então, fomos convidados pelo Athias Neiva para tentar resolver esse problema, e não tivemos grande dificuldade, porque fomos a Carpininha e verificamos que essas cabras, à noite, eram recolhidas a um redil, a uma xonxira de terra, chuva. Então ficavam a gueltes poças de água e elas se deitavam sobre essas poças de água. Tudo quanto é verme que sai do intestino, tem ciclo evolutivo exterior, forma a larva infestante que penetra pela pele - está a ver - tinha as condições ideais de penetração da pele, de fazer o ciclo pulmonar ou o ciclo de leite. Então, pois, nós, foi muito fácil chegar lá e ver: "Bom, aqui está o ideal". Pegava-se um pouco de água de algumas poças e tinha milhares de larvas. Bom, pode ser que sejam resistentes de vida livre. As cabras que morriam a gente autopsiava, e se previa o pulmão, saíam quantidades de larvas. "Está

ben, nos precisa demonstrar, cientificamente, que essa
 ção a causa da broncopneumonia". Para nós não tinha
 dúvida, nas circunstâncias convencer o Instituto Biológi-
 co.

Então, passamos a fazer cultura de Escher pelo método
 de Bensen, de isolamento de larvas, para obter larvas
 e para infectar. Pelo método de Densen, que é um método
 de filtração de ar quente a uma velocidade a gente põe as larvas,
 fica em contato com a água quente. O piloto do tipo
 de Densen, conforme a distância, mantém a 17 graus. Na
 tão, em contato com a água quente, essas larvas desce
 para a água e um tubo de ensaio, abaixo, recolhe. Nas
 ocasiões que, com a água, o pigmento Miller também desce.
 Pica aquela água suja e ultra-contaminada.

Aí o Clemente, que era um sujeito de cabeça, imaginou,
 em vez de gás, pôr papel de filtro, porque disse: "Se
 a larva penetra através da pele ele é capaz de atravessar
 um papel de filtro". E, realmente, usamos papel de
 filtro em lugar de gás. Então, elas atravessavam, ti-
 nha-se uma água límpida. Mas essa água estava contaminada
 de com bactérias, porque as bactérias também atravessa-
 vam. Então, surgia o problema: "Como esterilizar es-
 sas larvas, porque se a gente usasse essas larvas com
 bactérias para infectar cobritos iconos de infestação,
 e desencadeassem pneumonia, podiam dizer: 'mas, pode ser
 um verme que foi junto'". Já, nós tivemos a idéia de
 usar prata coloidal. A prata coloidal tem um papel
 germicida - é a base do salus, do meringa salus, que já
 queria então já existia. Foi no Öttinger, o descobri -

dor do papel da prata coloidal, que era um veterinário professor da Politécnica. E ele nos deu prata coloidal.

então, posemos prata coloidal no tubo de ensaio onde se recebia aquela água, que era transparente com as larvas. A gente via, assim, por brilho, por reflexão, no microscópio ali, e a água bem transparente pelo papel de filtro, que não deixava passar pigmento da urina. Ao cabo de 24 horas entregávamos essa líquido a bacteriologista. "Vê se tem bactérias aqui! Então ele buscava E. coli, Tigg, todos os meios, não é. Estava esterilizado. Então, essas larvas é que foram usadas por nós para infecção experimental de cobritos isentos de infestação, e reproduzimos o quadro da hemoprovasa helmíntica. Foi o primeiro trabalho nosso feito no Instituto Biológico. Somos nomeados assistentes do Instituto Biológico com essa prova de que tínhamos capacidade de executar, porque isso era um assunto novo, as coleções foram novas na condução do trabalho científico. A arte de se virar em que o elemento era espetacular.

então, em que ambiente nós fomos trabalhar?

Estávamos passando do 47 para o 54 ano de Medicina. Já vemos adolescentes, com 20 anos, mais ou menos. Idade, em que veja esses homens lendo Gib e Tio Patinhas, nós estávamos implantando um laboratório científico. Em que condições? numa garagem de um prédio particular, onde estava instalado o Biológico. Nessa garagem - que era bem menor do que esta sala -, uma quarta parte era

ocupada por um quarto "estafé", onde os bacteriologistas - e eu vou falar deles - cultivavam as suas bactérias. E não dispunhamos de uma mesa bem menor do que esta. O Clemente ficava de um lado e eu do outro, cada um com o seu microscópio, e tínhamos como instrumento de trabalho placas de petri, bisturis, pinças, agulhas, soluções fisiológicas, termol e coisas desta ordem.

Nas nós tínhamos aprendido a trabalhar em condições precárias. E quando o homem quer pesquisar, não fica à busca de instrumentos cada vez mais sofisticados, pedindo sempre, "Se não faço isso é porque não tenho aquilo", "não faço agora, porque falta aquele outro". Esses são os indivíduos que nunca fazem nada, porque estão querendo sempre.... Isso o Travesso me disse: "Olha, meu caro, para o meu corredor até as pernas atrapalham", para não dizer outra coisa, não é? É; ele ainda: "Para o meu corredor até os gentelhos atrapalham." E isso mesmo: nas nós tínhamos aprendido a trabalhar nas condições de um Brasil pobre e a saber que o gente pode fazer algo novo, criativo. Novo cientificamente. E aprendemos mais: não há ciência aplicada ou ciência pura. Há boa ciência ou não há ciência. Essa distinção de ciência pura e ciência aplicada é artificial, não tem o menor sentido. Quando se faz ciência aplicada, resolve um problema de realidade, encontram-se motivações para fazer ciência básica, pura, na melhor.

H.C. - "O senhor inclina a Física também nessa observação?"

S.V.

- Ah, perfeitamente. Hoje, então, com a autoridade -
naquela então, não - de quem implantou a UNICAMP e que
está assistindo todos os dias ao Sargio Porto e à sua
equipe de raios Laser trabalhando em oftalmologia, re-
solvendo problemas de retinopatia diabéticas, resol-
vendo problemas de glaucoma e de descolamento de reti-
na com raio Laser. E agora emarto de ninguém por to-
ta consolação com raio Laser, em associação com rádi-
o - e máster sorinha não pode, e físico sozinho não
pode..-

E isso não prejudica em nada que a equipe do Sargio Por-
to trabalhe em espalhamento de luz em sólidos, que é
o ramo mais avançado do conhecimento da matéria. Vag-
nicó, alias, introduzida pelo Sargio Porto, foi ele
quem primeiro usou o Laser para o espalhamento de luz
em sólidos. Foi porque houve um congresso internacio-
nal lá em Campinas, em 75, e foi um sucesso tremendo.
Vieram 350 acadêmicos cientistas de todo o mundo. E as
contribuições dele são... Não prejudica em nada, ao
contrário, ele fica feliz quando encontra uma motiva-
ção,

Responde com prazer a cada pergunta em Física, quando
o Cesar Leite descobriu, com o Schiavini e com o Vogel,
o Néon-PI, era o tipo de pesquisa, aparentemente acadê-
mica, de física pura, de uma importância fundamental.
Era uma nova partícula que se descobria. Pois bem, to-
do o Néon-PI é a área mais poderosa no tratamento de
câncer. A área mais poderosa. Muito mais poderosa do

que sobralto se, muito mais poderosa do que qualquer tipo de radiação.

Assim nós já aprendemos com o Travassos, com o Rodolfo Von Ihering, que fez Ciência básica de melhor, mas foi quem descreveu a técnica da hipofisectomia para inseminação artificial de peixes, o que permitiu o desenvolvimento da Piscicultura e o povoamento dos açudes do Nordeste, o repovoamento de rios brasileiros, que hoje se pode fazer, se pode jogar no rio centenas de milhares. Hoje, no Rio Paraíba você pode tornar a pescar dourado, que estava extinto completamente. Tipo do cientista puro, para análise, cientista trabalhando na base da ciência. Então, este conceito de que a ciência aplicada na a tecnologia prejudica a pesquisa pura é uma bobala. E afirmo, com a experiência de 50 anos de vivência com grandes cientistas, em grandes institutos, demonstrativamente, com fatos e fatos que eu posso citar aos milhares.

Porque lá no Biológico... Veja quantos assuntos fomos tive na minha vida: nascer em um lar feliz, fazer o curso primário e secundário num colégio excepcional, entrar para a Faculdade de Medicina no primeiro dia e, contrair esse honor que se chama Travassos. Este honor atrai uma grande quantidade de grandes cientistas no seu laboratório, que discutem abertamente conosco as ideias os problemas. A educação artística que vinha do colégio também, nos continuou na casa de Rodolfo Von Ihering com grandes poetas, grandes músicos e grandes

pintores. Depois, entrou para o Biológico. Quem eu en-
cotrei lá? Arthur Neiva, Rocha Lima e uma grande equi-
pe de jovens que eles haviam atraído de Nanguinhos.
Otto Bier, José Reis. Adolfo Martins Rocha, bomba e
barridão, veterinário formado em Porto Alegre, uma
Faculdade que nem sequer existia. Mas ele fez o curso
de Nanguinhos, veio para cá, com um talento acadêmico
especial, foi o primeiro indivíduo que deu curso de Bio-
estatística, de delineamento experimental, deu a aula,
no Biológico, em 1930, quando ninguém conhecia aqui em
Bioestatística.

Vou para o Biológico, encontro essas grupos de jovens em
cepilhões. José Reis criando a Patologia aviária do
zero. A indústria aviícola desta país se desenvolveu
graças à patologia aviária ensajada pelo José Reis e,
depois, com a colaboração da mulher, dona Anita. Teve
também colaboração de Paulo Nobre, meu colega de turma,
que eu conduzi lá para o Biológico, porque ele precisava
de fazer uma tese. Depois se envolveu e ficou traba-
lhando com o José Reis, que é o criador, é o pai da Pa-
tologia aviária. Ele escreveu um tratado que é um bom
texto, tratado esse que eu vi nos Estados Unidos quando
em Portugal - o professor ensinando português para le-
res aquele tratado, baseado todo em material colhido
aqui, examinado aqui, incluído aqui. Nada de impresso,
porque não havia.

E fico aí de 25 de 37 com o Clemente Pereira, companhei-
ro inseparável, publicando trabalhos trabalhando nos 60

mingos, feriados, dias santos. Nunca tivemos hora. Agência ambiente de calor humano da Biológico. Nosso laboratório era pobre, o de Parasitologia, mas nós tínhamos liberdade de ir ao laboratório do Conde Paschoa, que era o chefe do grupo de Bacteriologia, com o Otto Biaz, Celso Rodrigues, Rocha, etc, a pagar o que quiséssemos. Nunca ninguém se importou que eu fosse lá e pegasse uma droga, um instrumento, ou um equipamento, porque aquilo não era dos indivíduos, era da instituição. E vivíamos em franca camaradagem, discutindo, brigando.

Tive uma briga violenta uma vez, isso é, *vijô chá acord*, com o Celso Rodrigues, violenta porque, de agarrar pelo colarinho, assim. Ela morreu, então, mas quase se recorda. O fato é que foi uma briga violenta. No dia seguinte o Arthur Noivo se chamou "xi, como é, agora aqui as decisões científicas resolvem-se a sugar?" Eu disse: "Cala, eu sou baixinho..."

R.C. - - Mas era por motivo científico?

R.V. - - Científico. "Mas aconteceu isto, isto, isto. E eu lhe afirmo, se esta circunstância se repetir, fugi" a mesma coisa, eu não me importo-lhe a cara. "Eis que, no fundo, gostava de uma briga, disse: "está bom, está bom, mas vê se se acalma." No fundo eu estava chorando a quem me dizia, porque correspondia àquela situação interior dele.

Nas isso não quer dizer nada.brigávamos, discutíamos. A crítica era franca e aberta, e havia um ambiente de calor humano. Aquelas reuniões de torção-fortas, em que cada um referia os últimos artigos das revistas científicas... Porque aprendi, com o trabalho e com o Arthur Neiva, a importância da biblioteca. Aquela biblioteca do Biológico era espetacular, uma bibliotecária maravilhosa. Dona Maria José Leão da Fonseca, que era senhora do Flávio da Fonseca, conduzia aquela biblioteca com o Overner. Lá em Mangueiras. Não sei se você poderia falar nesta figura maravilhosa que era o Overner, que implementou aquela biblioteca que até hoje não tem similar. Em ciências biológicas a biblioteca de Mangueiras não tem similar. Naquela época, eles já assinavam três mil revistas científicas. Hoje, na Universidade de Campinas, não recebemos, por subscrição, 7.500 revistas, mas é uma universidade inteira, lá são só ciências biológicas.

- T.F. - Eu queria fazer uma pergunta. Na verdade não era só ciências biológicas. O Bernard Cross conta que o único lugar onde tinha a *Philipp* era exatamente em Mangueiras também.
- X.V. - Sim. Por que? Porque eles tinham as correlações da física e da química. Por que é que ele tinha levado para lá o Carmeiro Felipe?
- R.G. - Nessa época, professor, o senhor tinha contato inclusive com pessoas do movimento antipositivista da Politécnica do Rio?

2.V. - Não, não, da política não.

3.V. - Arnanas Costa, Miguel Ramos.

4.V. - Não, não, nessa época não. Eu tive contato posterior
 mente quando ingressei aqui na USP. Nesse tempo, eu
 estava mais no campo das ciências biológicas, na ge-
 ral, que já era um mundo para amarecer. E artes. E
 muita filosofia, porque o Rodolfo von Ihering era um
 do velho Rodolfo von Ihering, o grande filósofo de
 Direito de escola passado. Então, não discutia com
 go. Eu tinha recebido uma boa cultura filosófica no
 ginásio. Posso assegurar a vocês uma prova que eu tive,
 30 anos depois, um livro que me foi devolvido. Re-
 correu está uma prova reescrita minha, do curso de Phi-
 losofia sobre classificação natural. Não modifiquei uma
 linha, nem no português. Escrita quando eu era quere-
 nista do ginásio. Vejam bem vocês o que era a for-
 mação que nos davam naquele então, com muito mais in-
 formação. Mas voltando, a entrada no biológico foi
 também de uma importância fundamental, porque o Rocha
 Lima, de terça-feira, organizava sessões. Então, eu
 referia Malacologia, o Clemente também Juvenal Ri-
 corde Neto, na Anatomia Patológica; o Cunha, mais Pa-
 tologia bovina; o Neto, mais Patologia aviária - ou
 algo mais, e não, só ; e Norival Calzoso, e Paulo e
 João Galvão na parte de Fisiologia. Tinha a parte tam-
 bém de Entomologia Agrícola.

Enfim, fui aprendendo coisas, permitindo-me. Mas
 com af e meu conceito da multiplicidade etiológica das

doenças, porque nós estávamos imbuídos, no curso médico, de unidade etiológica. Tuberculose é bacilo de Koch, Lúpra é bacilo de Hansen. O conceito da interdependência de fatores ecológicos no desenvolvimento ... O germe específico é uma condição necessária, mas não é suficiente. O conceito epidemiológico de saturação do ambiente, e super-população provocando o aparecimento de doenças. Enfim, veja-se bem, sempre alargando horizontes. Nunca se especializou, não se especializou que estava sempre olhando para os lados, vendo a igual importância de todos os ramos do conhecimento para o desenvolvimento da ciência. E, ao lado disso, a seção de sessas-feitas. Era dois ou três conformistas. Gente de fora ou de dentro, quando havia assuntos de natureza geral ou assuntos que não eram cogitados no etiológico. Mas de que precisávamos tomar ciência. Então, vinha o Afonso Iovari, por exemplo, grande anatomista; o Look, discípulo e cria dele; vinha Aquilino Messana, grande oftalmologista, com a sua microscopia e a lâmpada de fundo. Ele era italiano e bruto como um cavalo, mas as suas apresentações em patologia do olho, com as contribuições novas: O microscópio e a lâmpada de fundo, é daquele então. Até hoje é a grande técnica de exame de fundo do olho. O exame, por exemplo, reforça os trabalhos de Theopold Smith - são coisas de época que eu me lembro - sobre a importância do colostro, a significação do colostro de gado bovino. O colostro, você sabe o que é, é o leite que se concentra no útero ou no seio de mulheres, na mama dos mamíferos, durante a gravidez. Quando nasce o feto - criança,

berreiro, potro - ele mata o colostro, e esta colostro é uma tremenda concentração de anticorpos contra bactérias. Então, oferece uma imunização passiva, e o recém-nascido ingere uma quantidade de anticorpos que lhe confere resistência contra doenças externas, até que ele desenvolva a própria capacidade de fabricar anticorpos. Isso é aquele gntão:

Hoje eu prego violentamente o aleitamento materno, que foi abandonado originosamente a pretensão de que o leite da mãe é fraco. Houve pediatras que seculares milhões de milões de anos com homens para não dar leite, para estimular e dar diâmetro para esses indústrias de leites concentrados, interesses puramente materiais, consentindo-se o crime de não dar o leite materno desde o colostro. E muito mais, não é só o leite em si, é o afeto que vai à criança no colo da mãe, quando tem a criança em contato. Aquela eficiência do corpo da mulher, o carinho que ela transfunde à criança. É quando ela começa a amamentar a criança. Estou convencido hoje que grande parte da agressividade de jovens se explica por não terem amado o leite materno, por não terem recebido o leite materno no peito, no contato ao seio da mãe. Formam frustrados. São agressivos porque não aprenderam a amar. E assim vivi até 37, naquele ambiente espetacular de biólogos, com o Rocha Lima, grande cientista, como médico, com o Arthur Meiva, com o Gaspario Bachiaco, com o Otto Bier, com o Celso Rodrigues, com o José Reis, Adolfo Martins Figueira, Paulo Enders Malvado, Dorival Macedo Cardoso, Flávio da Fonseca, Agostinho Bignoncourt, em Patologia 72

geral. E em 35 criou-se a Faculdade de Medicina Veterinária, e havia uma cadeira de Zoologia adição e Parasitologia, então, combinado com o Clemente, resolvemos concorrer a essa cadeira, à qual concorreu também o Flávio da Fonseca, que fora nosso professor de Microbiologia. Esse concurso foi em 35. E eu ganhei o concurso por unanimidade da banca examinadora. Mas isto é um detalhe - não ganhei porque sabia mais. Eu sabia tanto quanto o Clemente. Tanto que o Clemente tinha maior capacidade de se divertir, de esquecer. O Flávio da Fonseca com mais tradição. Ele tinha sido nosso professor na Faculdade de Medicina. Uma tradição de Microbiologia. E resolveu passar para a parasitologia, que é sempre um Acadêmico. Ele já tentara fazer concurso de Parasitologia aqui, na Faculdade de Medicina de São Paulo e, nessa ocasião, eu era estudante de Medicina. Escrevi para ele todos os pontos de Helminthologia, que até hoje estão aí. Foram escritos por mim, para ele, para aquela ocasião. Preparamo-nos para esse concurso, Clemente e eu. O Clemente escreveu todos os pontos de Protozoologia - eu já tinha pronto os pontos de Helminthologia, que eu escrevi para o próprio Flávio para ele fazer a prova. E eu passei a escrever os pontos de Entomologia, e nós treçávamos. É claro que os pontos de Entomologia, de protozoologia, quando os analisamos hoje, que ele escreveu, tem muito mais profundidade do que os pontos de Entomologia. Era o característico dele, essa capacidade de penetrar em profundidade. - É uma pena a morte desse homem, tão precoce. Lavento até hoje. Companheiros inseparáveis. Inscrevemo-nos de novo no concurso para o que desse e viesse. E o Flávio da Fonseca.

Ganhei por unanimidade, ganhei todas as provas, e ganhei na prova didática e nem se diga que foi porque eu era um artista. Mas, já não era mais, mas tinha esta capacidade de comunicação e de memorização, não precisava nenhum anteparo físico, nenhuma ficha - que é sempre um anteparo físico que corta a comunicação com o público - e de conversar olhando para os olhos de todo o Conselho Universitário que assistiu à prova, porque a Faculdade não tinha Congregação, então o Conselho Universitário que fazia a prova.

Ganhei a prova prática por que? Porque era um homem tranquilo. E aí é o ler. É a origem de um ler harmonioso. A prova prática eram quatro horas para cada um. O programa era o mesmo a desenvolver, mas eu tinha que ficar fechado. Eu era o último - letra zê. Então, fiquei fechado oito horas, enquanto o Clemente foi o primeiro, o Flávio foi o segundo, e eu o terceiro, pela ordem alfabética. O que eu fiz nessas oito horas? Dormi. Tranquilamente. Tinha um sono, dei tni e dormi. Quando senti fome, batí na porta "Quero comida". Tranquilamente se trouxeram comida e eu não lá. Desisti-se do novo e quando foi a minha vez, eu estava bem lápis - bem alimentado, bem dormido - e fui fazer a minha prova.

Entre nestes detalhes para explicar porque, quando foi Ribeirão Preto, suprima a prova escrita e a prova prática. Porque a execução delas depende mais de qualidade do que nada tem a ver com a cultura, com o conhecimento, a fim de fatores emocionais. Fatores emocionais

que não ocorrem quando você está trabalhando no seu laboratório e pesquisando. Está claro? Por isso é que eu entro nestes detalhes, para ilustros sabendo por que razão, quando fundei a Sociedade de Medicina de Ribeirão Preto e fiz o regulamento do concurso, eu suprimi a prova escrita e a prova prática. Não pude suprimir a defesa de tese, porque a Constituição dizia "concurso de títulos e provas". Então, tive que pôr defesa da tese e prova oral. Mas hoje qualquer cientista que esteja em trabalho tem sempre alguma coisa.

A prova oral tem 24 horas a prazo. Mas dando o valor à prova de títulos, dando valor ponderal 50 à prova de títulos. E o passado é o que importa, o que que esse indivíduo já fez. Não é aquilo que ele vai fazer em três dias que vai contar que ele é melhor do que A ou B, ou C, e sim que trabalho ele publicou, que contribuição científica teve. Isto foi feito no regulamento da Sociedade de Medicina de Ribeirão Preto em 1952.

R.G. - Na USP como era naquela época?

R.V. - Prova de títulos, prova escrita, prova oral, prova prática e defesa de tese. Era assim, e eu suprimi, simplesmente, a prova escrita e a prova prática - a prova escrita porque é uma prova de memórias, é de memorização. Saber de memória qualquer enciclopédia eu não note de que eu, e não cria nada. E prova prática

tinha as contingências que levou um Maurício Rocha e
 Silva, que é uma das grande figuras da forenseologia,
 vivo a cometer uma falta de técnica bobo, e pela qual
 a banca examinadora já aboia a nota dele. Uma catap-
 plix. Mas na minha prova prática, o que aconteceria?
 Nós tínhamos que matar um sapo, fazer autópsia desse
 sapo, colher o material e identificar. Ao lado disso,
 tínhamos dois tronotóides para identificar, não cora-
 dos, dois mesotóides que vinham em formato, dois protó-
 toídicos, dois carapatos e dois flutótozes. Mas, o
 que fizeram o Clemente e o Flávio chega lá? Olha, vó-
 cês têm que fazer isto e aquilo? Faga logo o sapo e
 mergulhe em água cloroformada para anestociar o sapo.
 Já começou a contar o tempo, porque o tempo é limita-
 do a quatro horas. Começo a contar o tempo e o sapo
 custa para morrer em água cloroformada e fica esperan-
 do. Mas, aí é que começa a pedir material: "Tras ag-
 to, na hora aquilo". Furgue o pedido de material mas
 não faz parte da prova. Aí é que eles começaram a pe-
 dir o material.

Trezen lá o sapo, mas depois tinha o tronotóide para
 cortar e o mesotóide para clarear, e não se preocupa-
 ram com aquilo. Ficaram lá fazendo autópsia de sapo,
 já perderam um tempo enorme na anestocia, depois equi-
 ra, e isto aqui não tocaram. Depois que terminaram a
 autópsia é que foram cortar o tronotóide e etarocar o
 mesotóide. Os dois! Então ficaram com muito pouco
 tempo para o diagnóstico, propriamente. Resultador o
 Flávio errou o diagnóstico de um carapato - ele que
 era o melhor especialista brasileiro em carapato. Na

ocasião, errou um flabétonos - ele que tinha descrito um flabétonos novo. O Clemente errou um nematídeo - ele não podia! E errou também um flabétonos.

Isso eu soube depois do concurso. Agora, o que aconteceu com o Inferno? Em chega lá, o Aristides Lopes da Cunha, que fazia parte do bancão disse: "Olha, tem esse negócio aqui, você tem que autopsiar até ao pó que está vivo aqui; tem isso aqui, oh, tem que diagnosticar isto, isto, isso e aquilo." Então, eu disse: "Bom, preciso do seguinte material, que eu quero aqui na mesa antes de começar, se não eu não vou fazer prova; "Está bom." E eu mandei a prova. E então, trouxeram cartelas para copiar as transcrições. Foi do acético, fushi...

7.F. - E não contava tempo ainda?

8.V. - Não! Não estava fazendo prova!

Bisturi, pinças, agulhas, etc. Quando todos estavam na mesa, eu disse: "Todos marcar o tempo que vos couber". Então, peso o sêpi com uma agulha e destino a medula. Ganhei pelo menos 15 minutos de o sêpi estar lá nadando na água cloroformada. Des o sêpi na prancheta. Agora peguei os transcritos, fui pôr o sêpi no gelado e sair para desidratação, coloração, nova desidratação, montagens do nematídeo. E eu fumando eu tôpica a vinda o relógio. E continuando a autópsia. O que, quando eu lá disse: "Olha esse nematídeo aqui, tal, poder tomar nota. Esse nematídeo é isso, etc. Tem protozoários assim, assim, assim no intestino no grosso e tal. Tem um bilúrio aqui..."

Quando terminei a autópsia do caso, já estava tudo pronto para pegar o transcripto e pôr no microscópio. E agora me sobrou um tempo exatíssimo para aquilo que eu não sabia, que era carrapato e flebotomo. Quer dizer, não sabia na altitude do Flávio de Fonseca - dos outros não -, o Flávio é que era o grande especialista em carrapatos. Para fazer o diagnóstico eu tive que consultar, recentemente da literatura toda, porque tinha perdido a literatura também. Então, quando entreguei o diagnóstico, eu tinha certeza de que era aquilo, podia discutir com a banca ali à vontade.

Torrinei. Em três horas a banca estava pronta, meia hora antes. Então, em primeiro lugar não havia nenhum diagnóstico, depois se impressionaram também com a metodologia. E essa metodologia não derivou de outra coisa senão de um homem tranquilo, de um homem que não anda afobado, que não tem medo de ter ido à banca, ver a banca assim e ter aquela aflição, aquela modo de não ter tempo.

Prova escrita. Essa então foi pior. O Clemente cortou o ponto. Ele era letra 'C', foi o primeiro que tirou o ponto. Insediáveis - estudo geral, carrapatos. O Flávio era doutor em carrapatos. Conhecera a cartologia inteira, porque ele não só tinha descrito o *setaless* *setaless*, aqui redescrito do cão, como tinha feito a transmissão do tipo característico por carrapatos. Junto com o tempo Monteiro aqui. Então, ninguém conhecia melhor do que ele carrapato. Como se comportaram os dois. O Flávio tinha um modo de car-

rapetos na capota. Quando em tempo limitado, prova escrita de quatro horas, não podia consultar nada. O Flávio já começa escrevendo e ficou na Morfologia. Ele descreveu os maiores detalhes - aquele pelinho do 4º par de patas do andrôica coarctatissima. Mas ele tinha que descrever não só a morfologia, tinha que escrever a Biologia, tinha que escrever a embriologia, tinha que descrever a patologia geral, as doenças produzidas pelos carapetos e as doenças transmitidas pelos carapetos. Não deu tempo, não dá

R.G. - A banca estava na altura dos coarctatistas?

S.V. - A banca era toda de Manguinhos. Tinha um peitoral de mais alto calibre. É o que faz o seferino, que não sabia tanto carapeto? Pegu um pedaço de papel e fez um sajo preliminar. Eu perdi 15 minutos fazendo um roteiro. Fiz um calunga, um carapeto isoditico, outro laqueado, gasido, pela face ventral, pela face dorsal, todos esses detalhes anatômicos fundamentais. Depois, biologia - ciclo evolutivo de argeídeos, ciclo evolutivo de isoditicos. Depois embriogênese, para explicar porque eles transmitem, por onde transmitem e como transmitem. A embriologia é fundamental. Problema do revestimento interno do aparelho digestivo, etc. Problema de origem entodérmica, endodérmica ou mesodérmica.

Das doenças transmissíveis, doenças produzidas e das que transmitidas, e daí tempo para cada uma: dez minutos, 20 minutos, 30 minutos, etc. Eu tinha 125 minutos. Uma vez feito isso, comecei a escrever.

Quando cheguei ao 350 tinha terminado, aproximadamente. Então, tinha cinco minutos para ler, corrigir um erro de concordância, alguma coisa assim que você sempre esquece. Toquei todos os pontos fundamentais - porque a banca ligou a existência do pelo do 47 por da parte do andrôgeno coxiximense, mas se impressiona. Como ele não falou nem sequer na biologia, nas doenças transmissíveis, transmissíveis? Então, um sujeito que sabia muito mais do que eu, foi muito pior numa prova escrita.

(FIM DA FITA 1-8)

- R.G. - ... era a última fase.
- R.F. - - O senhor disse selecionado ...
- R.V. - - A banca examinadora. E depois estendeu a Minas Gerais, a Salvador, a Curitiba, a Porto Alegre. Seleciona uma metodologia de concurso; seleciona fatores essenciais: tranquilidade e método, e não maior conhecimento. E o que importa na ciência é o maior conhecimento. E não só o conhecimento - o conhecimento em si é um instrumento - mas sim como esse conhecimento vale para a produção.

INTERROMPÇÃO

Claro que em igualdade de condições, eu posso ter certas das vantagens de cultura, que tivesse uma tranquilidade de espírito melhor, que tivesse melhor técnica de comunicação e melhor metodologia, na execução das provas e concursos - leva-me a vantagens que eu levei no meu concurso. E não admito que eu tenha sido superior aos outros. O fato é que fui nomeado professor catedrático, naquela então, da Zoologia Médica e de Parasitologia da Faculdade de Medicina e Veterinária, e tive que implantar esse departamento. Era um departamento. Então, era uma segunda experiência de implantação. Implantei com o Clóscoto Pereira um laboratório simples no Instituto Biológico.

- 7.E. - - Essa escola foi criada nesse ano de 35?
- 7.V. - - Não, ela foi criada junto com a criação da Universidade de São Paulo, em 1934. De 35, então, fez-se o concurso para pro-
vimento da cadeira de Zoologia Médica e Parasitologia.
- 7.F. - - Não teria havido a idéia de alocar esse tipo de atividade na Faculdade de Filosofia?
- 7.V. - - Não, aí não, porque é aplicada. A Parasitologia é essencialmente Medicina. Medicina é Patologia. A alocação na Faculdade de Filosofia seria uma Zoologia básica, uma Zoologia fundamental.

Mas implantou, então, o departamento de Parasitologia dessa Faculdade de Medicina Veterinária e, ao mesmo tempo, instalou no Instituto Biológico. Quero recordar, nesta oportunidade, uma atitude de um cientista cubânico, como era o Rocha Lima. Porque Cássio e Referino ocupavam no Biológico posição idêntica, do ponto de vista hierárquico. Ambos eram auxiliares do Instituto Biológico, quando ficou definido e claro, para o Rocha Lima, que ia ganhar o mercado - por que ele era do Conselho Universitário e já tinha noticiado - ele se exercitou e no momento, porque se telefonou ao vácuo em da prova com tendo eu ganho todos os outros, como era o Rocha Lima. Então, depois, ele não ganhou o cargo.

curso, ou há pelo menos todas as probabilidades. Então, que ria dizer a você que vou propor que o Clemente seja promovido a chefe de seção do Instituto Biológico." Era o meu velho parreiro.

Vejas o que é um cientista. Qualquer burocrata de visão estrita teria feito o raciocínio inverso: "Ah, se ganhou o concurso de professor catedrático, então ele é que deve ser promovido aqui no Instituto Biológico à chefe de seção". Mas ele sabia bem as qualidades de ambos, e que nós tínhamos a proximidade as mesmas condições de trabalho e de salarização, porque trabalhávamos juntos, produzíamos juntos, publicávamos juntos dezenas de trabalhos científicos. Então, isso me deu bem a atitude moral de dignidade, propondo que o Clemente fosse promovido à chefe de seção.

Faça, na Biologia, a ser subordinado ao Clemente, o que deu uma enorme e profunda alegria, porque eu sabia que tinha ganhado aquele concurso, não porque sentava reis do que o Clemente, mas porque tinha condições de personalidade própria que me ajudaram tremendamente na execução dos grandes trabalhos naquele concurso.

Em 1937, o Getúlio outorga a Constituição de 37, a chamada "Polapirinha". Foi uma constituição outorgada, elaborada pelo Chico Carneiro, que era um gênio da Direita, não tinha

divida nenhuma. Santiago Dantas e Francisco Campos são as duas figuras que eu respeito como intelectuais privilegiadas. A de Chico Campos, sobretudo, porque foi ele, em 1931, que baixou o Decreto nº 31, um decreto-lei do Getúlio criando o estatuto das universidades brasileiras. E aínda, a meu ver ... veja nos a circunstância - nenhuma vivência universitária no Brasil. Nenhum outro estatuto universitário foi tão liberal, tão aberto, permitindo uma enorme plasticidade como lei substantiva. Era lei realmente substantiva, que permitia uma variedade de soluções regionais ou que dependia de condições de regiões brasileiras. E isto foi escrito por ele - sei que foi feito por ele com um espírito bastante na - , e com isso que, até hoje, é ainda o mais liberal dos estatutos universitários brasileiros, outorgado na plena ditadura, e quando não havia nenhuma vivência de organização universitária no Brasil. Não não sei porque que pensei para o Chico Campos.

- T.P. - - O senhor estava falando que, em '7, foi outorgada a...
- 2.V. - - outorgada a "Polopdrina". E havia um dispositivo proibindo acumulação. Eu ocupava a cátedra de Zoologia Médica e Parasitologia de USP com o Instituto Biológico de São Paulo.
- T.P. - - Eu queria lhe fazer uma pergunta aí. Foi um assunto que, a mim, particularmente, interessou - a famosa lei da descentralização - mas uma curiosidade que me ficou é o seguinte: no

parecia ser uma lei de âmbito federal e não est se afetou o ambiente de São Paulo, ou seja, porque tanto a Universidade quanto o Biológico eram instituições estaduais que se regiam, portanto, pela constituição estadual. Então não sei. Háve uma transferência dessa lei?

Z.V. - - Não, aí era um dispositivo constitucional aplicando na esfera federal, estadual e municipal,

T.F. - - Em todo o Brasil?

Z.V. - - Em todo o Brasil. Não houve meio de escapar. Tive que optar e optei pela Universidade. Na Universidade conheci o trabalho ...

T.F. - - Como é que isto afetou a comunidade? Quer dizer, no Instituto Biológico. Quem ficou na Universidade, quem ficou no Biológico? Tornou muito o nível de trabalho do Biológico ...?

Z.V. - - Não, do Biológico não. No caso não, porque a Clemente por natureza, e ele tinha uma criatividade, uma capacidade de formação de discípulos ... E eu não era fundamental. O meu foi o único caso do Instituto Biológico.

T.F. - - O Rocha Lima, por exemplo, ele não exercia cátedra?

Z.V. -

- Não, não acumulava. Ele era só o diretor do Instituto Biológico, não exercia cátedra nenhuma. O Biológico era uma instituição complementar da Universidade, mais para fins de cooperação, de colaboração, etc. Mas, que eu me recorde, foi o único caso do Instituto Biológico. Havia muitos casos de de acumulação - professores que lecionavam em diferentes faculdades foram obrigados a optar por uma só. Eu me lembro que o Travassos lá no Rio de Janeiro - já estava então no Rio de Janeiro - optou pelo Instituto Oswaldo Cruz, onde ele nasceu. Deixou a Veterinária, onde ele tinha já começado a fazer um curso com o Hugo de Sousa Lopes, o Jaime Lima de Almeida, etc, etc. Como sempre, onde ele se localizasse, ele formava escolas e deixava discípulos.

Mas o fato é que implantou um departamento de Parasitologia e anexou o trabalho de investigação científica e de formação de discípulos. Na ocasião foi muito duro, porque eu ganhava mais no Biológico do que na Universidade. Eu ganhava mais como assistente do Instituto Biológico do que como professor catedrático da USP.

T.F. -

- Significa que, de repente, sua carreira cai até a metade?

Z.V.

- Menos da metade. Mas o então diretor da Faculdade, que era Altino Arantes, que está lá, conseguia com o Arnaldo Sales, que era o interventor, que eu passasse para o regime de dedicação integral, regime de tempo integral, que já vigia. E

isso foi um dos fatores fundamentais do desenvolvimento científico de São Paulo. Vigie na Faculdade de Medicina de São Paulo, desde 24, para as cadeiras básicas, por imposição da Fundação Rockefeller. A Fundação Rockefeller deu, naquela então, em 24, à Faculdade de Medicina, um milhão de dólares para construir o prédio e laboratórios, impondo como condições que o governo do Sales construisse o Hospital das Clínicas, que houvesse limitação do número de alunos para 80 no máximo. No Rio, naquela então, a Faculdade de Medicina aceitava 200, 400, 500.

então, era tempo integral e muitas classes. Tempo integral para as cadeiras básicas. E esse tempo integral era muito bem pago, em 24. Representava, mais ou menos, 250% sobre o tempo parcial. Então, atraía cientistas. E o Atílio aquele que me fosse atribuído a mim o tempo integral no Departamento de Parasitologia. Fossil a ganhar mais do que ganhava com os dois anuários. Pode se dedicar integralmente à pesquisa científica, que eu tocava largamente lá no biológico, e à formação de discípulos. Fui um sério de discípulos, alguns até já vieram - o Theodoro Leão de Araújo e Lucio Machado Guimarães, duas figuras importantes da Medicina Veterinária, foram crias minhas, eu os preparei a arbor, um para doenças infecciosas e parasitárias, e outro para higiene e Medicina Preventiva. Depois preparei a seção de Higiene Pública, que nunca existiu, infelizmente. O local ficou depois e um série de outros que estão em outras universidades.

O Milton Campos, que está aqui até hoje. O Leal Franco Rocha é, seguramente, o mais talentoso. Realmente é uma brilhante cabeça. Mas, enfim, produção científica e formação de discípulos, ativos.

Acrá para o seu laboratório de Parasitologia, um biólogo que fazia Microquímica - Microquímica começava naquele então. Essa química de microelementos, cujas técnicas de detecção eram extremamente difíceis e mal aplicadas. A exemplo: detecção de cálcio no sangue, que são quantidades mínimas e admitindo flutuações muito pequenas; o ferro cálcio, as cálcio, as cálcio de ferro cálcio, tão importante para o conhecimento das patologias das eretas; o problema do cálcio, do cálcio são ... E um químico, Adernê Salomé Pereira - químico - que trabalhava na indústria animal - tinha desenvolvido uma série de métodos novos usando o

era um espectro fotômetro baseado na visão, um método comparativo, não se tinha ainda os métodos eletrônicos que só hoje, os fotômetros eletrônicos e eletrônicos que geram ...
 Tinha o coeficiente individual de subjetivismo. Mas o era um aparelho bastante preciso da

E ele, na indústria animal onde ele estava, era mal visto, por que era um cientista, vivia no laboratório, na biblioteca, publicava na Revue de Chimie Biologique de France, cujo diretor era o Jean Bach, um dos pais da ... Foi reitor de Paris, hoje é doutor Honoris causa de Campinas. É um dos criadores

da Bioquímica, e recebia os trabalhos do Rubens Salas Forni
re e publicava. Então, eram trabalhos que mereciam a mais ab-
soluta confiança. E eu estava interessado nos problemas de
amniós, da anclerose. Eu não era químico, mas já tinha
sentido a importância da Bioquímica no trabalho biológico. In-
portância que já fora percebida pelo Afânio Azevedo, no Ins-
tituto Butantã aqui, quando implantou ... Voltando dos Estados
Unidos, houve uma crise no Butantã. Ele foi convidado a
ser o diretor do Butantã e trouxe uma série de bioquímicos
Karbunski e Sliota, o Frankel. Foi quando o Sliota descreveu
a crotonina, esse componente sendo estranho do veneno da cobra
cavel. E depois, na Ribeirão Preto, o Moura Gonçalves descre-
veu a crotonina, já sob a minha direção.

Então, o parasitologista trabalhava com o bioquímico. In-
gresso para o Conselho Universitário da USP, primeiro como
representante da Congregação, depois como diretor. E daí fi-
z aqui 27 anos no Conselho Universitário, e exerceu. Sua fun-
ção modesta, tinha realmente uma posição de liderança. Du-
rante 27 anos eu, praticamente, era o presidente da Comissão
de Ensino e Planejamento. Aceitei toda a implementação da Universi-
dade de São Paulo, criação das novas Faculdades, toda a orga-
nização Um dia, tanto que escrever esse depoimento. E era
considerado como o indivíduo que fazia os relatórios da Univer-
sidade.

De 1961, o Conselho Universitário e o governador de então, que era o Lucas Garcia, entenderam que se devia fazer um novo curso de Medicina no Estado de São Paulo - porque havia a Faculdade de Medicina de Piracicaba e havia a Faculdade Paulista de Medicina. Mas o número de candidatos ao curso médico crescia assustadoramente, e havia uma pressão enorme para ampliar o número de vagas aqui de Piracicaba.

- R.C. - - E muita gente vindo do Interior, não é?
- R.V. - - Milhares.
E o processo para aumentar o número de vagas, porque eram apenas 80, 90 vagas. Mas aumentar o número de vagas é diminuir a qualidade do ensino.
- R.G. - - A USP resistia a esta ideia de aumentar o número de vagas?
- R.V. - - Ah sim, claro. Sobretudo a Congregação da Faculdade de Medicina. Ferozmente, não admitia mais.
- T.P. - - Até hoje?
- R.V. - - Até hoje. E ela sempre premuniza a criação de uma nova instituição, integrante da USP no Interior. E foi-se apresentado esse desafio de criar uma Faculdade de Medicina no Interior.

- T.P. - - A idéia foi bastante da Congregação?
- S.V. - - Da Congregação da Faculdade de Medicina de São Paulo.
- T.P. - - Influenciado pelo Lucas Garcia?
- S.V. - - Influenciado pelo Conselho Universitário e pelo Governador, que era um grande universitário, o Lucas Rogezira Garcia, as honras a quem este país deve muito. Muito mais do que vocês podem imaginar, porque foi ele quem fez todo o plano de desenvolvimento energético do Estado de São Paulo, abrangendo Rio Grande, Paraná, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso. Tudo isso foi feito em 1948 por Lucas Rogezira Garcia, e desenvolvido esse plano até hoje em continuidade. Daí a razão de nós termos oito ou nove milhões de quilowatts e abundância de energia elétrica para o desenvolvimento industrial.

Eu era muito amigo de Lucas, e o Conselho acreditava na sua. Então ele pediram para assumir a responsabilidade. Tinha que escolher onde. Não devia ser perto de São Paulo. Olhando para o mapa de São Paulo, vi duas capitais geo-coordenadas. Uma na grande entroncamento ferroviário de Sorocaba e Ribeirão Preto, Vou a Sorocaba, estudei as condições de população e verifico que era uma população ainda da primeira, um pouco precipitada ainda com os próprios problemas pessoais de energia na-se na sobrevivência, de consolidar situações. Uma terra amena da Horozista, que tinha aquelas florestas tropicais

que foram destruídas. Plantaram café, nos dez primeiros anos
 deram colheitas abundantes, depois a terra se esgotou. E hoje
 ve a substituição do café pelo algodão, e a transformação
 da pecuária bovina.

Vou a Ribeirão Preto e me impressiona, em primeiro lugar, a
 riqueza da terra, que era roca. É aquela terra coloidal, que
 absorve os insuços que você coloca ali de fertilizantes e
 sementes. Portanto, uma terra acredeciada. Três metros de profun-
 didade de solo fértil, no mínimo, sobeixo uma rocha viva - a
 terra resulta dessa desagregação da rocha viva. Então, não
 há erosão em profundidade. Uma cidade já com 110 anos. Uma
 população otimista, porque a terra infunde otimismo. Água e
 terra, com aquele verde da clorofila, que é o equivalente de
 hemoglobina da pessoa curada, que restora saúde. E aquelas
 plantas restroem saúde. Isso infunde otimismo no homem. Então,
 uma população otimista, uma população que vai à escola, uma
 quantidade brutal de estudantes em escolas secundárias,
 um quinto de primeira qualidade, comparável ao quinto do
 Estado apal. Eram três: o de São Paulo, o de Campinas e o
 de Ribeirão Preto, que eram os grandes cursos secundários do
 Brasil, fora o Pedro II do Rio de Janeiro.

T.P.

- Nessa altura, provavelmente, já decadente.

T.U.

- Em 1951... Mas ainda estava em bom nível. Ainda tinha o
 Otimismo, gente desta ...

Mas, na verdade, me impressionou a terra, o otimismo, essa influência telúrica. Eu disse: "É aqui". E tive o atendimento, em setembro de 1951, no Centro Médico de Ribeirão Preto, então presidido pelo Paulo Gomes Rocha, que se acompanha até hoje... É o vice-reitor de Campinas.

Z.F. - - Não o conhecemos na sua ausência.

Z.V. - - É um sujeito de talento, com cara de sang-sang, mas um homem com visão de estatista. É o que eu chamo de homem dos temporários do futuro. Quer dizer, o indivíduo com capacidade de prever o que acontece em função da situação atual, ou que vai acontecer daqui a cinco anos, com um razoável grau de probabilidade. Ele presidiu a criação da cidade, que pleiteava a criação. Optou por Ribeirão Preto, e daí sua primeira entrevista - de arrevido - no Centro Médico à imprensa.

Nessa entrevista eu disse: "Minha gente, via criar uma Faculdade de Medicina. Mas não via criar uma Faculdade de Medicina qualquer. Vou fazer daqui o melhor centro de educação médica e de pesquisas científicas, no campo da Medicina, do tipo mistério sul", tipo aquelas notas, ficaram muito contentes e tal, mas sempre me olhando com uma certa desconfiança. Aqui em São Paulo os meus melhores amigos se diziam: "Referindo um cô é laico de hospício, vouo internar você. Você vai ser

interditando. Como é que você que é um líder aqui - e eu, em realidade, no conselho -, que ocupa uma posição de destaque, que está em pleno trabalho científico, de produção, simultaneamente, como é que você pretende criar um grande centro médico a 350 km de São Paulo? O asfalto já está copiado. "Como você pretende levar para lá grandes clínicas e grandes clínicos? Eles vão deixar as clínicas que eles têm aqui, as condições econômicas firmes, de clientela, de situação moral excelente?"

Eles ignoravam o meu segredo, que é um segredo de polichinelão. Sei como se atrai um cientista, aprendi com o trabalho do no laboratório de Havana e no Instituto Biológico nas piores condições. Atrai-se um cientista oferecendo um novo ideal de ciência. E o que eu oferecia era uma revolução completa da educação médica. Por que revolução? Porque naquele então, os físicos tinham alguns instrumentos de análise de fenômenos biológicos, altamente sofisticados, que permitiam penetrar no conhecimento profundo do fenômeno biológico, que os químicos utilizavam.

A partir de 35, veio eu souo, a cronotografia, a eletroforse já eram correntes na literatura científica; a espectroscopia, que eu usava no laboratório, permitindo a detecção de microelementos nas quantidades pequenas e, portanto, analisar exatamente que papéis eles representavam. Já sabíamos que o organismo humano ou animal tinha cálcio, fósforo,

potássio, magnésio, ferro, sódio, mas não sabemos como eles interagem, em que quantidade, que papéis eles têm, o equilíbrio potássio/sódio era desconhecido, mas a partir de 35 começou a se revelar. O cálcio no sangue mantém oscilações extremamente baixas. Qualquer baixa no ... hoje sabemos que quando começa a baixar o nível de cálcio do soro, a paratiroides mobiliza cálcio do osso e vai mantendo, e se a paratiroides não funciona, ou é extirpada, o indivíduo entra em tetania paratiroidesúpriva. Começa com contrações cefálicas e tônicas dos músculos até contrações tetânicas, por baixa do cálcio no sangue.

Nas isto não sabemos que têm cálcio, mas que papel tem o cálcio? que papel representa o potássio e o sódio no equilíbrio entre a célula e o meio ambiente? O equilíbrio de membrana, o equilíbrio de membrana, a diferença de potencial entre elétrico entre o interior da célula líquida e potássio e o sódio, periféricamente. Condições essas que permitiriam penetrar no organismo, por exemplo, da droga de tração infantil. O problema das infecções intestinais da criança. Admitia-se que era o germes que fazia mal, que acabava matando a criança por uma toxina que lançava, quando, ao contrário, não é alguma coisa que entra no organismo, porque a diarréia elimina do organismo, por ação de contração do intestino, do soro sanguíneo, do sangue tal para a luz intestinal, e as proteínas, sai o soro, sai o cálcio, potássio, desequilibra o meio físico: ou seja. Era uma lesão

bioquímico muito mais do que botra. Não havia tontas nenhuma, tanto que você voltava - a chamada reidratação, o que você está fazendo é lixiviar sais minerais, estabelecer o equilíbrio, e em 24 horas a criança que estava morta, ou morrendo, está falando, conversando, comendo.

Então, havia as conquistas de eletrônica, permitindo a aplicação de energias que a gente sabia que existiam no organismo, ou suspeitava, mas não tinhamos instrumentos de detecção. Com a eletrônica, permite a aplicação dessas formas de energia, a aplicação e o registro. Então a eletrocardiografia, a eletroencefalografia, que acabou demonstrando a existência de seis correntes elétricas, ou oito... E sei lá se tem mais. Os fisiógrafos registram nas condições de violência, de sono, e se tem qualquer estoporo por um tucor ou coisa que o valha, interrompe a corrente e isso se registra. Pois bem, todas essas conquistas...

As conquistas dos antibióticos e quimioterápicos. Os quimioterápicos e os antibióticos mudaram o quadro da patologia, porque antes daí a prevalência brutal era das doenças infecciosas que matavam. Quantos milhões de milhares de crianças morreram de diarreias/infantis, ou quantos milhares morreram de infecção peritonal; quantos milhares morreram de febre tifóide, de pneumonia, de tuberculose, de sífilis e de outras venéreas todas tinham uma prevalência terrível 60% dos consultórios médicos eram sustentados por doenças venéreas...

gonorréia, era sífilis, granuloma venéreo, cancro mole. Não os antibióticos e demais essas doenças infecciosas e passam, então, a dominar, na patologia, as doenças crônicas, hipertensão, doenças cardiovasculares e doenças do aparelho digestivo, mais do origem psicogênica do que outra coisa, não é? Erros conquistados já.

Pois bem, as conquistas da fisiologia, tiveram! Essa revolução não era incorporada à educação médica. O ensino médico continuava essencialmente morfológico anatômico, baseado numa anatomia que se ensinava em três anos. Havia o culto do ca dáver. Então você tirava o que que lhe dá o cadáver e anatomia patológica cadavérica? Dá o conhecimento de um paciente. Mas a bioquímica se havia permitido penetrar nas transformações químicas que ocorriam nas células, através da histoquímica e da citocimica, de que o Lisson foi um dos fundadores. Você detecta as transformações que ocorrem no interior de uma célula, ou em micro, fração de micro de uma célula. E as transformações que ocorrem na corrente sanguínea. Essas análises encontram completamente o problema da anestesia. Então, a cirurgia pode dar um passo transcendê, porque você detecta, no decorrer do ato cirúrgico, quais são as deficiências e os excessos que estão ocorrendo no paciente, e você corrige. Não pode se prolongar a anestesia por horas e horas, no lugar daquela preocupação de a cirurgia operar o paciente - o recorreu fazer uma apendicite em dez minutos. Desapareceu isto, porque você hoje pode ter o doente em um

tecia horas e horas seguidas. E se você pode ter horas e horas seguidas, você pode penetrar na circulação do sistema nervoso, você pode penetrar na circulação capilar.

Mas todas estas conquistas não estavam incorporadas à educação médica, e eu então fiz uma revolução completa. Porque, primeiro: redução do tempo dedicado à Anatomia de três anos para um ano - aquela Anatomia cadavérica que não constrói nada; aplicação brutal dos programas de Bioquímica, de fisiologia, de Farmacologia. Quer dizer, os aspectos dinâmicos da vida. O médico vive com o ser vivo, e vida é movimento, vida é transformação química, então você precisa conhecer essas transformações. A Patologia tem que ir para a Patologia Bioquímica, não ficar só em lesões morfológicas, porque antes da lesão morfológica ocorreu uma lesão bioquímica que condicionou uma transformação morfológica.

De outro lado, em todo o mundo a Pediatria, a Obstetrícia e a Ginecologia eram tratadas como especialidades médicas, dando-se três meses, de frequência não obrigatória. Mas todo o meu curso de Medicina na Faculdade de Medicina de São Paulo e só fui a duas aulas de Pediatria. Para o estudo desigual na enfermaria, copiei uma ficha lá numa observação clínica de um diarreia infantil e fui provido. Na Obstetrícia, nunca assisti a um parto, e só Doutor da Faculdade de Medicina de São Paulo, assistiu parto em berço. Praxiologia não era disciplina.

Ora, o meu raciocínio é esse: a criança é o ponto fundamental, é a esperança. O adulto já está degenerado, mas a criança precisa ser cuidada, preservada, e também o organismo que a gera, que é a matriz. Então, em vez de três meses, pensei a dar dois anos de Pediatría, dois anos de Obstetrícia e de Ginecologia, que também eram separadas. Juntei num departamento. Então, só para dar um exemplo de Pediatría de três meses para dois anos. O berçário era de obstetra. "Não senhor, o berçário é do pediatra". Com isto, fui para Ribeirão Preto o maior pediatra do Brasil, que era o Joaquim Weiskopf e que até hoje é. O Weiskopf tinha, em 54, quando fui para lá, a maior clínica pediátrica de São Paulo, a mais rica. Ele fazia, naquele então, 250/300 centos por mês. Ele largou tudo para ir para Ribeirão Preto ganhar 45 centos por mês, de tempo integral. Por que? Porque é um fetiche da criança, é um fetiche do pediatra, e eu oferecia um novo ideal.

Partinax era obstetra aqui, farto de fazer parto aqui, largou tudo para ir para lá, porque dei dois anos, e ninguém sai de Ribeirão Preto que não tenha feito 30/40 partos, porque a minha experiência era dolorosa, foi-se médico; parasitologista já, mas quando fui para o Interior estudar direção pediátrica, a primeira crise que se aconteceu foi ser chamado para atender um parto. "E agora João, como é que você se vê?" Felizmente, naquele então, Herson Saric recebia 900 das casas. Fiquei apaixonado e deu certo. Mas agora não, agora a mulher não sabe mais parir, e 700 é casaria, esse outro

crise que se está mantendo - não vai entrar nesse âmbito agora.

Mãe, enfim, criei o conceito de departamento. Por quê? Clínica Médica. Havia uma cadeira de Santologia, quatro de Clínica Médica, uma de Temperática, uma de doenças infecciosas e parasitárias, uma de radiologia - tudo separado. Juntai tudo em um departamento. Um departamento de Clínica Médica. Como é que você pode separar doença infecciosa da clínica comum? Como é que você separa Santologia da clínica? O que é a clínica? É esse santológico, preliminar, que lhe permite fazer um diagnóstico, um prognóstico e um tratamento. Citei-se pela primeira vez neste ponto o Departamento de Clínica Médica, como se criou o Departamento de Clínica Cirúrgica - também. Um departamento só. Como se criou um Departamento de Obstetrícia e Ginecologia. Separar o normal do patológico para ela não tinha sentido. Como se criou um Departamento de Pediatria, com Psiquiatria, Surto Atalia de Departamento.

E essa posição da Pediatria e da Obstetrícia e Ginecologia - não vão pensar que era aqui só! Em todo o mundo. Em 62, corri todos as grandes faculdades de Medicina dos Estados Unidos e da Europa. Em todas elas, Pediatria tinha um professor sênior. Não era professor titular. Obstetrícia, idem. Conceição dezação Mas eu introduzi biostatística no curso médico. Por quê? Porque havia esper contribuições básicas da Fi

tics, que permitisse quantificar o fenômeno biológico. A introdução do número, senti que estava viva nas ciências biológicas, a era galileana da Física. Porque o que fez o Galileu há quatro séculos? Criou instrumentos de medição do mundo físico. Antes o fenômeno físico era observado e descrito em função dos sentidos e da capacidade subjetiva de elaboração mental do físico. Mas Galileu criou instrumentos de medição do fenômeno físico. Então, a Física passou a ser uma ciência exata. E levou quatro séculos para que o fenômeno biológico pudesse ser quantificado.

Então, as ciências biológicas, que eram essencialmente descritivas, baseadas em documentos - que é o caso histológico, é o desenho e a fotografia ... O fenômeno biológico passou a ser medição, graças à eletrônica, graças à espectroscopia. Estudar as variações na normalidade e na doença, variações nas suas diversas condições. Isso é um fenômeno que passa quatro parcos. É o que eu chamo a era galileana das ciências biológicas, pela subjetividade. Então, as ciências biológicas, que eram essencialmente descritivas, estão assumindo o caráter de ciência exata, ou se aproximando disso. Logo será, porque o número de parâmetros que interfere... Mas aí você entra com probabilidades, você entra com a estatística. Introduzi bioestatísticas por causa de delineamento experimental, e para ir habituando o médico ao raciocínio estatístico. Foi introduzido em Ribeirão Preto. Isso em 53. A 54

Medicina Preventiva foi introduzida lá, também. Medicina Preventiva por quê? Porque toda a educação médica era feita para preparar o indivíduo para atender doente num consultório, ou num ambulatório, ou num hospital. Então, o médico tinha de chegar o conhecimento de um doente, o momento clínico, o que sucedera antes e o que acontecia depois...

T.F. - Não era problema dele.

E.V. - Não era problema dele.
E tiramos, então, repito, o conceito de unidade etiológica da doença.

T.F. - O bacilo.

E.V. - O bacilo de Koch. Agora, como pôde esse bacilo de Koch de seroadaptar o ... que condições socioeconômicas, que condições de poluição ...? Vamos quantas pessoas nesse quartinho aqui? Um velho com tuberculose socialmente descontrolada. Onde está a ~~sanção~~ e o poço que serve à mesma família? Que distância tem, para fugitar uma série de infecções? Tudo era ignorado, porque a prevenção e a higiene não eram problema do médico. E isto era desde o período clássico da Medicina. Lembrem-se que o deus da Medicina é Esculápio. Deus Esculápio teve dois filhos. Higiene e Prevenção. Higiene cuidando da prevenção e Prevenção cuidando do tratamento. E existiram separadas até 1930.

- Z.V. - Não são disciplinas novas criadas.
- P.C. - Estatística... O senhor terminava falando pela Medicina preventiva comparada com a Medicina Clínica.
- Z.V. - medicina preventiva e social, criando um médico com uma outra visão do quadro da Patologia humana, ou da doença que incide sobre o homem, com uma visão dinâmica. Não a estática, de um momento da doença, que é o momento clínico, mas uma visão cinemotográfica, uma visão que parte de ... quando ele recebe o doente no consultório, ele tem que estar pensando em como, que circunstâncias ambientais de todos os tipos contribuíram para que ele apresentasse este quadro clínico. Não há aqui que as condições psicológicas, não só podem determinar, primariamente, uma doença, mas contribuem para modificar, o alívio, o nutricao, o quadro clínico de uma mesma doença.
- Por isto, também, se passou na recuperação funcional. Então, o médico é forçado para pensar na prevenção, no tratamento e na recuperação, funcional e psicológica. E eu tinha em mente... A quantidade, por exemplo, de dentes de tuberculose que ficavam dois, três, quatro anos nos consultórios em tratamento, tornavam o tratamento... Vinha no consultório todos as condições de sobrevivência, com muitas doenças, mas agora não começamos a voltar a a cuidar da própria substância, só que agora tornamos despreparados. As vezes, até fizemos

to, deverão assumir uma outra profissão, porque foi preciso tirar um pulso. E pensaram o emprego anterior, conseguiram a recuperação funcional... A recuperação de um coxo, de um surdo-mudo. Ensinar um coxo a viver, ou um surdo-mudo, para dar-lhe condições de trabalho, de sobrevivência, sem depender de caridade pública.

Nas eu tinha dito que a Medicina tendia a separar em Facultades. Higiene e Patologia ensinando separadamente, até que se reconstruam. Porque o médico clínico não tinha nenhuma ligação com problemas de higiene. A higiene e prevenção era de outro estado, e essa era outra classe, eram os higienistas que cuidavam da higiene e prevenção. E o médico clínico só tinha um contato com a higiene: era a notificação obrigatória de doença infecciosa. Ele era obrigado. Faculta os pacientes, ele era obrigado a notificar. Era o único problema dele. Ele não se preocupava com higiene e de prevenção e muito menos com recuperação. E a Medicina moderna tem que preparar um médico com uma outra visão, com uma outra mentalidade, com o que se buscou fazer quando criou Superintendência.

Nas nesse caso e, também, com consequência, criou pela primeira vez na educação médica a cadeira de Psicologia Médica. O médico lida com pacientes cujo estado de alma se precisa buscar, conhecer e interpretar para que obtenha um resultado muito melhor. Sabemos do sucesso de tanto cirurgião, de tan

tas sentas dos coqueiros e pedras do itabai na cura de paralisias histéricas, paralisias de origem paraneurotica, psicogênicas. Pelo impacto emocional daquela santa, daquela coisa, há um estímulo e ele sai sozinho. Mas isto o médico pode fazer no seu consultório também. Coqueira psicológica. Você pode imaginar que existe coisa de não ver nada, e o olho ao olhar está perfeito! E o médico sabe que simular uma intervenção cirúrgica com anestesia, com injeção, etc., preparando o paciente! Pois tira a venda e agora está emergindo. Ele passa a ver. As doenças do aparelho digestivo. Hoje sabemos que 80% das doenças do aparelho digestivo - colites, úlcera, vesículas prejudiciais, etc. - são de origem psicológica.

E o médico não era ensinado. Aprendia psiquiatria, quer dizer, aprendia a internar um alienado que tivesse o resto da vida internado. No médico era um eletrochoque, era amulinotocapio, era aquela coisa. Então, introduziu, não introduziu cátedra médica, que não existia nos cursos médicos. Então foi, também, pela primeira vez aqui no Brasil, o tempo integral obrigatório para todas as cátedras.

T.P. - - Quer dizer, o próximo passo ao tempo integral das cátedras básicas?

Z.V. - - Básicas. Mas para as cátedras específicas um tempo integral peculiar, um tempo integral climatogeográfico, em que o pro-

fessem escuro toda a sua atividade dentro do hospital universitário, mas pode atender clientes particulares em certos dias da semana e um curto número de horas. E isto não é para que ele ganhe reais, é para que ele aprenda uma clínica integral, porque é diferente a maneira como uma doença se manifesta num pobre ou num rico. Até a mesma coisa acontece com de forma diferente num sujeito que tem berço diretamente com um sabão, e outro que não. Isso foi criado pela Faculdade de Medicina do Ribeirão Preto. E também estabelecia a investigação científica original, como norma obrigatória de todo o docente.

- T.F. - - É o que eu ia perguntar. Quer dizer, pelo que o senhor acaba de falar, a preocupação básica do Ribeirão Preto era com o ensino médico e a formação do novo médico brasileiro.
- Z.V. - - Mas na base científica.
- T.F. - - Exatamente. Qual é exatamente o papel da ciência neste ...?
- Z.V. - - O papel da ciência, fundamentalmente, é o seguinte. Primeiro, contribuir cientificamente para a busca de soluções para problemas da nosologia específica brasileira, doenças de Chagas, xistocefalose, malária, doenças que são características, prevalentemente nessas, e não podemos esperar que as soluções venham de fora. Então, a investigação científica na Faculdade de Medicina, que é a que recebe pacientes de todos

os tipos, tem este como um dos objetivos. O segundo objetivo, de extrema importância, é para a educação do médico, para a formação do médico. Porque para o estudante de medicina, que vive numa faculdade em que todos os professores estão embarcados num programa de investigação científica, o que é que esse professor está mostrando?

Primeiro, uma insatisfação frente ao conhecimento adquirido. Esta insatisfação frente ao conhecimento adquirido localiza-se no estudante. Não é preciso dar aulas não. O estudante que vive numa escola em que todos estão embarcados em programas de pesquisa científica, o que ele está fazendo nesse programa? Está buscando conhecimento novo, está buscando sempre o horizonte do conhecimento. E, então, o estudante, ao culado dessa insatisfação, quando sai da escola continua um estudante por toda a vida.

Isto é decisivo, porque aí do médico ou de qualquer profissional que sai com seu diploma e depois vai exercer a sua prática satisfeito com os conhecimentos que tem, num mundo em contínua evolução de conhecimentos. Baster inculcar no estudante o conceito de que ele é um estudante por toda a vida, que a fase de faculdade foi uma fase formativa e informativa, mas que é insuficiente, que ele tem que continuar sempre insatisfeito. Mas isso só se faz quando os professores estão embarcados em programas de iniciação científica.

Então, a necessidade da investigação científica, em toda a universidade, tem dois objetivos básicos: primeiro, buscar resolver problemas da comunidade, não esperar que essas próprias coisas venham solução de fora, porque eles lá fora estão pouco interessados na solução desses problemas. Segundo, do ponto de vista da formação profissional, é formar um profissional insatisfeito, continuamente, frente ao conhecimento já estabelecido, e com espírito crítico frente a esse conhecimento.

T.P. - - Outra pergunta que eu tinha. O senhor falou que teria sido a primeira Faculdade a implementar o sistema de Departamento.

Z.V. - - Certamente.

T.P. - - Onde o senhor se inspirou para essa idéia de Departamento, que era, na estrutura acadêmica brasileira, um corpo de trabalho, pelo menos naquela época?

Z.V. - - Era, era. Eu me inspirei nas discussões com os meus colegas, grandes médicos, professores insatisfeitos por ver a fragmentação do conhecimento. Você veja. Uma faculdade tem quatro cadeiras de Clínica Médica. O que sucede é que, por via de regra, os quatro têm preferência por ensinar coisas mais sofisticadas de Cardiologia, porque é o chicote. É o chicote, em que ele mostra maior cultura. Pouquíssimos ensinam o aparelho digestivo, porque aquilo é muito sujo e tal. Há sempre uma resíduos desagradáveis. Mas as doenças do pulmão

lho digestivo estão aí. Ocasões do paísão. Chegamos a criar uma cadeira de Psicologia, porque não se ensinava psicologia lá. Aparelho renal pouco se ensinava. Então veio uma força nação insuficiente, e todos estavam insatisfeitos. Mas quem tinha que romper com essas cadeiras já estabelecidas, qual era o professor que renunciava ao seu imperialismo de caté dra?

em Ribeirão Preto, como não tinha nada antes, como eu parti do ponto zero, eu pude fazer a congregação das disciplinas afins em um mesmo Departamento. Mas agora isto, esta criação departamental - que foi lá criada, efetivamente, pela primeira vez - modifiquei e criei, pela primeira vez no Brasil - isto é uma lei de 51, elaborada por mim - a carreira docente ca. O que acontecia antes é que o catodrático, condaria, ap rior emprego medieval, tinha direito de vida e de morte equ pidual sobre seus assistentes e sobre seus alunos. Quer di zer, ele reprovava ou aprovava quem queria, e ninguém po dia discutir.

R.G. - - Inclusive na USP?

Z.V. - - Em toda a parte. Quando o catodrático resoltesse ... Ele era o dono da caté dra, o proprietário. Em a única estrut ra medieval persistente no século XX. Os assistentes. Ele reprovava quem queria primeiro assistente, e era muito comum o compadrio e o nepotismo. Quer dizer, o filho do professor for mava-se, ou o sobrinho, ou filho de um amigo ou um afilhado.

Ele podia, tranquilamente, nomear este fulano primeiro assistente dele e puxar para fora os outros. Ele admitia ou admitia ad nutum, a seu total arbítrio e ninguém podia interpor. E era indiscutível, estava na lei: os assistentes são admissíveis ad nutum. Adições e demissões. Ora, isto cria va situações trágicas de frustrações do indivíduo que está va como assistente de um cadeira há 10,15 anos, aspirando um dia à cátedra, e assim de repente: pau! Olho da rua. Não tinha mais nada.

Dessa situação eu ocabei com ela, pela primeira vez neste país, criando a carreira docente, pela qual ficava estabelecido na lei que o recém-formado só podia ser instrutor, só só podia passar a assistente quando conquistasse o bacharelado, só podia passar a assistente doutor, quando conquistasse o doutorado, só podia passar a assistente docente, quando tivesse nesse docência livre. Depois, o professor adjunto, pelas três belhas publicações em concurso, e depois professor catedrático. Mas essa escala não existia. Existia primeiro assistente, 2º assistente, 3º assistente, 4º assistente.

T.P. - - Três fazias.

K.V. - - Menos que queria. O ingresso e ascensão na carreira era feito em função de trabalho e títulos conquistados pelo esforço de cada um. E acabou, então, com o nepotismo e com o patrilínio. Sempre ainda persistia um pouco, um alienígena, mas

mente. Essa foi uma das grandes conquistas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Isso só foi introduzido em 66 pelo Castelo Branco, na legislação Brasileira, a carreira didática.

T.P. - - 15 anos de sala.

S.V. - - Outro concurso de cátedra, eu já conheci a voz. Apesar os provas de petição e aquelas dependentes de condições emocionais, o motivo - porque a Constituição dista: a exigência de títulos e provas, duas provas - uma defesa de tese, que é sempre um trabalho científico, o sujeito que é um cientista tem sempre alguma coisa para escrever, e prova de didática, que o sujeito tem 24 horas para preparar. E a prova de títulos, mas ao invés de dar valores ponderais iguais, passou a dar a prova de título 50%. As outras, 25% cada uma. Então, o indivíduo que não tem títulos, que é apenas um candidato de concurso, de excelente memória, que podia fazer e ganhar, como aconteceu tantas vezes, é eliminado na prova de títulos, porque não tem o passado. Isso foi introduzido por Ribeirão Preto e depois se estendeu a outras unidades.

T.P. - - Por essa sistematização de seleção, não se estaria favorecendo a seleção de bons cientistas em detrimento de bons professores?

S.V. - - Não, porque não há bom professor que não seja um cientista.

ta. Nenhum professor é bom quando não é um cientista, quando não é um pesquisador. Por que? O professor que se limita a transmitir conhecimentos, ele não sendo um pesquisador, que conhecimentos que ele transmite? Conhecimentos que ele leu em livros, certo? Na literatura nacional ou estrangeira. Por melhor que ele seja, na transmissão de cultura, ocorre o mesmo fenômeno que na transmissão de energia elétrica ou térmica. Há sempre perda de energia na transmissão*. A energia que sai em um ponto, chega aqui com 20/30% de perda. A energia gerada nas torres de explosão chega à roleta propulsora sempre com 20/30% de perda.

O mesmo sucede na transmissão de energia cultural, nunca um indivíduo consegue transmitir todo o conhecimento que ele tem, e nem tem espírito crítico para selecionar, aquilo que lê, aquilo que realmente importa. Ele só pode ensinar, quando ele é, ele mesmo, um pesquisador. Ele adquire espírito crítico para selecionar e para criticar, e mais do que isso, ele quer conhecimento. Então, ele querdo conhecimento, cria pouca a perda de transmissão. E mais, o exemplo que ele dá de insatisfação frente ao conhecimento adquirido.

Está bem claro não se pode, não há bom professor, quando o que se busca é formação e não informação, não há bom professor universitário que não seja um gerador de conhecimento. E não é só nas ciências experimentais, mas, também, nas artes. Um criador, um artista criador é um gran-

de professor. Na filosofia, quando o sujeito expõe mentalmente uma nova doutrina, novos conceitos, novas interpretações; no Direito, o que importa é a criatividade.

Tntão, não ocorre esse risco. O Travenço era um pessoal de data e um grande professor. O Dreyfus é um exemplo brasileiro de um grande cientista e excepcional didata com um espírito de didática arrasadora. Foi porque fui assistente dele, e depois o substituí, nes nunca, em nenhum livro estrangeiro que eu tenha lido, encontrei a exposição de Genética, de Evolução e Variação com a maneira com que ele fazia, com a clareza com que ele fazia. Matia na cabeça de um burro. E ao mesmo tempo, um cientista. Não era um cientista de mesma natureza de um Travenço, mas ele foi o criador da Genética no Brasil. A Genética do Brasil, a qualquer, está aqui no Dreyfus e, quando ele morreu, deixou seis grandes centros de Genética, são os discípulos dele. Deixou o de São Paulo que está aí o Pavan, o Brito da Cunha e o Foga Pessoa, um dos berço de geneticistas de primeira qualidade. Deixou no Rio de Janeiro, deixou na Bahia, com a Casa de Freitas, deixou em Curitiba, deixou no Rio Grande do Sul, Salzano, etc, etc. Deixou no Chile, deixou no Estado Unidos, o Carlson, que é o atual diretor do Departamento de Biologia da Universidade de Saint Louis, na Washington University.

- Z.V. - - Foi aliado dele, do Dreyfus.
- T.P. - - Que interessante esse detalhe. Mas ele chegou a lecionar nos Estados Unidos?
- Z.V. - - Não, o Carlson estava aqui mandado pela Fundação Rockefeller. Esse homem teve um papel ... Hoje o Brasil é um dos grandes produtores da Genética do mundo, porque depois veio o Brigger, para Piracicaba, Genética Vegetal e companhia. Eles se davam muito bem. Então, entendiam-se como grandes cientistas que eram, e se respeitavam. O Dobzhansky veio dos Estados Unidos trazido pela Fundação Rockefeller. Abriu a era drosophiliana da Genética. Era drosophiliana que foi, não digo intencional, mas com uma contribuição decisiva do Pavlov, quando descreve a Nicotiana, essa coisa da base, que tem aqueles cromossomos gigantes, com uma quantidade brutal de DNA permitindo, inclusive, o estudo da Biologia Molecular, penetrar fundo na Engenharia Genética. Isso é descoberta do Pavlov. É a grande contribuição do Pavlov. Disse "Oh, mas foi no acaso!" O acaso, mas o acaso só favorece quem trabalha e quem tem cabeça para distinguir. Hoje a Nicotiana é usada em todo o mundo. É a Drosophila do Morgan.

Mas, enfim, fiz essa referência às inovações da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, para explicar por que razão fui de atrair para Ribeirão Preto, grandes cientistas que fui buscar em toda a parte. O Moura Gonçalves veio do Rio de Ja

neiro, do Instituto de Biofísica - foi-me pedido pelo Carli
rios Chagas. Começou a trabalhar lá em Ribeirão Preto, em
 posição de uma casa alugada! Nós não acreditamos em edifícios,
 acreditamos em brens. Honras, honras, honras! Se dá os ho-
 nras que eu faço as grandes invenções.

Trouxe o Lison, de Bélgica. O Lison era professor da Univer-
 sidade de Bruxelas, o criador de Histoquímica. Por que que
 este homem vem, sai de lá de Bruxelas e vem para uma Facul
dade recém-criada, que não tinha nenhum contacto científico,
 de equipamentos, não tinha tradição, não tinha nada! Ao con-
 trário, o que o atraía foi o progresso revolucionário. E ele
 me escreveu: "Quero ir para o Brasil." Porque eu tinha pedi-
 do ao Lison pedido a ele que me indicasse um assistente, um
 livre-docente, e para surpresa minha este homem me escreveu
 dizendo que ele quer vir. Eu escrevi a ele a carta mais an-
 tidiplomática - se um sujeito do Itamarati tivesse visto
 aquela carta ele teria de vergonha!

"Professor Lison, recebi a sua carta com a mais profunda sur-
 presa, oferecendo-se para vir para Ribeirão Preto. Minha sur-
 presa deriva das seguintes fatos: primeiro, o senhor é um
 nome universal, criador de uma ciência nova; 2º, o senhor
 é um homem extremamente independente, não depende de venci-
 mentos, de ordenado - ele é um milionário; 3º, a Faculd
de de Medicina de Ribeirão Preto é recém-criada, não tem
 contacto nenhum para lhe oferecer, não tem tradição, nada!

Então, o sr. vai se porchar, mas quero saber porque o sr. quer vir para o Brasil."

Você já viu que topece? O tipo da pergunta indiscreta, não é? "Por que que você quer vir para o Brasil?" A enxada era tão grande... E ele me respondeu imediatamente, questionando o ruído da franqueza. Dizia ele: "O sr. deve ser um homem de ciência querendo saber as condições que existem e eu vou tentar responder. Primeiro: tenho 62 anos de idade e pertencço a uma geração que viveu na Bélgica duas guerras, invadido por alemães e por franceses, de ida e de volta, nas terras onde que ver com o assunto: 2º, tenho um filho de 18 anos, para o qual não desejo a mesma perspectiva de vida; 3º, conheço o Brasil mais do que o sr. possa imaginar. Sei que é um país de um povo bom que não pensa em guerra, tem muito para conquistar-se; 4º, o seu plano de colonização médica é uma revolução médica. Aqui na Europa é completamente impossível fazer isto, porque há um apeio a uma tradição sociológica acadêmica que ninguém alí, e o sr. dispõe com essa estrutura sociológica estática. A sua proposta coincide exatamente com as minhas ideias, de sorte que, se essa explicação lhe interessar e o satisfizer, eu vou para o Brasil."

Passei um western urgente: "Venha." Dali há um mês e meio esse homem me aparece na alfândega do Santos com quatro ou cinco toneladas de bagagem. Porque ele veio de mala e cuca. Ele trouxe todos os móveis, móveis clássicos: sala de jantar

Napoleão, mas não é estilo Napoleão, é Napoleão mesmo! Sala de visita é Luis XVI, é Luis XVI mesmo! Chintiserie, uma quantidade de vasos e de pratos e louças, tapetes orientais de todos os cantos - ele é um colecionador. Uma harpa do século XVI - uma beleza. Cristais de todos os gêneros, e trouxe o equipamento, também, que ele mesmo construiu! E ainda agora o meu trabalho para desembrasar essa maravilhosa presa na alfândega de Santos, vai convencer que não é um simples bandista!

T.F. - - Pois é!

2.V. - - Mas era o Horácio Lafer o Ministro da Fazenda. E vou explicar. E eu fui ao Rio. Eu disse: "Lafer, olha aqui esta obra de Lucien Alphonse Joseph Lison. Olha o que diz aqui o livro do Genere sobre ... A introdução do Livro do Genere da Engenharia: "O professor Lucien Lison pelas contribuições que fez, novas, etc., etc., etc., etc.," dizia isto e aquilo." Lamento ser chamado o fundador da História do Brasil. "Ele disse: "Mas você trouxe esse livro para cá?" Daí disse: "Sim senhor, está aqui, está no Brasil, e não pode entrar porque veio de mala e cuia, nos não damos entrada a mala e a cuia dele. Por isto ... Olha aqui, ah, ele é um homem rico como você. Você não é um milionário Olha aqui, olha aqui os livros dele." Ele disse: "Mas que beleza, huh?" - E uma beleza mas, e agora, lá na alfândega não querem deixar ele entrar." - Ah, é só isso? Não tem problema."

Bur, veio o Lager da Sorbone. Não sou pobre nenhumo não, quando peço, peço logo presente caso. Depois foi substituído pelo Miguel Costanza, até hoje está lá, cria do Houssey, do Houssey que não sei, depois, de Ribelirão Preto. Trouxe o Koberly, o grande patologista de Viara, indicado pelo Rocha Lima. O Maurício Rocha e Silva, que tinha perdido o emprego aqui em São Paulo. "Não tem saída, vai para lá." Na ocasião o Maurício, trabalhava cargo no Biológico, já tinha desoberto a medicina. Tinha aberto aquele capítulo dos polípeptídeos e dos hormônios, que não estão concentrados em um órgão, em uma glândula, hormônios fabricados por todo o organismo. Ora, se eu tinha grandes cientistas aqui, acredito tanto, ela começa a ser focalizada, e eu tinha autoridade moral para ir ao governo e pedir recursos. "Olha eu tenho que eu tenho aqui." É claro, o Lucas nunca se negou.

R.G. - - Governo Federal e Estadual?

Z.V. - - Estadual. Só o estadual.

R.G. - - E o Federal?

Z.V. - - Nada.

R.G. - - Mas houve alguma tentativa?

Z.V. - - Como?

R.G. - - Alguma tentativa por parte do senhor?

Z.V. - - Não, filho, eles não davam nos bozões. Mas não então, mas

na bondade, que era para não hesitar a dar qualquer coisa. Posso lhe afirmar. Esse projeto do Governo Federal é agora com a FINEP, com a Secretaria de Tecnologia Industrial. Na aquele tempo não tinha nada disso não, só tive foi tempo, inclusive para o Conselho Nacional de Educação me reconhecer isto. Tive esse plano novo para o Jurandir Ioditi, que era o ditador da educação superior. O Jurandir Ioditi disse: "Ah, não pode!" - Mas não pode por quê? - "Ah não, tem que obedecer o padrão da Faculdade Nacional do Rio de Janeiro." - "Por que eu tenho que obedecer esse padrão discolado de 50 anos?" - "Ah, porque está escrito no estatuto que é a escola padrão de educação médica no Brasil."

"Se está escrito é no estatuto dela, mas não está escrito na Lei Chico Campos, naquele Decreto-lei. E aquele é que vige. Aquela estabelece as disciplinas mas não me proíbe de criar novas, e nas disciplinas que tempo eu deva dedicar a cada disciplina, se mais ou menos, que enfasse eu deve dar. E não me impede de criar novas. E o que eu fiz está aí, é só isso. Foi reduzir umas, criar outras, corrigir os departamentos, não fala em católicas." Veja como zona tem feito o estatuto do Chico Campos.

Ele disse: "É, mas o Conselho Nacional não reconhece." "Eu disse: "Bem, mas se o Conselho Nacional não reconhece, eu vou à Justiça." Nessa base ele começou a estudar melhor. E eu fui a alguns conselheiros do Conselho Nacional de Educação e eles acabaram aprovando. Houve alguns votos contra o tal, mas

eu estava na importante povo e ... Com esta estrutura e com esta gente nas ciências básicas, é claro, quando eu lá hoje recordo a Pediatria, a Obstetrícia e Ginecologia, com outras perspectivas, então eu posso citar um clínico da estrutura do Hílio Lourenço de Oliveira que é uma grande figura de clínica médica, um cirurgião da estrutura do Rui Ferreira Santos, que é um autêntico cirurgião, não é um operador. É um sábio, é um sujeito que tem um background de Biostatística, de Bioplástica, cirurgião, cirurgião de uma habilidade tremenda, um grande clínico conhecedor muito bem Filosofia, e conhecedor de Música muito bem. Sabe fazer autópsias. Falando inglês correntemente, francês correntemente, alemão correntemente. Esse é o cirurgião que eu levei para lá.

O Waiski que foi para a Pediatria, atraído pelos dois anos de Pediatria e Bergânio, largou tudo, largou uma fortuna aqui em São Paulo. O Martins foi para Ginecologia. O Uberté foi para a trióia. Figueiredo para Neurologia. Na cadeira de Medicina Preventiva peguei o Pedreira de Freitas que foi o 1º professor de Medicina Preventiva no Brasil e que implantou uma Medicina preventiva, efetivamente, funcionando.

- R.G. - - Aqui no Estado de São Paulo?
- S.V. - - No Brasil. Não existia medicina preventiva.
- R.G. - - Sim, mas ele implantou aqui, no Estado de São Paulo?

Z.V. - - Não, na Faculdade de Ribeirão Preto. Na Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Estou lembrando eu que ela trouxe o porque pôde atrair grandes personalidades, porque dizia que eu não conseguiria levar para lá, e ela rapidamente se projetou de tal forma que a Associação Médica Brasileira, cujo 19 presidente foi o Milton Rocha - não sei se você conhece, é o grande oftalmologista de Belo Horizonte, figura esportar - lar de quem.

T.F. - - Não trabalhei com ele.

Z.V. - - Você conhece bem esse homem? Uma dignidade integral. Ele era o presidente da Associação Médica Brasileira, e o 19 Congresso da Associação Médica Brasileira, e o 19 Congresso da Associação Médica Brasileira, o tema era "Educação Médica" e ele resolveu fazer em Ribeirão Preto, que estava no 40 ano de funcionamento. Por quê? São palavras dele, eu vou ler para você. "Os médicos no Brasil sabem e, principalmente, sentem e reconhecem que a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi um espócio de claridade, que reuniu várias ideias e os que, cogitando da realidade de nosso médico nacional, viram a possibilidade de se concretizarem os seus projetos, as suas convicções e o seu ideal. Serviu de padrão e de exemplo, mostrou o magnífico exemplo que muitos ainda julgam dever ter. Temos pois, para com a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, uma dívida de gratidão."

"Euso ele escreveu no jornal da Associação Médica Brasileira para justificar a escolha da mais jovem faculdade de Medicina, para ser a sede do 1º Congresso da Associação Médica Brasileira. Então vocês podem ver o que ela significou no plano para da educação médica. Mas os tratados não é apenas nacional, é também internacional, e a prova está aqui. Fundação Rockefeller no relatório de 29, relatório da Fundação Rockefeller publicado nos Estados Unidos. De oito anos, desde a sua fundação, a faculdade de Medicina da São Paulo, tornou-se um centro nacional e internacional para médicos, professores e cientistas. Antes o Dean Rusty a visitou, era o presidente da Fundação Rockefeller. Era a 1ª vez que um presidente da Fundação Rockefeller vinha à América Latina, ainda que ela tivesse contribuído para a educação médica desde 1913 ou 14. Mas veio definitivamente em 24. Mas nunca um presidente tinha visitado Dean Rusty que depois foi secretário de Estado, passou lá conosco três dias, passou três dias em São Paulo e um dia em São Paulo, e me deu um milhão de dólares.

- 1.P. - - A figura de Harry Miller tem...?
- 2.V. - - Papel decisivo.
- 7.P. - - O sr. poderia falar ...
- 3.V. - - Harry Miller e Robert Brist Watson. Harry Miller - a 1921

gunta é absolutamente pertinente e me permito extrair a grã-tidão a dois homens que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da educação médica e das ciências biológicas em geral: Zoologia, Botânica, Agronomia, Veterinária, Genética. O Harry Miller, durante muitos anos, era um homem que nos via sempre nos Estados Unidos, entrevistando cada um, sentindo o jovem, dando bolsa. Mas veja bem a Fundação Rockefeller teve sempre um comportamento de alta dignidade, porque quando ela dava uma bolsa, ela impunha duas condições, depois de selecionar o indivíduo. Primeiro, que a instituição onde ele trabalhava o rescatasse de volta, lhe garantisse o emprego. Segundo, ele, bolsista, assinava um compromisso formal de voltar à instituição. Não podia ficar nos Estados Unidos, tinha que voltar à instituição. Oferecia a bolsa, o indivíduo passava lá 2/3 anos, conforme o caso e, quando voltava, a Fundação Rockefeller dava-lhe os equipamentos necessários para que ele continuasse a linha de pesquisa que ele vinha desenvolvendo.

Esta instituição, realmente, eu lhes falo como um indivíduo brasileiro, foi a única que seguiu de maneira correta, não espoliou o cérebro, porque os Estados Unidos desenvolveram uma tremenda política de espolição. Não gastando um centavo no fomento de indivíduos, de talentos, nada para lá e eles, porém, já pegam o indivíduo formado. Veja que nada tremenda para eles. E assim eles fixaram o cérebro. Eu consegui trazer de volta, agora, com a UNICAMP, cerca de

180 brasileiros que estavam nos Estados Unidos, na Europa. Mas da Fundação Rockefeller, o cientista tinha que voltar. E aí daquele que não voltasse, ficava marcado para o resto da vida, mas se ele voltasse e tivesse um comportamento que pagasse, ficava sempre sob o signo da Fundação e sempre recebendo novos auxílios. Uma volta para a reciclagem, ou aqui parentes de que ele precisasse.

Tão digna foi a Fundação Rockefeller, que se lembrou como hoje, quando o Dean Rusk esteve aqui. Passou três dias em Belo Horizonte, passou um dia em São Paulo, esteve na Faculdade de Filosofia com o grupo do Fausto e, nesse dia, ele encontrou tempo para ir fazer uma visita a um brasileiro que foi o primeiro bolsista da Fundação Rockefeller, Ernesto de Sousa Campos, já velho, aposentado com 70 e tantos anos. Ele foi pagar uma visita ao Sousa Campos porque fora bolsista da Fundação e tinha sempre um comportamento digno, correspondente àquele bolsista. Era o Presidente da Fundação que ia pagar uma visita. Isso é dignidade, isto é *caráter*, é refinamento da educação, da dignidade, da dignidade.

E o Harry Miller foi decisivo nisso, ele ajudou centenas e centenas de jovens brasileiros, e depois dele o Robert Bristow Watson que passou a residir no Rio de Janeiro e virou um brasileiro 100%, amante do Brasil. Conhecendo a música folclórica, conhecendo o Brasil melhor que nós. Os filhos criaram um problema: se viciavam no feijão e arroz e, depois, quando

gunta é absolutamente pertinente e me permito extrair a grã-tidão a dois homens que contribuíram decisivamente para o desenvolvimento da educação médica e das ciências biológicas em geral: Zoologia, Botânica, Agronomia, Veterinária, Genética. O Harry Miller, durante muitos anos, era um homem que nos via sempre nos galangames, entrevistando cada um, sentindo o jovem, dando bolsa. Mas veja bem a Fundação Rockefeller teve sempre um comportamento de alta dignidade, porque quando ela dava uma bolsa, ela imporia duas condições, depois de selecionar o indivíduo. Primeiro, que a instituição onde ele trabalhava o rescatasse de volta, lhe garantisse o emprego. Segundo, ele, bolsista, assinava um compromisso formal de voltar à instituição. Não podia ficar nos Estados Unidos, tinha que voltar à instituição. Oferecia a bolsa, o indivíduo passava lá 2/3 anos, conforme o caso e, quando voltava, a Fundação Rockefeller dava-lhe os equipamentos necessários para que ele continuasse a linha de pesquisa que ele vinha desenvolvendo.

Esta instituição, realmente, eu lhes falo como um português brasileiro, foi a única que seguiu de maneira correta, não espoliou o cérebro, porque os Estados Unidos desenvolveram uma tendência política de espolição. Não querendo um desenvolvimento saudável na formação de indivíduos, de talentos, nada para lá e eles, nunca já pegam o indivíduo formado. Veja que nada tendem para eles. E assim eles fixaram o cérebro. Eu consegui trazer de volta, agora, com a UNICAMP, cerca de

180 brasileiros que estavam nos Estados Unidos, na Europa. Mas da Fundação Rockefeller, o cientista tinha que voltar. E aí daquele que não voltasse, ficava marcado para o resto da vida, mas se ele voltasse e tivesse um comportamento que pagasse, ficava sempre sob o égide da Fundação e sempre recebendo novos auxílios. Uma volta para a reciclagem, ou aqui parentes de que ele precisasse.

Tão digna foi a Fundação Rockefeller, que se lembrou como hoje, quando o Dean Rusk esteve aqui. Passou três dias em Belo Horizonte, passou um dia em São Paulo, esteve na Faculdade de Filosofia com o grupo do Fausto e, nesse dia, ele encontrou tempo para ir fazer uma visita a um brasileiro que foi o primeiro bolsista da Fundação Rockefeller, Ernesto de Sousa Campos, já velho, aposentado com 70 e tantos anos. Ele foi pagar uma visita ao Sousa Campos porque fora bolsista da Fundação e tinha sempre um comportamento digno, correspondendo àquela bolsa. Era o Presidente da Fundação que ia pagar uma visita. Isso é dignidade, isto é *caráter*, é refinamento da educação, da dignidade, da dignidade.

E o Harry Miller foi decisivo nisso, ele ajudou centenas e centenas de jovens brasileiros, e depois dele o Robert Brier Watson que passou a residir no Rio de Janeiro e virou um brasileiro 100%, amante do Brasil. Conhecendo a música folclórica, conhecendo o Brasil melhor que nós. Os filhos criaram um problema: se viciavam no feijão e arroz e, depois, quando

do ele voltou para os Estados Unidos, querias fazer feição e cruz, e alia o problema dele. Este é outro homem que merece gratidão. E merece por quê? Porque a educação médica no Brasil, ao contrário do que dizem muitos oportunistas que pagam dois anos nos Estados Unidos e voltam de lá cretos de si mesmo e pontificando que a educação médica no Brasil não vale nada. Isso é uma ventura desastrosa, a educação médica no Brasil, em umas 15 ou 20 Faculdades, é de muito melhor qualidade do que o ensino médico europeu, que eu conheço. Por quê? Por causa da limitação...

FIM DA FITA 2-B

- R.G. - - ... recuperar esse parte. Falamos sobre a quantidade de alunos e a qualidade do ensino da Ribeirão.
- T.F. - - No caso da Ribeirão, em quanto o sr. fixou o número de alunos?
- Z.V. - - Inicialmente foi fixado em 50.
- T.F. - - 50.
- R.V. - - No orçamento, porque tinhamos condições muito precárias de edifícios e instalações. Agora são 90.
- T.F. - - 90.
- Z.V. - - 90, porque hoje as condições são outras de edifícios, de hospitais, de equipamentos. Mas cada professor tem sete, oito, nove assistentes. Então, uma turma de 90 dividida por sete, oito, nove assistentes, está a ver que o ensino é quase impossível. Todos os estudantes fazem suas próprias experiências. Eles não assistem a demonstrações de um professor que fica todo mundo esperando e vendo. Não sei, eles realmente se empenham. E assim em todas as boas faculdades do Brasil. E é claro que não temos nenhuma que não são de tão bom nível, mas para as necessidades brasileiras, de um país que precisa da educação em quantidade, é evidente ...

A limitação do número de alunos é um dos segredos - fundamentais da excelente qualidade de ensino médico em 10 ou 15 Escolas de Medicina no Brasil e de um ensino médico notável, mesmo nas faculdades mais precárias, porque, apesar de precárias, como o número de alunos é limitado, o aprendizado é seguramente melhor do que nessas faculdades europeias ou sul-americanas que recebem mais de mil estudantes, o que não têm condições de aprender mesmo com os grandes professores, e nas condições de frequência hospitalar que lhes dá aquela experiência e a vivência que lhes permite fazer uma clínica razoável. E nas condições do Brasil, as que precisam ser de médicos ...

Em primeiro lugar, não posso admitir que aqui o ensino médico seja precário, de forma nenhuma. Falei com autoridades de quem visitei todas as grandes faculdades da Europa, onde com o número praticamente ilimitado de alunos - mil, dois mil, como em Bonn, em que as condições de ensino são extremamente precárias. Conheci estudantes de Medicina que, no sexto ano, jamais tinham visto um doente. Depois de formados é que eles vão fazer dois anos de estágio num hospital de proximidade para começar aprender alguma coisa. No mais é só lições teóricas...

- T.P. - O sr. não acha que, talvez, este ensino seria, para um país como o Brasil de recursos escassos, um ensino caro?
- S.V. - Não. O ensino médico é obrigatoriamente caro. E a lista

ção do número de alunos se impõe, porque admitir abrir as portas da faculdade de medicina para quem queira é um erro grosseiro, que contraria o direito natural. Porque não somos nós que somos elitistas, é a natureza que é elitista, é a loteria genética. Eu, por exemplo, poderia ter talento para tocar piano, mas apesar de ter aprendido piano jamais conseguia passar de Scholol. Então, não tive outro remédio senão me interessar pela ciência, que me permitiu ter instrumentos que eu posso usar sem ter talento inato, não dependendo da minha vontade, da minha determinação. Então, da mesma sorte a loteria genética condiciona a que certos indivíduos tenham capacidade e outros não tenham para serem médicos.

Não podem abrir as portas indiscriminadamente para formar, ou frustrados em indivíduos incapazes. A saúde do homem é algo muito sério. O primeiro direito do homem é o direito a saúde muito mais do que a educação. Primeiro sobreviver. E o médico ao deve estar constantemente preparado. E o ensino médico é caro mesmo. Não temos 70 e poucas faculdades de medicina, hoje, no Brasil. Pois bem, o número de alunos a do ensino que forma 70 e poucas faculdades é muito inferior a apenas quatro faculdades de medicina da Argentina - Buenos Aires, La Plata, Rosario e Tucuman. Porque admitir dois, três mil alunos por turma, que qualidade de ensino se conseguirá?

Resolver, o problema do número de médicos aplicando os critérios e decidindo entrar todo mundo é como resolver o problema

na de falta de leite sendo água no leite. Ah, está faltando leite para a população? Então põe água no leite; então distribua leite para os pobres. Ah, então defendo esta limitação e devo dizer que esta limitação foi condicionada pela Fundação Rockefeller quando fez a primeira doação à Faculdade de Medicina de São Paulo, de um milhão de dólares. Foi pela primeira vez que vi o dinheiro perder do paulista, porque primeiro foi oferecido a Minas e eles não aceitaram, por causa da limitação. E a Faculdade de Medicina de São Paulo aceitou.

R.P. - - Isso em 24?

R.V. - - Em 24. E daí a limitação inexistente que São Paulo recebeu em matéria de educação médica, por causa dessa limitação do número de alunos, tempo integral nas cadeiras básicas, esta bolsa de um critério científico e de pesquisa científica que se estendeu depois às clínicas. Essa atitude depois se estendeu aos professores de clínica.

R.G. - - O sr. falava de Robert Watson.

R.V. - - Ah, de Robert Watson, que sucedeu Harry Miller na direção da Fundação Rockefeller no Brasil e que teve um papel muito importante. Apenas o Watson vivia aqui no Brasil, porque ele se apresentava a Fundação Rockefeller para toda América do Sul, mas a sede era no Rio de Janeiro. Então, ele estava sempre

concom e conhecia em profundidade as nossas condições e, não só continuou o trabalho de Harry Miller, como o explicou também, em larga escala, oferecendo condições extraordinariamente favoráveis ao desenvolvimento, não apenas de Medicina, mas de todas as ciências biológicas, sobretudo de Agricultura, por que se passou a prestigiar o Instituto Agronômico de Campinas, a Faculdade de Medicina Veterinária, a Faculdade de Dentistas, e assim por diante.

Isso deu um impulso, realmente, muito grande às Ciências Biológicas, sempre com os mesmos critérios de seleção por estas visitas longas com o Watson e com Harry Miller, e com a chegada sociedade de volta à instituição primitiva. E sempre oferecendo equipamentos para que os membros continuassem as investigações que tinham iniciado. Então, creio que já manifestei o quanto foi importante esta ... Nenhuma outra instituição americana teve um papel sequer aproximado.

- T.F. - - Quanto tempo o sr. ficou como diretor lá da escola?
- X.V. - - De Ribeirão Preto?
- T.F. - - É.
- X.V. - - 12 anos. Ao cabo de 12 anos eu tinha a instituição estabelecida solidamente, com um corpo docente de nível médio, com uma produção científica enorme, com projeção internacional, com uma quantidade de trabalhos publicados em todas as

revistas científicas sérias americanas, inglesas, alemãs, francesas, etc. Tinha a parte física do edifício e do equipamento e instrumentos; tinha o hospital; tinha residência dos estudantes; tinha a parte esportiva pronta, com campo de esportes, um lago maravilhoso, com mais de mil metros de comprimento, com praia - então podia-se fazer mais, náutica, etc. e aí eu senti que ela havia alcançado a maturidade, a maturidade científica e física seria. Então, busquei agir como um pai que era, pai que quando tem um filho que alcança a maturidade e que se casa e tem filhos, não pode continuar sob a égide paterna, sob pena de despersonalizar-se. Ela tem que encontrar em si os fatores de auto-organização.

Então, renunciei ao cargo de diretor, porque naquela época não havia tempo limitado - podia ser reelito e eu era reelito a cada quatro anos. Não queria que eu soubesse, mas fiz questão absoluta, porque, sendo aquela filha, eu queria que ela realmente não continuasse sob a dependência de um pai que acaba por vezes esterilizando o filho, despersonalizando-o. Renunciei e escrevi no discurso de despedida o seguinte: eu sentia, do ponto de vista afetivo, deixar a filha que eu criara, que me dava muitos trabalhos, vencendo lutas tremendas, porque vocês não fazem a menor idéia das tentativas da modernidade de destruir aquilo ...

2.V. -

- Ah, falo! Não tenha dúvida, vou falar sobre isto. Mas, como pai que realmente amava, que queria que ela encontrasse em si a capacidade de autodeterminação, uma vez que tinha uma Congregação de cientistas, ffo alertava para um ponto: deixá-la quando forças externas não podem mais destruí-la. Até o momento em que forças externas podem contribuir para destruí-la ou estiver a frente da luta, buscando desenvolver em si as suas aptidões. Mas agora estava tão solidamente estruturada que ninguém mais podia destruí-la por fora. Mas eu alertava para o perigo de contaminação endógena, no dia que começasse a admitir o viciado e o invejoso. Botice, inveja e maldade são três forças destrutivas que se unem com uma invejável solidariedade para destruir ou impedir o progresso das forças do talento, do ideal e da investigação, que são as forças que constroem. O talento pela capacidade, o ideal pelo coração e a investigação para ampliar o horizonte do conhecimento.

O cocão do RIBEIRÃO é aquela água que corre para o lado da Medicina e na outra a direção do Aquário São Paulo, que é o símbolo de difusão de cultura. A água é o símbolo da visão alta, ampla, que é a visão de cima, de cima para nós, que abrange uma larga superfície mas não perde o detalhe, ela desce um pouco para pegar um carreirinho que está lá abaixo e a visão angular ampla sem perda de minúcio do detalhe é o cocão do RIBEIRÃO. E o ditado é "Scientia feruimus ad opus", quer dizer, "A Ciência serve o Homem", serve o fim.

e acredito que eles têm buscado emitir este conselho que
 deixei. Porque eu dizia que no dia em que vocês permitirem
 que o médico e o roteirista entrem nesta faculdade, ela vai
 começar a autodestruição. Sei que isso é assim porque cor-
 ro a patologia das instituições científicas brasileiras. Sei
 que foi assim que Mangalves, daquela época, começou a degra-
 dar; sei que foi assim que o Instantã começou a degradar; e
 foi assim que o Biológico também decaiu bastante, porque não
 houve rigor no critério de seleção daqueles que entraram. O
 problema é que o invejoso muitas vezes tem talento, mas ele
 sofre um o progresso dos outros e ajuda. Então, para isto,
 ele se une com o médico e com o roteirista.

Quando cheguei à faculdade, ela era vista assim, até com um
 certo paternalismo, "a Escolinha do Zeferino", todo mundo
 via assim com simpatia a "Escolinha do Zeferino". E eu fui
 trabalhando silenciosamente e contratando esses grandes res-
 tres. No dia em que o Dean Rusky foi diretor o Hubeirão Pre-
 to, sem passar por São Paulo, passou lá três dias armado, e
 me deu um milhão de dólares, foi um estouro de bolado. Come-
 çou uma luta tremenda contra o Zeferino, no sentido de ti-
 rá-lo da direção por todos os meios e modos. Luta côndida,
 que eu enfrentei porque não havia partido o cargo - ela se fo-
 ra imposta praticamente, eu não podia comodamente fugir à lu-
 ta, o que seria muito confortável para ela, porque muitos
 dos que vieram, vieram confiados no meu passado e no meu no-
 me. Abandoná-los agora seria covardia, e eu não tenho espéri-

to de fugir à luta. Enfrentei com o apoio integral de toda a faculdade, corpo docente e discente, de toda a comunidade da região, não só de Ribeirão Preto mas como de toda a região. E foi de tal sorte a pressão psicológica ambiental que não pude nem tirar, estava todo combinado no direitinho para que eu não fosse reconduzido ao cargo de diretor.

R.G. - - Isto depois de quatro anos ou de oito anos?

R.V. - - Isto foi depois de oito anos. Esse mesmo tipo de luta eu tive depois em Campinas, nas mesmas circunstâncias, no dia em que ela começou a se projetar ... A verdade!

R.G. - - Se o sr. pudessem detalhar um pouco mais essa crise dos oito anos ...

R.V. - - Essa crise eu revelava assim. Eu tomara um dos resultados e eu era recebido pelo Conselho universitário - Conselho que eu dominava - , mas havia que indicar uma lista triplíce e eu tinha sempre dois candidatos - um era Derival Figueira Ribeiro e o outro era Elgair de Azeved. Ficavam na lista triplíce mais para constar, porque todos queriam que eu ocupasse esse cargo das últimas vezes ...

R.G. - - Uma dúvida. Isto foi 1959 ou 1958?

R.V. - - 1958 mais ou menos. Não tenho datas precisas aqui. Se vo

oás quiseram depois eu dou os números precisos. Numa das eleições alguém se pôdiu: "Olha, váca por o Junqueira - que é esse cientista aí da Faculdade de Medicina, excelente - na lista triplíce." E eu não tive dúvida nenhuma. Podi aos três conselheiros, porque ele votava em quem eu queria, a verdade é esta. "Foi o Luiz Jaqueira e tal, não há inconveniente nenhum". Acabou que o Ulhoa Cintra, que era o reitor da Universidade, não gostava da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, porque ela passou a fazer escola à Faculdade de Medicina de São Paulo, que era a faculdade padrão. Há aquela crise, e que' dorada sobre os leitos e não fez essa resolução que eu fiz na educação médica. E então o reitor era governador o Carvalho Pinto.

Venceu o meu partido e ele não nomeou o diretor. Então, ficou claro que ele não queria que eu voltasse. O reitor que tinha que dar ao Carvalho Pinto para nomear. E naquela tempo era o governador quem nomeava. Hoje, é o reitor quem faz a nomeação de diretor. Então, o Bechelli, que era o vice-diretor de Ribeirão, assentou. Aí, quando a população de Ribeirão parou o negócio, e a Faculdade de Medicina, fizeram uma manifestação nossa de apoio. E todas as classes dentro da classe médica, todas as profissões liberais, todos, sindicatos operários - eu me lembro de telegrama do sindicato dos varezeiros - profissões de toda a região telegrafando ao Carvalho Pinto, governador do Estado, estranhando que não se nomeasse o professor Zeferino. O Carvalho Pinto gostava muito

de mim, porque ele era metade do preço exatão, uma de vaca e eu tinha arrojado um milhão de dólares do Rockefeller e ele achou aquilo um colosso. Era um economista tremenda para o Estado.

Mas o filho Cintra que fez Babacoa para os Estados Unidos. Ficaram aqui na reitoria uma tentativa de se envolver numa irregularidade de prestação de contas, perdendo o processo - o processo de prestação de contas da adiantamento, que a gente apresentava e depois vai aquela seção de tomada de contas e sempre faz umas graças - e mandaram o processo para Ribei-
rão Preto para eu informar sobre aquelas graças. Perdido esse processo. Sedi da reitoria não veio às minhas mãos. Então, começou a cada de boatos, o sur sur sur, difundido pe-
la Roseira Escobar, que não chamávamos de "Baltara" que era chefe do gabinete do Cintra, uma mulher de uma eficiência in-
crível. Não sei se vocês chegaram a conhecer a Roseira Escobar. O apelido dela era "Baltara", os outros diretores dos
pochavam com ela e eu não, nunca fui peleta. Ela era coxa da resposta, dizia para os sovietozinhos da Universidade, como o Fernando Henrique Cardoso, Maria Schenberg, etc, e não que-
tavam de mim porque eu era desleal, dizia as verdades, e começaram a espelhar o boato de que eu devia uma prestação de
contas irregulares.

Quando eu soube do negócio, fiquei revoltado e começou re

constituir o processo integral, porque a minha conta, quando eu mandei o processo de prestação de contas, é que eles pegou seu primeiro pelo patrimônio da Universidade, e eles registrou na ficha tudo aquilo que era bem patrimonial, e na ficha dava todas as indicações de todas as compras, de quem comprar e de quem não comprar, etc. Falavam alguns recibos de nota de gasolina e umas despesas de transportes, umas besteiras. Lá peguei as fichas da divisão patrimonial da Universidade e fui a firma por firma e tive cópia de todas as Leituras, de todos os recibos, um por um, sucessivamente, o processo. O Office Center estava nas Estações unidas e estava na reitoria, como vice-reitor em exercício, o Professor Aguiar fez. Levado lá, foi a seção de controle de contas, eles ficaram tudo. Estava tudo patrimonial já, e a parte de despesas diversas era uma porcaria. A seção de tomada de contas deu as contas como boa e aí eu fui ao Natal. Disse: "Natal, você sabe o que é isso". Aí o Natal deu o "aprova" dele na tomada de contas.

Durante isso, eu estava já fora da diretoria e o processo sobre o Carvalho Pinto "porque não morreu?" inclusive, o presidente da UFR - Vicente de Lima, depois foi ministro do Tribunal de Contas - foi procurar o Carvalho Pinto e dizer: "O Iha, Governador, o sr. está se trazendo dificuldades políticas, porque a população de Ribeirão e de toda a região está revoltada porque o sr. não resolve. O sr. tem alguma coisa contra o professor Leferino?" "Não, eu não tenho nada. É por

que o reitor Ulhoa Cintra fez que pediu para esperar que ele voltasse dos Estados Unidos". Af, o visconde Paula Lima diz sei "Mas como! O reitor é para ajudar não é para lhe criar problemas, e o sr. está criando problemas para si e para o seu governo".

Na Câmara Federal o Waldemar Pessoa levantou-se já e fez um protesto veemente. A Assembleia Legislativa do Estado... Por que que eu já tinha adquirido... Eu tinha dado um prestígio enorme a uma região que era conhecida pelo café e que passou a ser conhecida no mundo inteiro por uma Faculdade de Medicina. Fiz eu, andar o ciclo histórico de uma região, do ciclo econômico para o ciclo cultural! Só se fazia no mundo um Sibirião Preto e na Faculdade de Medicina. Af a Carolina Diniz sentiu o negócio, chamou o Rafael e disse: "Tira o decreto." E se tornou diretor da Faculdade de Medicina na ausência de Ulhoa Cintra. E ele ainda estava fora, quando o Shereffário geral, o Júlio Estanato, convocou para a posse. O Cintra não estava. E aí teve posse, então, perante o Rafael, por que o Júlio Estanato convocou o Conselho. Teve posse, foi empossado, acabou. Tudo sacramentado.

Quando o Cintra voltou, ficou um fora. Suspender o Júlio Estanato. Deu uma suspensão de oito dias, depois teve que cancelar essa suspensão, porque eu fui a ele e disse: "Ulhoa, ou você tira essa suspensão amanhã, ou então vou ao Conselho da Universidade dizer porque você suspendeu." Não, não não

fui eu, e tal. Afinal de contas, essa pressão da telegrafia", "Esses telegramas não foram feitos por mim, foi uma reação espontânea da população". Mas por um time eu não sou tirado de lá, quando ainda não estava completa a obra. Porque, no fundo, o que queria aqui em São Paulo é que se fizesse uma filial de São Paulo, para Itapetininga. Quer dizer, o sujeito chegava aqui, passava lá com livre docência e depois voltava para São Paulo. E eu resolvi fazer uma neteira. "Eu não vou fazer filial, não sou farmacêutico, sou médico, faço a minha receita própria". Mas foi uma campanha tremenda, você não podia fazer coisa.

Outra campanha que sofreu foi, antes disso, quando saiu o Geyzer. Foi a Jânio Quadros. O Jânio Quadros não me conhecia e não me suportava, porque ele era deputado, quando a Faculdade de foi criada, e eu pleiteei aquelas instalações de Escola Prática de Agricultura para a Faculdade de Medicina. Das instalações maravilhosas. As escolas de Agricultura tinham sido um fracasso total. Então eu que se formava lá se formavam de manhã e não voltavam mais para a lavoura. Ficava tudo espremeado na cidade. Era elemento de fuga do campo, e eu demonstrei isso para o latus e o latus, então, me deu 200 alqueires e aquelas instalações lindas. Para você ter uma idéia do que eram aquelas instalações, as galinhas tinham cinco metros de pé direito em estilo colonial. Instalamos ali os laboratórios de química médica. As galinhas não enegavam, não tinham alcanço disso. Mas o Jânio era deputado e

ocasião e, para fazer oposição, lançou um vasto discurso dizendo que eu estava espoliando a Lousara, patati, patatá.

Quando ele assumiu o governo de São Paulo, sucedendo a Lousara, ele fez aquela viagem que esses governadores fazem. E em Paris ele foi elocuzado pelo Carlíno Chagas, que pôde dar o testemunho a vocês do que eu estou dizendo, porque foi ele quem se contou. E o Carlíno Chagas tinha o cuidado dele que era embaixador, um Nelo Franco qualquer e, então, o Carlíno Chagas perguntou ao Jânio em matéria de universidade o que ele pretendia, quais eram os planos. E o Jânio disse: "A primeira coisa que vou fazer é fechar a Faculdade de Medicina do Ribeirão Preto". E levou o primeiro traço, porque aí o Carlíno Chagas disse: "Então o sr. vai tomar conta a melhor experiência de educação universitária hoje existente no Brasil".

Mas o Jânio não se acovoreou. Voto para cá - e tinha ao lado dele o Dorotheo Siqueira Ferreira, professor da Faculdade de Direito a quem eu, como presidente da comissão de ensino do Conselho Universitário, rogara que assumisse uma cadeira de Economia da Faculdade de Ciências Econômicas. Então, não se supostava, e vivia ao lado do Jânio, ferrocando o Jânio. Encando os ouvidos do Jânio contra ele, o Jânio, então, tinha uma raiva tremenda, porque que o reitor era o Nélcio Corrêa Neto, que eu elegera reitor, com o seu prestígio no Conselho Universitário, que era o presidente do Partido Social

lista... Um grande cirurgião, um sujeito de alta dignidade, um grande chefe de Escola Cirúrgica. O Alípio é um sujeito excepcional - está vivo ainda - um sujeito formidável. E eu sabendo que o Júnior vivia falando mal de mim, iminente, pela imprensa, notícias contra mim, criei um caráter pessoal gíco contra mim. Um dia eu redigi um ofício de demissão em caráter irrevogável, por dentro de um envelope, fui à secretaria e disse: "Alípio, você tem despacho hoje com o Júnior, não tem?" Ele disse: "Tenho sim", - "Você se dá um ar com você, não?" - "Esta hora, senhor, não tem problema".

Não entrava no gabinete do governador, estava o Júnior com os óculos dele assim. Entra o Alípio, ele olha para mim e diz para o Alípio: "Quem é esse senhor?" Eu respondi e disse: "Foi o senhor Afonso de Albuquerque, diretor da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto e seu fundador, o homem de quem o sr. fala mal todos os dias, seu professor. Mas o sr. precisa ficar sabendo que fui para Ribeirão Preto deixando uma posição de professor aqui em São Paulo. Vou vir em avião de WSP, o DC3, ou indo de automóvel pela estrada, arriscando a minha vida toda vez."

E tinha mulher rezando quando eu saía e depois rezando quando eu voltava para pagar a promessa que eu fiz. Para tentar estabelecer no interior um grande centro, por isso ter como resultado que o governador do Estado de São Paulo, que não conhece a Faculdade, fique falando mal de seu professor. Então aqui o meu pedido de demissão em caráter irrevogável. Até logo sr. governador".

E saiu pela porta. Ela saiu atrás de mim, no seguio e disse: "Professor, é de homens como o sr. que eu preciso!" Discutei aqui no meu cômodo, sabe, e disse: "Por favor, não saia assim! Eu faço um apelo de um governador de estado". O Alípio, que tinha sido apinhado de surpresa - porque ele não sabia que eu ia fazer isso - disse: "Nô, Referino, você não vai fazer uma coisa dessas, você tem o meu apelo integral". - e o Alípio foi duro - "não importa que o governador fale vai." Então, eu continuei e, a partir daí, o João não dava mais um passo na universidade sem me consultar. E ficou gostando mais de mim pouco, uma vez, eu fui ao gabinete do reitor, o Alípio, entrou - eu tinha entrada livre - e estavam lá três ou quatro sujeitos do Partido Socialista, inclusive o Jair Monteiro, que hoje é o chefe do Gabinete do Arquivo do Colégio. O partido tinha brigado com o João. O Alípio era o presidente do partido.

Então, eles queriam que o Alípio pedisse demissão do cargo de reitor. Eu fui aquela conversa e disse: "O quê? Alípio pedir demissão do cargo de reitor? Alípio não foi eleito por vocês! Foi eleito pelo Conselho Universitário! O Alípio não está aqui nesta reitoria em função do Partido Socialista! A qui nesta universidade não se admite intromissão política de qualquer espécie. Ele foi eleito porque é um homem capaz, é um chefe de escola. Alípio, você não pode fazer isso! Você

não tem o direito de renunciar. Você se um dia quiser renunciar tem que fazê-lo perante o Conselho Universitário, alegando razões de consciência e de dignidade, senão você fica mal perante os seus compatriotas. Seríamos, aqui não se fala mais em Partido Socialista!" Assim nessas terras! Ficou todo mundo pal! Parado assim. Eu sou transbordante agressivo e não podia suportar.

Depois, o Alípio foi falar com o Jânio e disse: "Olha, aqui tocou isto assim, assim e o Seferino ficou um fera, e eu resolvi não pedir demissão. Aí o Jânio ficou feliz. Entende? Imagina se o Alípio pedisse demissão do cargo de reitor. Do ponto de vista do governo era... Aí ficou, então, mais um go meu. E quando o Alípio, depois, terminou o mandato, e eu elegi um novo reitor, o Jânio queria a todo o custo que eu fosse reitor, de qualquer jeito. E eu tinha jeito de ser indicado na lista tríplice, papagaio! Mas eu não queria e eu disse a ele: "Não, eu não quero". Como eu já tinha dito antes ao Lucas Garcia. Porque eu assumi uma responsabilidade de implantar uma Faculdade e enquanto ela não estiver pronta eu não se engolço por posições. É preciso dizer mais. Porque eu sou mais ambicioso do que vocês imaginam. Porque reitor um posição de gente já foi, todo o mundo espere, mas se eu quiser pletar a casa do Ribeirão Preto, meu filho, e meu nome fica eternamente ligado a ela. E eu não quero nada municipal, nada estadual, não. Sou mais estirado do que vocês imaginam.

E realmente eu tinha razão. Ai ele disse: "Mas quem é que diz se quer que você seja reitor, eu quero o Gabriel de Teixeira de Carvalho." Eu disse, "Ah, você quer um reitor particular?" - "É isso mesmo, eu quero um reitor...".

E tem o bilhetezinho dele - porque o Gabriel estava na lista tríplice ... Está anexado o bilhetezinho dele à reitoria: "Trago o decreto de nomeação do professor Gabriel Teixeira de Carvalho, o professor Zeferino é portador deste. Tal João Quadros", o bilhetezinho está anexo.

Faz foram lutas sérias contra um governador e depois contra um reitor. Um reitor que fora meu contemporâneo da Faculdade de, que até hoje se trata com a maior consideração a qual é um sujeito de alto valor, o tinha dentro, como clínico e chefe de clínica. Hoje ele está na expulsória também, alcançou 70 anos, mas é realmente uma grande figura, um que queria a todo custo não tirar de lá para fazer de Faculdade do Ribeirão Preto uma filial da Faculdade de Medicina de São Paulo, de que ele era professor, então, isso foi até 1964. Em 1963, devo dizer-lhes que aceitei ser Secretário de Saúde do Acre, na fase de preparo de conclusão de 64. E fiquei lá meses. Depois não suportei mais, porque não sou um político e o cargo de Secretário, como o de Ministro, queriam eu não quisera, tem sempre uma conotação que a mim repugna - a política partidária ou ideológica. Eu faço política universitária, no seu mais alto sentido. Recebi as propostas para ser de

petão federal, para ser senador, para ser o diabo, porque tinha adquirido um prestígio enorme na população de toda aquela região. Então, tinha possibilidades enormes de ser eleito e jamais aceitei. Dizia: "O dia que eu aceitar, vou poder estar certo que eu estou com anelamento cerebral. Então me interdito logo. É anelamento cerebral mesmo."

Tenho eu participação do preparo da revolução de 64 e participei porque, como Secretário de Saúde, fui testemunha de como elementos do governo João Goulart vieram a São Paulo para punir greves, de vezes duras. Uma delas foi na Santa Casa de Santos, em agosto de 1963. Recorde um telefonema do provedor da Santa Casa: "Professor, por favor, eu estou em situação de emergência". Eu disse: "Por quê?" - "Por que voto aqui o Ministro do Trabalho" - que era aquele daí não posso nem ver o nome - e concertei todos os enfermeiros, auxiliares de enfermagem, cozinheiras, atendente a exigência de mim que deixasse o ordenador, então entraram em greve. E entraram em greve porque eu não tinha jeito nenhum de debitar o ordenador. Certo é que eu peço, não Santa Casa? Então, eu estou aqui com 800 pacientes internados, tenho 15 indivíduos no centro de recuperação, reabilitação e tenho um berçário com 35 crianças recém-nascidas, sem nenhum dinheiro. 50 leitos de médicos. Todos estão na rua, fazendo um piquete. O que que eu faço, professor?"

Eu disse: "Olha aqui, eu vou tentar corrigir essa situação".

telefone para o Hospital das Clínicas - era a enfermeira-chefe Alice Ferratino - eu disse: "Alice, você tem aí enfermeiras para decorrer comigo para Santos? Ela disse: "Olha, pra fazer, tem uma turma de 60 que está usando agora do plantão. "Mas iriam comigo?" - "vão sim". Então, imediatamente, peguei dois ônibus e fui de automóvel na frente. Cheguei na Santa Casa... (O Ministro do Trabalho era o Amory Silva) Chegando lá, tinha um piquete de greve e esse piquete não queria deixar entrar. Daí fui ao telefone e falei com Bolívar Barbante, que era o Delegado Regional, amigo meu, que tinha servido na Ribeirão Preto, e disse: "Barbante, eu estou aqui na porta da Santa Casa para entrar e não me deixam entrar. Tem um piquete aqui, você traz força aí e vamos entrar de noite". Ele não teve dúvida. Daí eu pouco depois lá eu e outras nos da coisa mesmo. E eu na frente. Alinhavamos o piquete - produziam uma porção de gente. - E tinha descer as escadas o Amory Silva. Sem ao meu encontro. Daí imediatamente, segui-me a encontrar com ele, subi a escada de largo, não foi nada difícil. Foi direto ao provador com as 60 enfermeiras e disse ao provador: "Clara a viúva do Ferreira Martins aqui." Depois eu disse: "Olha, a sra. por favor vai à rádio e convence as suas amigas" - eu sabia que ela tinha um grande prestígio - "convence as mulheres de Santos e filhas adolescentes de 18, 20 anos para tomarem conta da cozinha, do serviço de limpeza, sacropropiata, etc." Ela foi. Foi, às oito horas da noite a Santa Casa estava em pleno funcionamento.

- Z.V. - Bom, tendo participado dessa revolução, e porque eu conhecia o Castelo Branco, já ... Tinha conhecido o Castelo Branco como diretor de cursos da Escola Superior de Guerra, que não tinhamos promovido aqui na Universidade de São Paulo. O primeiro curso de extensão da Escola Superior de Guerra, isto era dela, foi feito aqui na Faculdade de Direito, com uma frequência de 600, mais ou menos. O melhor conferencista foi sem dúvida, o Castelo. Desenvolveu o tema "A Ciência e a Cultura Nacional". Um expositor brilhante, é um conferencista bom. O fato é que, no dia 20 ou 23 de abril, por aí, acordei na telefonema, às duas horas da manhã. De que acordei surgiu sobre o protótipo, com um aparelho desorganizado, acordei com aquele berrido telefônico, atendi. "Aqui é o Presidente do Castelo Branco". A minha primeira reação era dizer: "Aqui é o Imperador da Índia, seu tótoto". Mas, sabe, esses lampejos assim, pelo sonolência matutina, acordei bem e disse: "Oh, Presidente! Como está o tal?". Ele disse: "Olha, professor, o sr., se desculpe de eu estar telefonando agora, a esta hora, é que eu acabo de sair em um decreto nomeando o senhor reitor-interventor da Universidade de Brasília."
- "Mas, Presidente, eu estou aqui como presidente do Conselho Nacional de Educação, na fase de instalação, um trabalho pesado, o sr. não podia se dispensar?" Ele disse: "Não. É uma missão, o sr. não se meteu na revolução?" - "Não sei". - "Então, tem que vir aqui-la." Eu disse: "Por que não, Presidente, quando é que o sr. quer que eu chegue?" - "Hoje pela manhã."

e assim eu fui. E fui com o objetivo de salvar a Universidade de contra as tentativas de destruir o que ela tinha de bom. Porque, tendo muita coisa má, eu sentia que a gente podia fazer uma intervenção cirúrgica, tirar as coisas ruins e deixar o que ela tinha de bom, que era uma estrutura universitária brasileira nova. E lá permaneci por quase dois anos. Eu quei criar cursos que lá não existiam. O curso de Física, por exemplo. Havia mais Ciências Naturais, e o grupo de jovens que o Darcy Ribeiro tinha trazido de Belo Horizonte - uma universidade em que eu fosse reitor não sequer instrutores - era lá professores. Esta gente não tinha o que fazer. Era agitadora. Criei cursos de Química, criei cursos de Biologia básica para Medicina, criei os cursos de Engenharia Industrial, criei os cursos de Desenho Industrial, organizei o departamento de música com o Cláudio Santoro, com a Anita Schwartz, com o Anísio Otávio, mas não permiti que tivessem...

Eu posso tirar 17 ou 18 elementos que eu disse e disseram: "Olha, vocês vão sair daqui não é porque são comunistas não, porque não isso vocês são. Vocês não sabem ser comunistas, vocês pensam que são. Eu vou tirar vocês por anticiedade". E eles aceitaram. Mas do momento quando eu recebia uma palavra do general Negressy, que era o presidente dos IPPH: "Ah, porque está aí o Cláudio Santoro, comunista, esteve na Rússia, o sr. o sentou aí na universidade!" Eu disse: "Olha, realmente, ele está aqui. É um grande compositor. É um novo

Internacional, que merece todo respeito e que não tem atitude nenhuma subversiva aqui dentro, envolvido por sua missão. " - Ele esteve na Rússia. É verdade, eu também. Estive lá, fiz conferências na Universidade Central de Moscou. Não tiro nada. "O Nicosov, o querem com o Nicosov? Não tiro o Nicosov. O Nicosov tem as suas idéias socialistas, mas é um teórico e está muito preocupado com os seus projetos arquitetônicos. Tinha aquele que foi presidente do CAPES, que eu fiz vice-reitor, o Almir de Castro.

R.G. - Conheci ele com o Cândido, antes de ir para a UNDP.

R.V. - Antes de ir, pois é. O Almir de Castro, fiz o Almir de Castro. Eu o fiz vice-reitor! Eu não tiro o Almir. "É porque quando na UNDP ele não dava bolina para esquerdista". Não é verdade. Eu sabia que não era. Dizia, o que eu fiz foi defender o bom, tirar o mau e preservar o processo de unidade que queriam que fosse destruído.

Dei o primeiro tranco no dia em que eu tomei posse como reitor efetivo, - porque, primeiro eu fui reitor pró-tempore, depois eu fui efetivo. Então, o Márcio Suplicy de Lacerda, que era Ministro da Educação, me deu posse e, no dia da posse e, no dia da posse - tinha lá um porção de professores - ele declarou que agora é que ia ser feita a Universidade - e tal. Eu era um homem que tinha experiência de milícias e de tal, patatá. Até agora não existia coisa nenhuma. E eu não suspendi absolutamente as gerências dos docentes.

mas eu queria dizer que a Universidade de Brasília existia nesse, uma estrutura original que precisava ser preservada e mantida. E tinha alguns grandes elementos que precisavam ser preservados e mantidos, e que era a minha intenção. O Flávio, depois, disse: "Mas Zeferino, você se esculhambá logo na tua posse." Eu disse: "Mas o que é que vou fazer, com todas as coisas que estavam criadas". Mas isto impressionou muito os professores que visam que lá lá, não era perseguir, mas sim para defender.

- T.F. - Quanto tempo o sr. passou como reitor-interventor?
- S.V. - Interventor foi coisa de um mês, dois meses, e depois foi efetivado. Mas o fato é que fiquei lá fazendo, construindo, construindo, construindo e preservando a estrutura. Depois o Darcy, realmente, muito inteligente, conheceu um erro grosseiro, resultante da inoperância, xenofobia e da formação pessoal. Se o Darcy tivesse se limitado a ser o pai da Universidade, é possível que ele estivesse lá até hoje. Ele hoje diz que não reconhece mais a filha, porque a filha foi degradada, como se fosse uma prostituta. Se isso acontecer a culpa é dele, porque ele abandonou a filha, admitindo, ainda no começo, a posição de Ministro da Educação e, depois, a chefia da Casa Civil da Presidência da República. E ele sentiu que ele era o mais capaz de toda aquela turma que rodeava o Junco e era realente. E foi atordado pela mesma razão - ele estava certo de que ia ser o Presidente da República -

como Chefe da Casa Civil. Mas como Chefe da Casa Civil ele assumiu uma atitude política ideológica.

X.F. - e aí morreu.

X.V. - Ora, se você assume uma política ideológica "X", você tem lá o inimigo "Y" que vai combater você. Não podendo alcançar você, que foi o que aconteceu depois da Revolução, que eles fugiram, não podendo alcançar o criador, então vai buscar alcançar a criatura, que é a Universidade. E a cabeça de La Fontaine, não foi você, foi seu pai. Então, o erro grosseiro dele foi não ter sentido que ele seria hoje na posição universal se tivesse permanecido reitor de Brasília, e não aceitar posição de Ministro da Educação e depois Chefe da Casa Civil do João Goulart. Ele é que abandonou a filha e deixou a filha capôta a todos os ataques e conflitos, por que ele assumiu posição ideológica que a Revolução combateu. Está bem claro para você esta...? Quer dizer, ele não fez o que eu fiz, que não aceitei ser reitor da Universidade de São Paulo, para poder completar a minha obra. Ele agiu como pai que a criança tinha dois anos e ele deixou. Foi substituído pelo Anísio Teixeira, excelente indivíduo, mas limitado do ponto de vista ... Ele era um... Não tinha essa liderança executiva, não é, e a Universidade pareceu a assumir uma posição ideológica, mesmo que dentro lá dentro, e o meu trabalho foi depois defender essa Universidade contra a destruição.

- T.F. - Pelo que eu sei, uma das peças básicas nessa defesa que o sr. Sá de Brasília foi bastante, reforçar o setor de ciências exatas e biológicas, não é? O sr. podia falar um pouco sobre ...
- T.V. - Exatamente. E ciências biológicas. Busquei reforçar, trazer de fora para ela elementos de alto valor, como o Salomon, que era um físico de nome mundial, que eu queria trazer mas ele não queria largar aquela posição que ele tinha no CAMBRIDGE naquela comissão. Então busquei ocupar a era. Göte, que era um excelente psicanalista, mostrava a ela: "Olha, ali está um cargo aberto. Brasília não tem ninguém, filha de Deus!" E ela se ofereceu, foi para Brasília e o Salomon veio e me deu uma colaboração preciosa na implantação dos cursos de física, como na implantação dos cursos de Química.

O Gottlieb, que eu ... do Rio de Janeiro. Conseguimos um equipamento formidável para Química de Produtos Naturais. Criei o Departamento de Psicologia, implantei o Departamento de Uma Psicologia Experimental. Criando os cursos básicos de física, estava também criando os de engenharia, por que só existiam os de Arquitetura, com o grupo de Manócar, um grupo muito bom mas que estava em conflito com outro grupo de arquiteto. Como é que chamava aquilo? Não está mais lá. Muito interessante, fez o projeto de Faculdade de Educação

15.

Então, até tinha uma rua lá que era chamada de "Paralelo 23", porque uma parte era do Meesyer e a outra parte era dele. Mas fiz críticas ao Meesyer, ao projeto dele, aquela coisa não dá 150 mil metros quadrados, das quais você utiliza 40%, no máximo. E eu cito uma construção maravilhosa aquela coisa, aquela linguagem colossal. Aquela buraco que eles escavaram abaixo, no chão, não sei para quê, sem luz, com problemas de escoamento e o diabo, problemas de infiltração. Aquelas jardins cunçaras e infiltrar água, porque concreto não resiste à água, não é? Depois precisava tirar tudo para ligar, estabilizar, um custo fabuloso. E lá só tinha ciências. Ciências biológicas e ciências exatas, mas as ciências humanas e as artes separadas. Por que? Perdia, a seu ver, o caráter integratório. Ciências humanas, ciências exatas, ciências biológicas e artes deveriam funcionar como um todo harmonioso.

- III. - Para as ciências biológicas, o sr. trouxe o Condato?
- IV. - O Condato é uma série de centros. Agora não se ... O Condato, sobretudo em Genética. Então, queria tirar aquilo que não era de ciências humanas que estava prevalecendo lá. Não Direito, tinha Economia, tinha Administração. Através das ciências físicas e biológicas você consegue dar maior consistência e dar mais estrutura à universidade.

Mas depois de um ano e meio, uma coisa assim, o plano total

e o Conselho Estadual de Educação de São Paulo em conjunto com o que eu devia vir, que eu já havia completado a missão - fazer uma universidade no interior.

INTERRUPÇÃO DA FITA

- R.G. - Quando o sr. era reitor em Brasília, se parecia que houve uma demissão em massa.
- S.V. - Não senhor!
- R.G. - Da list anterior?
- Z.V. - Não senhor, houve quando eu entrei ...
- R.G. - Aquela demissão de 2007?
- T.F. - Isso foi depois.
- Z.V. - Foi depois. Quando eu entrei, eu tirei lá os 11 governos eleitas que não faziam outra coisa senão agitação, que eu tirei lá do lado do Sul, do lado do Norte, lá de uma escola de formação lá de pelo Nordeste, região-formada, e foram para lá como professores. E eu chamei e dissei: "Olha, eu vou tirar vocês, não é porque vocês sejam comunistas, porque eu respeito o comunista autêntico. O comunista que tem consciência e respeito, mas que não vai aqui porque quer dinheiro, usar a posi-

ção de superioridade de um professor, superioridade mental, superioridade hierárquica para induzir jovens "espíritos a serem pláncidos e que recebem aquilo..."

Ele, com tanta reverência aspectos de gente doente, construtiva, senti como você pode induzir à agressão - jovens adolescentes que, pela própria natureza, são agressivos, e ainda do adolescente que não seja, porque é a fase contestatória, ele contesta toda a autoridade paterna na fase da adolescência - e paterna, autoridade paterna porque até a gravidez oância, pai e mãe era onipotentes, onipotentes e ele precisa se sentir isto psicologicamente, para sentir garantia de sobrevivência, mas depois, quando os genes madurecem, começa a formar-se a personalidade, ele quer sentir-se ele mesmo, mas ainda não é bom, então fica essa utilidade do adolescente, que só se sente passado em grupos, é o grupo que é a pessoa, e é por isso que eles não se agarram, ficam ocupando até altas horas da noite, aquele grupinho de adolescentes. Isso eu observei hoje nos meus filhos, e a minha mulher preocupada "São duas horas da manhã". Aquilo não é coisa. Deixa lá, filha, que eles estão lá se arrastando. Eles tentam quebrar o grupo para não partir a personalidade própria.

Uma coisa jovem, ele é receptivo. Se um professor e alguma doutrina, é claro que ele é induzido com facilidade pela superioridade mental do professor. Então, numa universidade

de, o indivíduo não tem direito de ser um doutrinador. A mim não importa a doutrina a que ele acredite, o que ele não pode é usar a universidade para doutrinação. É, em outras, é um abuso de autoridade moral, científica, hierárquica. Então, eu fui para fora, naquela ocasião, meses 17, por verdade, e busquei por todas as formas, defendi e não deixei que tivesse de lá indivíduos acusados de subversivos que tinham idéias socialistas, mas que eram pobres, que eram decentes e de alto nível. Assim foi o Minoyor, assim foi o Santoro, e havia uma série de outros, que eu defendi e não deixei tirar da universidade. O Almir da Castro, o que é que o Almir da Castro tinha de ... não é? Não que conheço bem o Almir.

2.P.

- Havia alguma especulação sobre o tipo de ciência que Brasil ia dever fazer? Como o sr. reforça esse lado da ciência naturais? Havia algum tipo de especulação, que tipo de ciência, como fazer esta ciência, que relação esta ciência teria com os problemas brasileiros, como é que era isso?

2.V.

- Não, devo dizer que, naquele então, eu pensava em ciência pela ciência e, como já disse, o que me importa é a criatividade e ciência da verdade, o que eu não acredito é a ciência e não distingo ciência aplicada de ciência pura. Continuo com o mesmo pensamento. Então, quando eu catulei na criação de núcleos de ciências físicas, biológicas, químicas, matemáticas - tinha um grupo de matemáticos, então

bom, o Elton Lage de Lima, está até hoje lá no DFFB, aquele
 do Eluzaredo, um grupo realmente bom. Eu queria estimular
 produtividade, porque esta produtividade acaba sendo útil
 ao país e à cultura. Era este o meu pensamento, defender,
 como defensor o poeta, o Ciro dos Anjos, que é um grande
 poeta, que era professor de Brasília. Quem defendia o
 Niemeyer, que era um grande arquiteto criador. Defendia
 criatividade. Bom, o fato é que em 1965 comecei a receber
 pressões para vir para São Paulo para implantar uma instituição
 aliada no interior.

R.G. - Pressão por parte de quem, quer dizer, de onde surgiu a
 idéia, o apelo?

Z.V. - Do Conselho Estadual de Educação, sobretudo, porque já
 estava criada a Universidade de Campinas, e só tinha um curso
 em funcionamento, que era o curso médico que estava no 3º ano.

T.F. - Mas já estava criando, enquanto universidade?

Z.V. - É, como universidade, já por lá, teoricamente no papel, mas
 não procedia nas condições de uma Universidade. Só ti-
 nha o curso médico que estava no 3º ano, e funcionando num
 prédio anexado de uma instituição.

T.F. - O sr. falando de Ribeirão Preto, diz que a intenção era um
 pouco criar uma filial da Faculdade de Medicina lá.

- 2.V. - Não.
- T.F. - A ideia de criar uma universidade em Copacabana, também, era um pouco uma ideia de filial da Universidade de São Paulo ou não?
- 2.V. - Não posso afirmar se era. O fato é que, quando annari, resolvei fazer uma matriz, como fiz em Ribeirão Preto, e não criar uma nova universidade, um novo tipo de universidade. Uma universidade que eu planejei quando aceitei o cargo apresentado pelo Conselho Estadual de Educação, que previa, porque dizia: "Aquilo não existe como universidade, portanto primeiro fazer uma comissão de instalação". Aceitei criando e fiz um planejamento prévio, que começou com a definição da palavra universidade.

Qual é a etimologia da palavra universidade? O que quer dizer universidade? Deriva de *universitas*. Universidade na versatilidade, unidade na pluralidade, unidade na generalidade. O que é universo então - aquele espaço português - é aquela ideia que envolve o globo. Porque eu verificava que 99% dos professores universitários, talvez mais, e a totalidade dos estudantes, ignoravam o que é ser estudante universitário ou professor universitário. O que distingue um professor universitário de um professor de um instituto, escola

de de ensino superior? Então, unidade - unidade na variedade, unidade na pluralidade das atividades humanas, mas o que confere unidade? As atividades de conhecimento de um sociólogo e de um parasitologista, de um filósofo epistemologista, de um economista e de um químico, de um matemático e de um psicólogo, o que confere unidade a atividades tão diversas, com bases tão diversas e objetivos aparentes tão diferentes. A seu vez, e foi o que eu defini, só há uma coisa que confere unidade, é o objeto geral perseguido por todos, o gol perseguido. Então, qual é o gol que você persegue quando você está aqui neste momento tendo em vista como esse. A do violinista que está tocando um programa, a de um médico no exercício de sua profissão ou de um sociólogo, o que confere unidade?

Qual é o gol perseguido por todos? Só há um gol que realmente merece dignidade, merece respeito: é a formação do bem-estar físico, social e espiritual do homem. Da você exerce a sua atividade atual e ou a soma, além da necessidade imediata de satisfazer as suas próprias necessidades, tendo em vista o que isso é objetivo mais alto a alcançar que é a promoção da cultura e, conseqüentemente, o bem-estar da comunidade ou a sua atividade e a outra atividade não recebem respeito. Se ela é feita só com o conteúdo egoísta, não merece respeito. Está bem claro só o gol é que nos une a todos, o objeto final, o bem-estar do homem comum, a promoção da justiça social. Se o gol é um só, não temos que apr

como um time em que jogadores das mais diferentes posições buscam marcar o gol. E não importa que o atacante, importa que o time o alcance. Se não temos que agir como um time, a universidade deve ser concebida como um organismo, e não como um conglomerado de organismos.

As universidades atuais, na sua quase totalidade, brasileiras ou estrangeiras, são constituídas de faculdades e institutos - Instituto de Física, Instituto de Química, Faculdade de Direito, Faculdade de Engenharia - cada uma é uma unidade independente. Elas só estão unidas por um conselho universitário - mas, que é mais um órgão de cúpula, de política geral da universidade. Traço ao longo das linhas não há unidade nas atividades e os fins, não há interação.

E eu gostaria conceber uma universidade como um organismo, o que é um organismo? O meu é um organismo, constituído de órgãos totalmente diferentes - fígado, baço, pâncreas, pulmão, coração, cérebro, sistema nervoso, sistema circulatório, esôfago, rins, pulmão, muscular - órgãos de estrutura e de funções totalmente diferentes uns dos outros. Mas em princípio no lugar eles estão próximos uns dos outros; segundo, eles trabalham sincronicamente através de órgãos de integração, sistema de integração. Por quê? Para preservar a minha saúde física e mental. E eu gostaria conceber uma universidade de como um organismo em que órgãos diferentes, físicos, que

micos, miterônicos, naturalistas, filósofos, artistas da mesma sorte agirem conjuntamente para a preservação da saúde física, mental e espiritual da comunidade.

Os instrumentos de uma grande orquestra, em que você tem instrumentos dos mais diversos de corda, de percussão, sopro, metais. Cada instrumento tocado isoladamente você pode obter um efeito harmônico agradável, mas você jamais poderá obter o efeito brutal de uma sinfonia se cada função tocar isoladamente. Como é que você pode ter o efeito estético de um quarteto de câmara, se o violino, o violoncelo, o piano e o contra baixo tocarem cada um por sua conta? Mas se eles tocarem conjuntamente o efeito que você tem, global, é muito superior à soma matemática do efeito de cada um. Não claro o raciocínio? Então, eu estabeleci isto, objetivo: promoção do bem-estar, através de um organismo com órgãos totalmente diferentes, mas esse organismo vai trabalhar conjuntamente para somar efeitos, multiplicar efeitos, por efeitos de ressonância.

A longa experiência da USP aqui e desta cidade universitária em que cada Instituto dista dois km uns dos outros; da Ilha do Fundão, em que a Faculdade de Engenharia dista 2 km da Escola de Arquitetura; da própria Beneficência, em que apesar da distância de 750 metros a comunicação entre os centros não se dá, e muito raras com as artes e com as ciências humanas, que estão completamente fora do conjunto. Falta pro-

xinidade, faltas técnicas, falta pontos de encontro onde os
 homens se encontrem para programas conjuntos de pesquisa,
 de ensino.

Estabelecido o gol, estabelecido que deve ser um objetivo,
 eu passo a definir que atividade deve desenvolver esta uni-
 versidade para alcançar esse gol. Então, tem as actividades
 clássicas da transmissão do conhecimento adquirido e acumu-
 lado pela humanidade para a formação de profissionais de
 profissões liberais, cientistas, atletas, filósofos, líte-
 ratos. Mas uma universidade que se limita a transmitir o
 conhecimento entra em degeneração, porque, em toda a transmis-
 são há perda de cultura, como eu já disse. Então, a univer-
 sidade deve ser criadora de cultura, geradora como o diabo
 ao gerar para conservar, não só a perda de transmissão co-
 mo também para resolver problemas específicos da comunidade
 em que está.

Não há um segundo tipo de atividade que tem sido praticamen-
 te olvidada pelas universidades, que é a de sair das suas po-
 redes e ir à comunidade detectar que problemas aflige a co-
 munity. Que problemas de saúde? Que problemas de produção?
 Que problemas educacionais? Que problemas de ajustamento eco-
 nómico e social aflige esta comunidade? Detectar esses pro-
 blemas, buscar equacioná-los e procurar soluções para eles.
 Mas ela deve sair activamente e ir à comunidade. Ela não

pode é esperar que a comunidade venha a ela, por vários motivos. Em primeiro lugar, porque a comunidade não sempre tem a consciência dos problemas que a afligem, por ignorância; segundo, porque a comunidade, quando tem a consciência, ela tem a universidade, tem porque vê ... Não na universidade sempre uma consciência expressiva. O estudante que é resolvido, os professores, etc. E terceiro, porque vê a universidade assim como algo inacessível, assim como o Tíbet no Tibet.

Tem um profundo respeito, e a universidade cultiva esse respeito, ficando encetada, enfocada, para mostrar que é realmente um conceito sério, intocável, é o Tíbet ali. A universidade cultiva isto. E cultiva esse isolamento também, porque assim tem que resolver problemas, porque sente que não sabe resolver. Fuga da realidade.

Acontece que a única formação é médica e o médico não pode fugir à realidade. O médico só aprende medicina no doutor, deixando o doutor, espalhando o doutor, ouvindo o doutor. Mas já o agricultor não, esse aprende em casa piloto, em cursos de livros, em casa técnico e o profissional ali, espalhe de consentir espalhe actor, ele não quer saber. Então, essa é a terceira função fundamental da universidade: sair dos seus muros e ir activamente à comunidade tentar detectar os seus problemas e buscar solucioná-los.

Exemplos concretos de como agir a UNIVAP, foram primeiro falando do projeto, depois é que vou dizer como agir. Então, o projeto foi estabelecido: transmissão, criação do ambiente novo e extensão à comunidade ativa. Estabelecidos os três tipos de atividade, eu passei a estabelecer que atividades são necessárias para desenvolver essas atividades para alcançar o gol e, prioritariamente: 1º, honar; 2º, honar; 3º, honar. De pouco a pouco, mas não que buscou resolver os seus problemas construindo edifícios monumentais que ficam fechados, parados, não sobrando, depois, dinheiro para equipamentos. Ou, se compra equipamentos, não tem dinheiro para pagar os honorários. E edifícios e equipamentos não constroem e não fazem nada.

Então, estabeleci claramente essas prioridades. Depois dos honorários aí, então, vem equipamentos, depois biblioteca e, por fim, em último lugar, edifícios. Último, fim questão absoluta. E passei a proceder assim. Então, primeiro cuidado: seleção do corpo docente e técnico-científico. Como selecionar? Oferecendo, atraindo grandes cientistas. Mas como atrair grandes cientistas se eu não tinha nada e não ser um ideal? O mesmo ideal de Ribeirão Preto, uma nova concepção de universidade. E é claro que, quando eu convidava, tinha também uma certa credibilidade pelo passado de Ribeirão Preto, que tinha conseguido partir de estaca zero fazer a qualis Faculdade em alto nível.

Então, este nome adquirido e depois em Brasília se deu uma similitude para convidar grandes cientistas brasileiros que estavam fora do Brasil. E a quem eu fiz um apelo "Tudo na hora de voltar. Vocês têm filhos e sabem que o futuro de seus filhos é aqui. Ah, eles não vão ter vez". Já discriminação não lá fora. Essa discriminação que vocês não vêem aqui no Brasil contra o estrangeiro, existe em todos os países do mundo. E nos Estados Unidos idem, idem. E lá, como na Europa, há uma tremenda competição, e na hora de competição, meu filho, eles dão preferência a gente da casa.

- R.G. - Esse apelo à volta dos cientistas foi quando, professor? Quer dizer, se entendeu por longo período ...
- S.V. - Longo período. Isso continua. Não pára nunca. Começou em 66.
- T.F. - Esta concepção o sr. troça sozinho?
- S.V. - Sozinho.
- T.F. - E também a seleção dos cientistas que viriam?
- S.V. - Naturalmente. É claro que depois... Se veio um Ruyelcio Querquira Leite, depois eles se indicam outros. Isso agora é uma bola-de-neve. Veio o Ruyelcio - "Olha, trabalhei lá com

o fulcra de tal, merítimo espectacular, vale a pena trazer a tal". Mas na primeira ... Eu tenho esta capacidade de reconhecer homens capazes e distinguir, - isto eu aprendi todo - distinguir a esta ciência da ciência verdadeira.

T.P. - Como o sr. relacionaria a sua vivência, a sua percepção de Brasília e o modelo de Campinas?

S.V. - O modelo de Campinas é muito mais integrado. Já lhe disse que lá eles integram ciências exatas e biológicas de um lado, naquele sentido, e ciências humanas em outro lado, separada. Agora é outra coisa separação. Em Campinas, não. É uma unidade. É para simbolizar esta unidade, quando construí a cidade universitária, eu chamei o arquiteto e disse ... Fiz como o português da aneddot. Você casa com qualquer um, com tanto que seja com o Joaquim "Você vai fazer qualquer coisa, enquanto que haja um grande praça central de 200 metros de diâmetro, que eu farei dela um belíssimo jardim, um jardim atrativo com botânicas naturais de flores, ervas, pedras, água. A ópera grega, e todas as grandes unidades são construídas periféricamente, e todas convergindo para ela".

A distância entre de um instituto a outro é 300 metros. Os contatos são fáceis, a ópera é atrativo, lá se encontram estudantes, encontram-se professores, discussões e intervenções livres, reuniões, reuniões de trabalho. Você vê lá o

economista e o geneticista, o físico e o médico, o botânico e o químico, e a Faculdade de Engenharia de Alvarado, e tu de está fortalecendo de programas interdisciplinares. Facilita todas pelo faz out, porque o esforço dá o conceito de unidade e não há posições privilegiadas, não há lados privilegiados, todas estão no perímetro da peça. Crescem radialmente para trás, mas convergem todos para esse ponto, que simboliza o bem-estar do homem. É um lugar de obra, de repouso, agradável. É o bem-estar simbolizado, assim, acontecimentos te, e os incentivos voltados para ela.

O Instituto de Artes está, no momento, dentro do Instituto de Física, porque eu não tenho um local para pôr. E os objetos, quase difíceis, são em análise do Instituto de Física. Mas por que o Instituto de Física? Porque lá é onde estão os equipamentos mais sofisticados para análise do corpo. Então, lá não já constituíram cinco creches maravilhosas. A Artes Decórus só temos, aqui no Brasil, as creches feitas na UNICAMP, com redesiras modernas, crianças de alta sofisticação, inclusive estética. Mas por que? Porque cada detalhe é analisado com aparatos que refletem o ser em si e vão analisar a altura e interrelação de tudo em todos os ângulos, com todos os detalhes, as nuances as mais específicas, as mais resplandescentes são analisadas. Platas de cores são fezimos lá.

Infim, veja sempre o sentido de um organismo, com esta forma, física e com ângulo espiritual, em que eu busco aproximação com o Centro de Epistemologia, Lógica e História da Ciência, em que eu entro no mesmo centro discutindo e interagindo filósofos, físicos, químicos, matemáticos, estatísticos, e eles encontram aplicações, sugestões de trabalhos técnicos usados para aplicar nos outros ramos da ciência. E a multiplicação do trabalho é uma coisa impressionante. O efeito de ressonância, o efeito orquestral.

- T.F. - O sr. já teve em algum lugar fora do Brasil, como dizer, Iguaçu da Campinas, é verdade, esper uma coisa parecida com isso?
- T.V. - Não.
- T.F. - Ou algo que se aproximasse?
- T.V. - Não. Não tem nada. E eu fui fazer experiência em Berlim, em Tel Aviv, mostrando essa concepção. Eles me convidaram exatamente para isso, não só para conhecer as quatro universidades de Israel ...

T.F.

- Quer dizer, o sr. não conhece ...

E.V.

- Não. Não conheço. Mas eu conheço a universidade medieval, como ela nasceu. Quem ignora a história, corre o sério risco de incidir nos erros da história. Como nasceu a universidade medieval do século XIII? Como nasceu Praga? Como nasceu Bolonha? Como nasceu Salernum? Como nasceu Sorbona? Nesse então, indivíduos excepcionalmente bem dotados surgiam, exortavam condiscipulos. Mas era tudo manuscrito, não havia imprensa de divulgação e sabia-se por viagens, mais por comunicações de frares e religiosos que migravam, que faziam de tal em tal parte ... E não sentiam o indivíduo que exortava, que cria ... Ele sente necessidade de expor as suas idéias, de submetê-las a críticas ... Eles sentem necessidade de essas críticas, de indivíduos para discutir, para sentir se ele realmente teve uma concepção nova ou não, se ele está criando algo novo ou não, que supetisse outros.

Então, esses indivíduos passaram a se reunir, a constituir organizações em que, cada um punha e punha as idéias. Logo foram constituídas essas universidades medievais, como organizações em que os indivíduos logo se encontravam uns com os outros. Mas depois os condiscipulos foram se ampliando, as universidades cresceram, cresceram, cresceram. Vinte e séculos passado, que é um século analítico. Mas a criação de

instrumental houve uma penetração em profundidade dos conhecimentos e volta a tendência à agregação, à separação, à desintegração da universidade, que ficou sob liturgia pelo Conselho Universitário.

Nas de nós estamos no século XX, século de integração, de nós caminhando em todas as ciências biológicas e outras e entre as humanas, achamos caindo no terreno da Matemática, porque houve uma matematização das ciências humanas, como exemplo pela economia. Hoje, a lingüística o que é? Não as artes! Hoje, você conhece as computações. Caindo no terreno da Matemática, quer dizer, caindo nos alicerces comuns. Onde é a diferença entre Física Quântica e Química Quântica? É Matemática Quântica. O químico que faz química quântica, ele não lida com pipetas ou balanças, lida com réguas, calculadora, discos e computadores. Então, verificou-se que, na base dos conhecimentos, há uma unidade e, então, a volta ao passado. Volta ao que era universidade. Foi o que se fez em Curitiba.

R.G. - Um renascimento?

R.V. - Não é bem um renascimento, mas uma volta. É um feedback. É um feedback.

- T.P. - Quando o sr. está falando assim, sinto uma certa semelhança entre o ideal, eu digo, bem claro, o ideal de USP, para dizer, na ideia dos seus fundadores. Não sei se eu estou certo?
- Z.V. - Está certo sim. Eles queriam um denominador comum que seria a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
- T.P. - Exatamente.
- Z.V. - Mas que não conseguiu virar. Por quê? Porque uma tradição das arcadas ou uma tradição de Politécnico, ou de Medicina, como é que podia admitir que ia servir à uma Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Filosofia fosse dar os cursos básicos da Engenharia? Eles que tinham a tradição de Politécnica... Uma falsa tradição.
- T.P. - Da queiria então fazer uma provocação: isso quer dizer que a verdadeira USP está nascendo em Campinas?
- Z.V. - É um pouco diverso. Porque, realmente, tendo o conceito básico lá, que é a USP sólida, não como uma Faculdade mas como institutos que funcionam efetivamente e não por uma estrutura, uma estrutura administrativa ou institucional, por um curso - físicos, químicos, matemáticos, biológicos e tal integram por processo. Administrativamente eu estou neste instituto, aquele está neste, mas estão todos para fins conjuntivos, pela defesa do trabalho que eles produzem. Mas

trabalho que eles produza. Mas quando eu quero, com 112
há dois anos atrás, estabelecer um grupo de Energias não
Convencionais - energia solar, energia de hidrogênio, energ
gia biomassas - eu organizei um time de 70 indivíduos, cu
que entras físicos, engenheiros, matemáticos, biólogos, ar
quitetos, com resultados incríveis.

R.G. - A universidade não mais se associa ao modelo universitário nor
ta-americano?

E.V. - Não senhor.

R.G. - Quais seriam os pontos de convergências e de divergências?

E.V. - O modelo universitário norte-americano continua, ainda, no
no um conglomerado de institutos e faculdades. E assim em
Israel.

R.G. - Apesar do modelo departamental?

E.V. - Apesar do modelo departamental. Departamento é uma coisa, uni
versidade é outra. Eu quero uma universidade em que os depa
rtamentos de Arte, de Educação integrem o Centro de questiona
gia, se relacionem com o físico, com o matemático, com o
químico, com o biólogo, para que se perceba o todo. Essas
instruções de visão angular. E isto deriva um pouco do fato
de, naquela fase de aprendizagem que eu vivi com o Trabalho,

Dreyfus, Von Shering, Rocha Lima, etc., tem vivido nisto na casa do Von Shering. Então, senti o quanto isto se caricou aqui, porque não posso viver sem estonia. A estonia é um lun necessário ao homem. O homem precisa de estonia. É um uni versitário que fique livre de espeta sua pesquisa cientifi ca é uma barbaridade. É um sujeito capaz de visões estrai ta.

T.P. - O sr. acha que teria sido possível dar uma mesma experiência a Brasilian

R.V. - Se fosse estabelecido desde o começo. Não não foi.

R.G. - Brasília seria o modelo americano?

R.V. - Não. Mais integrador. Mas lá, ele separa ciências humanas, ciências exatas e artes. E eu não separei. Eu integrei. Uma integração mais completa. E traduzi isso arquitetonicamente e urbanisticamente. A de Brasília trocou por a separação de ciências biológicas e exatas, de um lado, ciências huan nas do outro e artes do outro, com as demais atividades que não têm nada que ver umas com as outras.

Este seminário organizado agora, que também tivemos pensa- do, os que namu cientistas, engenheiros, sociólogos, polí- ticos, mercadores governamentais, é uma época. Reverend o quê? Qual é o gol perseguido? Não é a independência do log sil. Mas todos nós lutamos pelo mesmo objetivo. Então, va nos jogar para um time, vamos intencional; as soluções que

não preconceitos são diferentes. Mas ver quais são as factíveis e as não factíveis, quais são aquelas paranoias teóricas e aquelas que são viáveis, não. Que sociedades são viáveis de aplicação? Mas isso você só pode fazer numa universidade que não pegue pelo gigantismo. Porque o gigantismo é potencial para indivíduos como para instituições. O acadêmico, ou trace de hipótese, tem o desenvolvimento descontrolado dos nossos, mas não tem o desenvolvimento estrutural das ações de integração, que articula as ações, todas nas verdades. O mal das universidades modernas é o gigantismo.

Por exemplo, São Paulo e Rio de Janeiro. Por mais que você queira não conseguir, a começar pela disposição. Ou aqui, para se comunicar com o químico - e aí tem um biólogo - precisa andar dois km. O físico outro dois. Matemático outros dois. Ciências humanas nem sei onde estão.

R.G. - Uma pergunta pessoal no meio disso. O sr. tem conhecimento de literatura sociológica?

Z.V. - Algum.

R.G. - Turkehn, por exemplo?

Z.V. - Um pouco, não muito profundamente. Mas superficialmente.

2.G. - Sobre a UNICYP eu tenho um batalhão de perguntas. Talvez fosse bom você pegar uma linha e depois eu pegava outra.

2.V. - Eu estive nos elementos necessários. Eu disse que criar qui... Para desenvolver as atividades e para alcançar o gol. Então, seleção de pessoal: eu trouxe cerca de 100 brasilei ros que estavam fora. Terho 230 professores estrangeiros. É a universidade, do mundo, que tem maior número de professores estrangeiros. Eu tenho de todos os origens: tanto ingle sas, franceses, alemães, espanhóis, portugueses, italianos, húngaros, tchecoslovâques, poloneses, russos, dinamarqueses, ce rcos, sul-africanos, neozelandeses, argentinos, ucranianos - 230 - selecionados pela capacida de.

Eu se vão para trabalhar ativamente, para fazer ciência e dese nvolver cientificament e, ficam quanto tempo quei ras, se não uã ã.

Em geral, ficam quase todos, com ficarem em rebelião pr to, porque esse país atr ai. Esse país é cor tal ment e, não há agressividade contra o professor estrangeiro. O exemplo da USP foi para mim um enfrenta mento formid ável. Com todos a qu os professores que vieram da primeira leva, política que, infelizmente, não resistiu ... Não ter contratado mais professores estrangeiros é um erro grave is mo. De mar te os at ô ho je co ntinua do co n tr at ando professores estrangeiros.

- T.F. - Fococou na *Lehrbuch*.
- Z.V. - A mediocridade infame vai assumindo as posições. E o *Lehrbuch* acaba dando futuros letais e santolécias.
- T.P. - Nessa escolha de professores estrangeiros da sua primeira turma, de Campinas, o sr. por exemplo, na área de Física, se preocupou mais com a parte teórica, da função da falta de da de instalações, se preocupou mais com a parte, digamos, imediatamente aplicável, com o que foi isso? Ou gostaria de saber com detalhes.
- Z.V. - Ou vou dizer.
- R.G. - Quer dizer, eu gostaria, inclusive, adicionalmente, que o sr. conseguisse assim relatar a história da Física tem data imediatamente desde o início, desde a vinda do Marcelo Dary a ... Tudo isso.
- Z.V. - Exatamente. Eu levei o Marcelo Dary, com quem eu tanto anos trabalhei, ajudando-o como Conselheiro da Universidade. Ele é um homem de grande valor, um homem que sou o primeiro a ter poder ligar Dary. Ele trouxe a esposa, de verdade, e está lá de viceministra e construiu aqui. Eu tive muita luta com o Conselho Universitário, porque os reitores que decidiram o Jorge Américo não queriam continuar. Mas, afinal, ele acabou construindo, excelente, a partir da situação de umidade,

reduzindo o número de pessoas necessárias. Eu vi o Marcelo Dury construir os detectores de submarino por ultrassom durante a guerra. Eu ajudei, foi um vizinho, como servente de pedreiro. O Jongo americano, com reator, trabalhava de pedreiro, porque ele era o único sujeito que conhecia radar, ultrassom. Ele trabalhava na Inglaterra e, quando desceia para a guerra, os ingleses quiseram levá-lo para lá e ele se negou a ir, porque sentiu que ia ser necessário aqui. Ele era um patriota.

Depois o Marcelo... Foi o chefe Cria do Vanaghiu e do Centralini. Foi para a Comissão Nacional de Energia Nuclear, CNEN, no tempo do Jango e deu um grande prestígio. E, quando o Jango caiu, ele foi destituído. Ele que havia fundado o Instituto de Energia Atômica aqui, construído o reator aqui em um ano, foi um recorde mundial, um reator de potência de seis megawatts, desde a pedra fundamental até o reator crítico, em um ano - 365 dias - e com todas as dificuldades de construção desse edifício, que vocês sabem que tem condições especialíssimas de trabalho, de isolamento, de cuidado, etc., etc. Quando ele voltou para cá, para o Instituto que ele fundou, ele tinha deixado o Pignone na direção, e a primeira coisa que fizeram foi começar a fazer furadeiras com ele.

Então, ele se aposentou da Universidade de São Paulo e foi contratado como professor de Física da Universidade de Curitiba.

pinas e diretor do Instituto de Física. Tinha um modo. Mas a primeira coisa que estabeleceu, e que ficou bem clara, é que nós não devíamos cogitar de Energia Nuclear, em primeiro lugar porque já havia aqui equipamentos e pessoal que era muito caro. Nós tínhamos que trabalhar para um curso de Física com dispêndios e de muita importância - Física de Estado Sólido e Ciências dos Materiais. Então começamos a buscar ...

- R.C. - Raios Cômicos, também, não?
- Z.V. - Raios Cômicos foi logo depois, quando o Lattes foi praticamente posto fora dessa universidade com um processo.
- R.C. - USP?
- Z.V. - É. Como tinha sido posto fora do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas, eu levei o Lattes para lá. O Lattes tem essas fases agressivas e, nesses fases agressivas, ele diz as coisas mais barbarizadas das superiores. E eu levei para lá e está lá até hoje, vive comigo ... Por que ele está lá até hoje? Porque quando ele tem essas fases agressivas, eu o trato como médico. É aí, então, a hora que lhe dá um apoio. Depois passa e ele volta com todo aquele potencial técnico que ele tem. E dou-lhe todos elementos de trabalho, fornecendo altas energias.
- T.P. - A ideia do Drey era Estado Sólido?

- E.V. - Faltava de estado sólido, e começamos então a contactar. E o primeiro que eu contactei foi o Sôrgio Porto, que era um professor da Universidade de Selt, Califórnia. Mas o Sôrgio Porto tinha uma posição altíssima lá.
- T.F. - Como é que o sr. chegou ao nome do Sôrgio Porto?
- E.V. - Foi o Marcelo que me apontou - "Olha, tem lá o Sôrgio Porto". E eu escrevi a ele. Ele veio, teve uma conversa longa com ele. Mas o Sôrgio Porto tinha uma porção de cartas dele que haviam trabalhado com ele na Bell Telephone, inclusive, o Rogério Campolina Leite, Zipper, uma série de outros. E eu então me contactei com todos eles, mas eu disse a ele: "Olha, vocês..." porque eles não queriam vir em grupos, e eu não queria um, queria o time ...
- R.G. - Isto era que era, professor, aproximadamente?
- E.V. - Isto foi em 1967, 1968 e essa gente quando veio falar comigo eu disse: "Olha aqui, minha gente, o projeto é este. Quando vocês vierem, vocês não terão sequer nada para contar, não tenho nada para oferecer, mas eu garanto que quando vocês estiverem aqui eu vou conseguir dinheiro". E foi assim.
- R.G. - O sr. já tinha contacto com a área governamental?
- E.V. - Já era o reitor.

R.G. - Pleiteou?

S.V. - Não.

R.G. - Federal?

S.V. - Não.

R.G. - HUBSBC?

S.V. - Não. Ainda não. Quando cheguei aqui, eu fui ao Wilson
 Fuzam, que era o secretário de Planejamento, grande exper-
 sário - é o presidente da Trul, essa grande empresa de polí-
 ticos - ele era o secretário de Planejamento, engenheiro, in-
 teligente como o diabo e eu disse: "Olha, olha aqui, está
 vendendo esta gente aqui. Olha o currículo dele! Olha o pos-
 sado! Olha os projetos! Essa gente não tem nada, não tem
 nada, não tem cadeira, não tem escritório, não tem nada. Eu
 preciso de dinheiro. Me dá dinheiro aí". Eu devo dizer-lhes
 que nunca o governo se pegou dinheiro. Ele só dá logo 5
 milhões, dá cara. Naquela época era um beco de dinheiro -
 isso equivale hoje a 20 milhões ou 30 milhões de cruzei-
 ros - para comprar equipamentos e checar os edifí-
 cios. Logo depois, eles entraram em contato com o Marcos
 Viana, do NDE, Telêmaco Ferreira.

- R.G. - Eles entraram?
- S.V. - Sim sr. O Felício parece que já os conhecia da CAPP - o Felício tinha trabalhado na CAPP - mas estava desconfiado, aquele negócio não saía, o dinheiro. O Marcos Vianna tinha no prometido 5 milhões, mas a coisa não saía. Um dia o Rogério veio desmanchá-lo...
- T.V. - O Rogério já estava aqui?
- S.V. - Já estava aqui.
- T.P. - Trouxe pelo Sérgio Porto?
- S.V. - Trouxe pelo Sérgio Porto, Marcelo Dary, etc. e por isso, porque afinal fui eu quem os trouxe, eu tinha um trunfo muito grande, que era o Ministério da Fazenda, daí foi feito. O Delfin Neto é um talento matemático, grande matemático, aplicado a Economia e muito amigo meu, que eu fui... A Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de São Paulo foi feita na minha casa, embora tenha por mim. É próprio... Eu me interessar com alguns economistas, mas fui eu quem exigiu que se passasse Estatística Matemática no curso de Ciências Econômicas. Foi que a Estatística que faziam naquele então, era Estatística Demográfica, sabe, Estatística Atuarial, Demográfica, etc. Eu exigia Estatística Matemática, quer dizer, eu levei para Economia uma Estatística Matemática. E o

Delfia é um dos produtos dessa escola. É ele mesmo que eu tinha sido o fundador e ele sempre teve por mim um grande respeito.

Fui ao Delfia, pedi uma entrevista a ele, Ministro da Saúde e disse: "Delfia, olha, está acontecendo isto: não pedimos lá para o Delfia mas o Polício está encontrando dificuldades. O Marcos Viana está fazendo não sei o quê." Hoje, o Marcos Viana é ministro seu. Estava lá, corajoso, na, em Ribeirão, nesse último momento, onde ele fez uma palestra brilhante. - "Quem é que é essa história, Delfia! Você é quem dá o dinheiro". - Ele disse: "Ele está pedindo dinheiro? Peça esse telefone que eu vou falar com ele. Ah, Marcos Viana, está aqui o seu nome o paião. - Quem é? - É o Zeferino Vas. Você prometeu a ele 5 milhões. Ou você dá o dinheiro para ele ou nada do país. Porque eu devo as obrigações a você mas que dar esse dinheiro para ele. Eu sei que ele sabe aplicar bem". E, realmente, chegou os 5 milhões. Mas depois as portas se abriram e então a FINEP, depois a Secretaria de Tecnologia Industrial, quando chegou para desenvolver os planos de desenvolvimento tecnológico.

P. - Já era o Batista Vidal?

V. - Já era o Batista Vidal. E a UNICAMP se envolveu e se interessou, por causa do grupo que eu tinha de teleconferência.

ções. E desenvolveram para a transmissão o primeiro equipamento de sistema SSB de telefonia. 30 ligações no mesmo par de fios, porque só tem um. Construímos. O primeiro contrato com a TELEBRÁS foi de 7,5 milhões de cruzeiros. Construído o protótipo, testado de todos os jeitos, ótimo, fui chamado, então, já partindo para um outro contrato para 120 ligações num mesmo fio. E já estamos planejando o de 480. Nas a própria TELEBRÁS, eu contatei com o Nipper com o pessoal da física, eles desenvolveram alguns modelos de fibras óticas e Laser para telecomunicações. Mas o pessoal da TELEBRÁS é espetacular, porque eles não possuem só a parte tecnológica a sim, também, eles têm recursos para a preparação de pessoas humanas, de recursos humanos, pensando de no futuro.

O fato é que a razão estava oculto; quando você tem grandes honras, primeiro o reitor tem autoridade moral para te lá gritar: "Cente, eu preciso de dinheiro por isto, por isto e por aquilo". Profundamente convencido com estas, eu eu convicção você transcrita. Segundo, você tem que ir se vai gente de fora. Agora, a quantidade de gente que vem procura para contratos, para projetos é enorme. E os pagamentos foram crescendo, porque eles foram sentindo que, realmente, isto aqui estava em bases muito sérias. Mas não era só o crescimento tecnológico que eu fazia. O grupo de economia tinha estabelecido a ... O grupo de Filosofia, o grupo de Sociologia, o grupo de Meteorologia.

Eu trouxe dois ingleses. Um é Peter Flynn, um sujeito forte, ótimo. É gente, realmente, de primeira. O grupo de Artes... Quer dizer, contrato o Nathan Schwartzman, que é o melhor violonista brasileiro, Fernando Lopes é um dos melhores pianistas do Brasil. Trouxe um americano, Allan Souch, que é um celeste de primeira qualidade. O Renato Juarez, grande maestro, estava aqui dando sopa, vivendo de cachê. Então, eu contrato para a UNICAMP dando uma posição sólida.

T.P.

- Nessa evolução toda, a universidade evidentemente fixou um pouco na dependência estatística de apoio governamental, principalmente nessa área tecnológica. Isso não costuma trazer também a universidade um pouco de perda de sua independência, para buscar o seu caminho científico?

E.V.

- Absolutamente. Nunca nos impuseram nada. Nós escolhemos o que queremos e quando é conveniente para o ensino e para a pesquisa, porque o que se tem controlado de maneira não para trabalhos de pesquisa básica, através desses convênios, vocês não podem fazer nada. Compramos equipamentos das duas áreas através de convênios. Por exemplo, nós temos um microscópio no Instituto de Física, o microscópio eletrônico, com um nível de resolução e nível de ampliação que permite fazer radiografia de moléculas, e que não é possível fazer sob condições Hitachi e Perkin-Elmer. E

uma associação do Hitachi à Bertinelli. Como é que eu po-
dia ter esse equipamento? Foi através desses convênios. O
que nós temos lá em matéria de Física do Estado Sólido, pro-
dução de azoto líquido, circulação de hélio líquido pelos
laboratórios, laboratórios de Laser, temos os equipamentos
muito sofisticados no nível do horizonte do conhecimento,
não prejudica as coisas, ao contrário, é um erro essa sug-
estão de que porque faz convênios e associações a universi-
dade fica arrastada por qualquer forma. De forma nenhuma.

- 2.F. - Não, por questão - uma hipótese de tipo provocativa - eu
sou muito dubioso que é aplicável em tecnologia pelo governo
federal, ou digo FINEP, se ele tirasse de uma hora para
lá outra hora é que a UNICAMP se vai?
- 2.V. - Não sei. Os equipamentos estão lá, os cientistas estão lá,
eles vão continuar trabalhando.
- 3.V. - O sr. não sente uma certa preferência por trabalhos que a
Universidade possa prestar, que sejam tecnológicos ou mais
imediatistas, por parte do financiamento governamental ou
não?
- 2.V. - Não há por necessidade social imediatas, mas isto é uma
das funções da universidade, satisfazer necessidades so-
ciais, é obrigação. Ela não pode alinhar-se de modo indebi-
do com a universidade, pois é aquilo que eu disse de há

oio, ela tem que sair fora de seus muros, ela tem que ativamente, mesmo quando o governo não lhe dá recursos. Ela tá na área educacional lá em Campinas, na Faculdade de Educação, no ensino pré-primário, primário e secundário um do que problemas de metodologia, de deficiência de professores... Outro dia tivemos uma reunião de reitores e o padre Maxwell, da PUC do Rio de Janeiro, declarou lá que uma das razões das deficiências do ensino universitário é a má preparação dos estudantes que chegam para a universidade.

Eu pedi: "Olha, padre Maxwell, dá licença para um apêndice. Estou farto de ouvir isto, todo mundo sabe o pai aqui no ensino secundário. Agora quero fazer-lhe uma pergunta: O que que o sr. tem feito? O que que a sua universidade tem feito no sentido de melhorar esse ensino secundário?" Ele disse: "Ah, mas não é função nossa". "É porque o ensino secundário é ministrado por professores que o sr. forma; se ele é mau resulta de seus professores que o sr. forma".

É a universidade foi investigar, relativamente, quais são os fatos, quais são as dificuldades-quais são os erros? A minha está dentro desta, está fazendo esta pesquisa. As deficiências do ensino primário, em que a instrução está interferindo? Em que que as técnicas do ensino estão interferindo? Não estamos investigando isso. Não estamos de posse de sustento e documentação da nossa Faculdade de Educação.

ção. Não precisa ir procurar lá fora. Não precisa ir às trilhas do Xingá estudar a vida sexual das tapiniquites para encontrar motivo de trabalho original. Está aqui, está ao lado.

- R.G. - Tive uma oportunidade de ver uma defesa de tese sobre São
Lá Campinas.
- E.V. - Na quê?
- R.G. - Na parte de educação secundária de Campinas.
- E.P. - Campinas teria condições de gerar uma parcela dos seus pró-
prios recursos?
- R.V. - Está gerando, através de seus convênios e contratos.
- E.P. - Isso seria uma forma que vem a pedido dos projetos. Estou
na referência a esforços, por exemplo, como a CENIC.
- E.V. - Sim.
- E.P. - Isso é uma outra forma.
- E.V. - É uma outra. Mas nunca pensamos em autarquia, isso não.
O Estado tem que dar, é função do Estado. O que pode é a
Universidade aliviar os encargos sociais para o ensino...
Não destinar à área que não tem outra aplicação im-
ediata, ou não são fontes de recursos, ou as atividades de

mas, como Antropologia, como a Sociologia, como Política, como a Música.

T.P. - Por exemplo, haveria condições da Universidade de Campinas de beneficiar de patentes elaboradas na Universidade?

Z.V. - Perfeitamente. Agora acaba de ser desenvolvido lá, uma tecnologia de produção de massa de tomate, que é um Ovo de Colombo, que revoluciona a produção de massa de tomate simplificando tremendamente o processo, eliminando totalmente o consumo de energia para obter a massa de tomate com o mesmo rendimento. E não só o volume de energia, a quantidade de energia gasta, mas também o volume dos concentrados, o tamanho brutal dos atuais concentrados, que custam uma fortuna em fardo importável e são importados, por uma introdução de uma tecnologia que é um verdadeiro Ovo de Colombo.

Se invés de pôr o tomate integral no concentrado para fazer a massa de tomate, depois de tirar a película e o tomate, primeiro separa o soro da polpa propriamente e só concentra o soro. Só concentra o soro. Quer dizer, o volume que você concentra é pequenínimo. Depois você mistura esse concentrado de soro com o de massa de tomate e faz uma mistura homogênea. Não perde a palatabilidade, não degrada nenhuma proteína daquela polpa de tomate, gasta a mínima parte de energia e concentra num volume cinco ou seis vezes menor. É um Ovo de Colombo revolucionário e importante.

nal, e é claro que nós vamos participar dessa...

- R.C. - Professor, que proporção do orçamento da UNICAMP vem de doações espontâneas, vem de prestação de serviços e empresas e vem de contratos com agências governamentais?
- R.V. - No momento, eu diria que 80% é do Estado.
- R.C. - Doação?
- R.V. - Dinheiro, 15% de empresas governamentais - FINEP, FINEC, etc - e 5% (mas um pouco, talvez, eu não tenho esse balanço assim) são de contratos com empresas privadas, ou parcerias tais ou economia mista. Porque nós temos contratos com muitas empresas. Os números não estão exatos. Eu diria 70% do governo do Estado, 20% de ... Porque a UNICAMP nós dá 120 milhões. É um contrato substancial e, não do que se eu, ela está construindo o seu Instituto de Pesquisa próprio da UNICAMP, junto da UNICAMP.
- R.C. - Isso é a primeira vez que acontece?
- R.V. - Ah, sim! Claro! Junto a UNICAMP por quê? Porque ela tem apoio logístico, científico de base, que é o que estamos a ela. E assim outras empresas. Que dizer, empresas que eu no polo de atuação como. Quando o quê? Quando que eu contratos. Então, você não, disse sempre a atuação de importância fundamental - ciência, ciência, ciência!

- T.F. - Um dos grandes perigos é a universidade crescer, isso significaria que de alguma maneira ...
- S.V. - Em planejamento de longo prazo - 15 mil alunos no máximo, e não 15 mil!
- T.F. - Como é que essa limitação está embutida no ...
- S.V. - É o estatuto que... Claro, sem as que fazem às vezes.
- T.F. - Isso estatutariamente está definido.
- S.V. - Está sim, claro. Isso é autonomia da universidade, autonomia didática, pois não queremos mais. Fugam para lá! Como se fez a Faculdade de Medicina da Ribeirão Preto, quando São Paulo sofria aquela pressão de gente que queria entrar nela. Pa que entre! Sei muito seis meses a funcionar. Porque a uni versidade do México com 200 mil alunos - você estava lá, você sabe que aquilo é uma bagunça! A de Buenos Aires com 200 mil alunos, o que é isso! Isso não é universidade, não é nada. Mesmo São Paulo já não é uma universidade. Então não é.
- T.F. - USP está com quantos?
- S.V. - 40 mil alunos.
- R.C. - (BRUNO) está com 5 mil?

E.V.

- 3 mil. Mas nós não temos curso de Direito, nós não temos curso de Letras. Nós temos o Instituto de Estudos de Linguagens, porque os Institutos de Letras nosso o que são? São conglomerados de línguas e literaturas - francesa, alemã, árabe, etc. Qual o denominador comum de todas elas? Não tem. Eu só criei o Instituto de Letras quando pude levar o Antonio Cândido para lá, que disse, a mim, a figura do crítico literário brasileiro. Eu levei lá um livro contando o Antonio Cândido para lá. Mas não se pode chamar-se Instituto de Letras, chama-se Instituto de Estudos de Linguagens, que tem dois departamentos: um departamento de Linguística e um departamento de Crítica Literária, de Teoria Literária, que dizer, dois departamentos que são as bases ou alicerces de qualquer língua ou literatura. Então, o que se importa é criar fundações sólidas. Mas enquanto esperava o Antonio Cândido mandei para o exterior 8 ou 10 indivíduos que foram lá fazer mestrado de Linguística teórica e também doutorado. Então, eu já tenho minha crítica. E de teoria literária o Antonio Cândido que está no Indonésia, e eu tenho já em tratados uma porção de gente lá, de alicerce teórico.

Y.P.

- Quando a universidade ainda era muito pequena, quando o sr. levou para lá o Berg, era relativamente fácil fixar uma orientação, uma linha de pesquisa, definir por onde

co ia, que tipo de ciência ia fazer, etc. Como é que isto está sendo institucionalizado agora que o campo científico é muito mais complexo? A escolha de linhas, a opção por esta linha científica?

- 3.V. - Liberdade total. Eu não interfero no que o cientista quer fazer. A corrente de pensamento mais universalizada é centrípeta, numa empresa de produção de bens ela é centrífuga. A universidade é uma de produção de cultura, é o grande núcleo sobre do espírito humano, mas é uma empresa de produção e eu a trato como tal.

Para as atividades estas, os princípios são os mesmos, unidade da atividade esta, então os princípios são neutrais. Mas para as atividades fin, numa empresa de produção de bens, e se eu quero produzir uma engenharia de cálculo, a empresa tem um chefe, um estado maior pensante que busca um novo tipo de engenharia e estuda todos os detalhes da engenharia, a liga metálica, medidas exatas, corretas. Isso é o estado maior que determina, depois sai a ordem através do engenheiro operacional ou mestre-de-obra e vai ao operário, que tem aqui executar exatamente aquilo que foi determinado. Ele não pode alterar em absoluto a espessura da engenharia. Numa empresa de produção de cultura, como a universidade, a corrente de pensamento é centrípeta. Ela nasce na periferia, nasce no cientista que é o executor da atividade de fin. E ele o grande especialista, é ele que apronta toda o pensamento, que busca a criação nova. E essa corrente

de pensamento vem ao centro, vem ao rettar.

E a função do rettar, que é difícil... A grande dificuldade de do rettar não é distinguir entre o certo e do errado, é distinguir entre o certo e o certo. Qual das propostas pegtas num certo momento parecer mais enfase, mais relevantes, mais opido. Mas ela nasce de lá, se não ingreho, é claro que se terão equipamentos de criação, de invenção, de física ou de estado sólido e os cientistas não devem ficar, dificilmente eles vão propor uma pesquisa de física nuclear porque não dispõem de equipamentos. Certo, mas eles têm liberdade total e liberdade de se articular com cientistas de fora da universidade, de institutos, de outras universidades. Programas com outras universidades não tocam uma quantidade.

R.G.

- Como é que se dá dentro disso, quer dizer, paralelamente a isso, a escolha dos chefes de departamentos e dos coordenadores dos Institutos e Faculdades?

R.V.

- Bom, a escolha dos coordenadores é livre.

R.V.

- Mas é uma indicação do sr.?

S.V. - Minha nomeei o Sérgio Porto Coordenador dos Institutos e o Rogério Coordenador das Faculdades.

R.G. - De reitor.

T.F. - Estreita coincidência que o sr. tenha conhecido osterance deis físicos e dois físicos de uma mesma orientação acadêmica.

S.V. - De mesma origem, mas não têm a mesma orientação, e são realidades diferentes.

T.F. - O sr. que é da área clássica.

FIM DA FOLHA 4-8



8.V. - Aquela pergunta ...

7.V. - Sobre o sr. que é da área zoológica.

8.V. - Eu não fiz propriamente uma distinção entre de personalidade de. Eu fiz pelo status científico muito alto. É o Boquério de pai na Faculdade - ele era diretor do Instituto de Física em - e ele sentiu depois de quatro anos que era melhor ele passar a direção do Instituto de Física para o Ripper, que era realmente um sujeito também altamente destacado. Assim como que o Boquério Gurgel é um espírito muito bom. Ele, além de grande físico, físico do Estado Sólido - ele trabalhou também na Bell Telephone como chefe de grupo de pesquisas. Ele é um especialista em física, faz mestrado logo superior, ele era conferencista de universidades agrárias, além disso ele é um poeta de alta sensibilidade, além, leram muito o Fernando Pessoa.

Além disso ele é um naturalista - o naturalista que ele tem ali perto de Copacabana é um pouco zoológico, com animais de todos os tipos. Ele cria azedas e aranhas, ele cria os filhos dele criam animais com frequência. Quanto todo mundo, eles vivem com eles e tal... (Chamam) não tem perigo nenhum. Mas tem tudo, bicho da Amazônia que ele conseguiu e gosta e dedica as ciências naturais. Ele é um naturalista. Mas é muito em direção. (Chamam) 15

ças de teatro impressionantes e diáspora problemática. Portanto, ele tem até livros publicados e tudo ele faz bem. Agora, eu não sei quando ele desça, entendo é um problema para mim que até hoje não resolvi. E as faculdades, como são de um nível profissional, tem que ter uma base científica sólida e uma diversificação maior de atividades e essa capacidade dele de diversificação, entre essas áreas de ciências biológicas é que se levaram a pô-lo na direção das Faculdades, como coordenador, porque tem facilidade de Medicina, Ciências Médicas, Enfermagem, Odontologia, tem os cursos de Ciências Biológicas. Enfim... Então, ele foi para as faculdades e o Sérgio portu, que é físico, e é físico mesmo de altíssimo padrão, ficou na direção dos Institutos. Essa é a explicação que eu posso dar a vocês. Mas é porque vocês são muito respeitados pela comunidade e pela altitude científica.

T.F. - Eles são indicados pelo departamento, numa espécie de uma lista tripartite?

J.V. - Não sr. Os coordenadores foram escolhidos por ele, em uma, com o coordenador geral de Administração, e eu tive a sorte de encontrar um senhor que é um gênio de administração, as atividades dele, lá, são centralizadas mesmo, e não gostamos muito, hoje, as atividades dele, quer dizer, em administração. Mas eu sempre li o organograma da universidade, o que se operava muito das grandes empresas tem or

ganização,

T.P. - Quem foi o pai desse sistema?

T.V. - Bem, eu fui o criador e eu tenho um pouco espírito de autêntico destruidor, mas encontrei no ZENIR BARROSA, esse tal paleontólogo diabólico, inteligente, um aspecto extraordinário. Quem me indicou o Zenir foi o Lattes. O Zenir era segundo escrituração aqui da universidade de São Paulo, e um dia o Lattes, já em Copacabana, me procurou e me disse: "Oh Zefreiros, você sabe de uma coisa, eu vou te dar um conselho, vá se você tem para você um rapaz chamado Zenir Barroza porque você sabe que eu sou o tipo de sujeito complexo e não posso lidar com as coisas e tenho uma série de problemas insuperáveis de interpretação. As coisas estão todas atrapalhadas e ele se resolve os problemas com uma rapidez assombrosa, em contra solução adequada para isso, peça esse conselho!"

Eu eu disse ao Zenir. E tive uma conversa com ele de duas horas. Ele também, assim, segundo escrituração de Universidade de São Paulo. No caso de duas horas, eu disse: "Finalmente, você quer ser o Coordenador Geral de Administração da Universidade?" Ele quase caiu de costas! No final, eu me despedi dele logo. Depois disse que eu tenho sorte! Não se trata de sorte, conversando com ele, vendo problemas, eu

vi que agilidade mental está ligada para resolver proble-
mas de Administração, Tribunal de Contas, que era uma con-
plicação dos denários. Ele sabe tudo, o desafortunado. E es-
sas coisas que você recebe à última hora, você não quer
contar mal e então como é que você vai fazer para não con-
tar mal então, você aloca essa coisa num negócio - aquela
que você pode, no ano que vem, voltar de novo para aquilo
que você quer. Então, é um homem disolvidamente capaz.

É na Universidade Geral de Universidade está o Paulo César
Reneu, que é uma espécie de vice-reitor, que é muito dan-
tado em figura de gente, de habilidade, de bom senso, de
pê-no-chão, porque o cientista é muito estereotipado. Ele
paga o sargento forte ou o boêmio - "Oh, gente aqui vão
aterrizar aqui, porque se não não vamos para estratocôsmo.
"E eles acreditam, porque ele argumenta, ele é inteligente,
ele percebe, ele compreende o cientista. É uma grande figu-
ra. Mas é muito importante acrescentar que na Universidade de
Campinas a corrente de pensamento nas atividades fin. é
centrípeta, nasce da periferia para o centro.

Nas este centro, que no fim é o reitor, está a par de tudo.
E quando eu sei que um sujeito faz um coisa interessante,
que o seu milhar de sítio produz uma variedade de milho,
chama-se variedade de milho, que realmente é importante
para a economia do país, que é um lucro a mais, eu digo,
lá o reitor fala mesmo com todos os cientistas ele conta

tu. Então, ele se conta, detalha tudo. Bem, e qual que está te faltando. O que precisas, não precisas... e eu digo: "Ótimo, que bom!" "Então, eu sei lá e ela sente que alguma coisa mexeu com o trabalho."

R.G. - Ele fica a impressão de que a UNICAMP é muito do sr. ...

C E.V. - Tem muito do mim. Tem da alma, do espírito, do cientista que sofreu esta influência maravilhosa de homens como o Irving, o Deiva, Dreyfus, que sabe os conceitos de um cientista.

T.P. - O sr. fez o paralelo do reitor com a figura paterna.

E.V. - Exatamente. Reitor que disciplina: - "Não sr, isso você não vai fazer coisa nenhuma, não vai fazer, por isso é por aquilo."

E.V. - Mas isso no âmbito uma impressão também.

C E.V. - Qual é?

R.G. - É o problema do sr. vaiado, como fica? Se existam mecanismos institucionalizados para que seja garantida, por si só, a continuidade dessa obra.

E.V. - Porque eles aprenderam com ele.

R.G. - Como se dá a nomeação do reitor, através da lista tríplice?

- X.V. - É uma lista triplata, ou sexupla, não importa, que vai do governador e o governador moria. Mas eu não vou sair da universidade, eu vou continuar. A presença física ainda é importante.
- X.F. - Fazendo um pouco paralelo com o Sr. Dreu, Campinas ainda não alcança a maturidade?
- X.V. - Total não, porque aqui é uma universidade que eu tenho 1300 professores. Não é uma bicentésima. Lá é 80, 90, 100 professores. Aqui são 1300, dos quais 230 estrangeiros e eu convivo com esses estrangeiros quando eles vêm eu não tenho uma longa conversa com eles, acordando o que vai acontecer com eles numa primeira fase em que tudo é gentiloso, depois vem uma segunda fase em que eles vão sentir agressividades, depois essa fase passa e eles aprendem a fazer as regras algébricas dos outros, ver qualidades positivas e negativas. Quando a resultante é positiva o relacionamento se faz. Eu não perco trinta segundos para resolver um problema técnico, porque esta vasta experiência exterior aparece. A solução imediata.

Eu perco sessenta, às vezes, para resolver problemas técnicos. Porque há coisas incríveis - porque o professor físico pode ler em minutos, com outro só falar 10, dez minutos de leitura. Então, aqui esse método, não tem nada e eu não gosto. Eu na figura do Chico Mendes, depois trinta ... vezes ...

visto o Chico Anísio, o progresso?

- T.F. - Não, ultimamente não.
- Z.V. - Ah! Você está perdendo um espetáculo. Você não tem visto o Chico Anísio?
- T.F. - O Chico City.
- Z.V. - O Chico City, bom, então, eu não vou falar porque ... Tem uma figura de um sujeito, ele conseguiu desferir, tem cara de antropóide, que é capaz de sentir uma conversa idiota. Ele tem uma qualidade fabulosa, ele tem honra de honesta - humana já chega perto, ele já dá color, mulher ele já fica roncando. O Antropóide. Mas, enfim, problemas humanos sempre constantemente, são naturais nos contatos humanos e há um certo relaxamento para eles às vezes é descontra, outras vezes é mais simples. Inveja, ciúme, e isto existe em toda a comunidade. Os cientistas, quase sempre, têm aspectos infantis impressionantes, porque a maturidade espiritual vem por nada que use uma inteligência e cria a cultura. Você tem homens maduros, eu tenho notoristas, - bofet de consócio regular, equilibrado e você tem cientistas neuróticos, distorcidos de problemas, com atitudes infantis impressionantes, mas com eles são muito inteligentes, eles racionalizam muito, dão uma capa de materialidade à infantildade, mas a única especialidade é tirar toda uma complexidade e analisar. Olha,

a criancinha aqui, filho, vamos deixar de ser bobê ... "É a minha especialidade. Porque é maravilhoso e a gente tem de considerar que a natureza é assim.

É uma realidade e você tem que fazer coisa séria, se o resultado é positivo tudo bem, se não, aí eu tenho não libeção. O indivíduo que não produz nada, universidade não fica lá. Eu dou prazo, dou tempo, mas eu chamo e digo: "Olha, gente, você precisa produzir se não eu vou para fora". Porque eu sou muito egoísta. Quando você está produzindo algo novo, 90% é para você, mas 10% é para mim, para o reitor. Eu tenho uma corretagem nesse aspecto. Ora, se você não produz, eu não tenho corretagem nenhuma e não me interessa, nem a você e nem a universidade. Então, formalmente, é preciso que ele produza cientificamente. Eu não quero saber da quantidade de trabalhos, eu quero saber da qualidade. Mas eu dou estímulo ao que produz e trato diferente o que produz daquilo que não produz.

Porque o grande sal das grandes instituições, e esse é um dos grandes males do gigantismo, é que você tem um todo X e você distribui em partes iguais para todos, sempre ou não sempre. Porque você não pode pôr no computador, e esse é a distinção, quantificar o trabalho cultural pelo número de trabalhos. Uma empresa multinacional pode ser cinco vezes, você acrescenta a estrutura do computador e você controla a produção, a renda, o mercado, porque tudo é quanti-

ficando, pois você não quantifica a qualidade do trabalho produzido. Então, essa era que ser julgada por talento e a capacidade de julgar é limitada. Você não pode julgar além de um certo número. Por isso que uma universidade não pode crescer indefinidamente. É um dos outros fatores limitantes, porque você não pode quantificar a qualidade da produção da cultura, a didática, a produção científica original e os trabalhos de extensão à comunidade.

Exemplo de extensão à comunidade, programa populoso de extensão que a universidade pode e deve resolver. Proibição do câncer uterino e do câncer ovariano está devastando mulheres aí. Bom, toda universidade que se preza, que tem uma faculdade de Medicina, cada um um serviço de Ginecologia, tem que ter um serviço de Citologia para fazer o Papá Nicotau e detectar o pré-câncer. Ninguém faz nada. Há nove anos atrás, chamo o diretor da Faculdade, o professor Pinotto, e digo: "Olha, Pinó" (que era o professor de citotricial) "Pinotto como é que vamos fazer o câncer uterino? Vamos trabalhar, você tem citologistas bons, então nós vamos procurar como atrair mulheres para serias exames."

"Elas não vêm, primeiro por problema de poder, segundo por ignorância. Então, procuramos todos os médicos dos sindicatos operários, do Serviço de Saúde, do SUS, Serviço de Saúde Municipal, Serviço de Saúde Estadual: "Certo, toda mulher que vier aqui para exame, por qualquer que seja o motivo, você paga um Papá Nicotau, não fazemos de graça e

estava trabalhando em benefício dela".

E assim firmos. Até hoje, não já encontramos ao real mulie-
res de Caspitas e vocês podem imaginar que já estavam com
bom de vida preciosa, detectando no pré-natal e que
rando no momento preciso de câncer uterino e da
sanário. Por que as outras não fazem poucas coisas se
preocupa com os outros. Ninguém se preocupa com a saúde
de. Problema de produção industrial - só o município de
Caspitas tem 1204 indústrias, uma grande quantidade de pe-
quenas e médias indústrias que são de antigos operários in-
teligentes, ambiciosos, começaram com uma fabricação de
fundo de quintal, foram progredindo, hoje têm nos
pequenas lojas, mas eles ignoram alguns princípios elemen-
tares de administração.

A propensão de custos, quanto custa esta coisa que você
está pedindo atualmente? Quanto fatores ele não conhece
na; princípios de layout, a disposição física dos equipa-
mentos para a seqüência da produção; alguns princípios -
níveis de marketing, como alcançar o consumidor; como fazer
um projeto para pedir um financiamento para BANCOP ou FINEP,
eles têm que pagar corretores intermediários que cobram
10% e depois ainda dizem "ah, precisa dar um projeto para
fulano" que, em geral, é mentira. Não conhecem, então, in-
to em cursos de Administração para pequenos e médias in-
dústrias. Conhecemos há nove anos atrás. Já damos para 650

industriais e são cursos para no máximo 20, de dois meses, de 7:30 às 11:30 horas da manhã, poucas aulas teóricas e demonstrações práticas nas fábricas dos cursos, com experiências espigantes. E cada um deles, terminado o curso, é obrigado a fazer um pequeno relatório, o que mostra com a sua indústria como consequência do curso. O aumento da produtividade com o menor custo é um negócio incrível.

Mas quem se preocupa com isto? E qual foi a consequência? O que a universidade ganhou? A comunidade ganhou evidentemente. O que ganhou a universidade? Ganhou a confiabilidade da indústria e não precisa fazer o levantamento, o levantamento industrial de Capinas e agora, de todos os 28 municípios da região de Capinas, que é o único que existe no Brasil, com todas as firmas, com o cadastro, a ficha completa de firma com todos os dados, de capital, número de operários, de matéria-prima, de produtos, distritos, tudo, tudo. O índice alfabetico dos produtos elaborados com os números. Cada firma é numerada. O Ministério da Fazenda não tinha, a Secretaria da Fazenda não tinha, bancos não tinham, não estavam dando base para todo mundo.

Mas quem faz estes levantamentos? Foram estudantes de economia que Ninguém consegue isto, porque as indústrias tem sempre a presença de alguém governamental, nas reuniões no INCEM? Então, os nomes cuidadosos vão e os nomes cuidadosos entram em contato com realidade. Então

contribua para a função educativa da universidade, não é um garbo ageno da comunidade, a universidade está ganhando. Os nossos professores de Economia e de Administração têm uma outra visão da Administração em função da realidade das pessoas e não daquilo que eles lêem em livros americanos. É em outro tipo de ...

- 7.V. - A minha preocupação, um pouco, é a seguinte: é quanto à constatação de que isto é possível no Brasil, mas sempre criando uma coisa nova, porque aparentemente o velho, o que existe, resiste tremendamente, ...
- 8.V. - Não, resiste brutalmente. É preciso essa metocietista de pegada que quebra asfalto surper com covada de asfalto que impermeabiliza, que fica entre o crânio e o cérebro por priamente dito. É Garó, covada, filho! Agora, há uma poção de universidades novas que estão aparecendo e vão estar difundindo isto para todo Brasil, trabalhando por todos os meios, difundindo, difundindo, pregando, pregando. Saem dessa rotina, saem das paredes, vão à comunidade, ela precisa de nós. E não prejudica nada o trabalho da universidade, ao contrário, enriquece a universidade de ciência na técnica, de Sociologia verdadeira, de Sociologia de realidades e não Sociologia de livros, de soluções atmosféricas, propor soluções viáveis.

Então, é isto o que se tem feito e é isto que explica o sucesso da UENFAP. É a produção científica original, em todas as grandes revistas científicas do mundo. Cuidamos de fazer profissionais de profissões que não existiam no Brasil. Foi a primeira que criou o curso em Ciência de Computação, já há oito anos atrás, formar o bacharel em Ciência de Computação, analista de sistema, programadores, etc. Engenharia de sistemas, Engenharia de alimentos que não existia, quando as indústrias de produção de produtos alimentícios têm o maior número de capital de que qualquer outra, com exceção da de petróleo. Isso nos fazemos muito das coisas. E os cursos formados são chamados assim. Os cursos formados em computação são absorvidos. Traz cursos que não existiam nas nossas universidades, uma outra forma de inovar.

Então, quando eu aceitar o desafio é que eu partia do ponto zero sem preconceitos e sem interesses pré-estabelecidos, totalmente como eu fiz em Ribeirão. E com liberdade, autonomia, e sempre aplicando recursos, primeiro em capital humano. Lá vocês não encontraram nenhum elemento humano, nenhum padrão acadêmico. Tivemos uma restrição de recursos este ano de 1977, uma recessão. Muito bem adquiriram as coisas a quarta parte. Ah é? Não posso deixar de elogiar os meus cientistas, então, pessoal a fazer parâmetros de tipo industrial, pastilhas de 1100 m², cinco metros e meio de pé direito, estruturas de ferro, 15 metros

de largo por 70, corredor central de três metros, nichos de três metros ou seis por seis, nos extremos. Você pode fazer laboratório ou salões de leitura, ou salas de aula com índice de aproveitamento de 95% da área construída. E na custa a quarta parte do preço da construção convencional - aqueles prédios de concreto que os arquitetos acham de galinheira, lá, ao invés de 10 mil cruzetas o m² custe a 2500 o metro. Então, eu fiz 13 classes possíveis. São 15 mil metros quadrados que eu construí...

3.2. - Um ano de processo.

3.3. - Um ano de processo. E todos estão encantados. Apesar todo mundo que daquele, porque é cômodo, é confortável, é muito tilado, a ventilação é ótima. Adaptar-se às circunstâncias, a realidade, não fugir a elas e dizer: "ah, não! Eu não posso fazer nada porque não me dão recursos". Que é a atitude do negativista, atitude do sujeito que não quer fazer e arranja sempre como pretexto a falta de recurso. E quando lhe dão recurso, perdem os prédios imediatamente e daí pois não tem recursos para mais nada. Assim não se faz uma universidade. A Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto foi feita em prédios velhos, da Escola Prática de Agricultura, galinheiro-laboratório da Clínica Médica. Isto não interferiu em nada na produção e na qualidade dos exames feitos ali.